FON FON
ANNO XXIV — N. 1
Rio, 4 de Janeiro de 1930
PREÇO: 1$000

desapparecem
repentinamente com
dois comprimidos
de

Cafiaspirina

que, além disto, restituem ao organismo o seu estado normal de saude.

A CAFIASPIRINA

é absolutamente inoffensiva.

A CAFIASPIRINA *é recommendada contra dores de cabeça, dentes, ouvidos, dores nevralgicas e rheumaticas, resfriados, consequencias de noites passadas em claro, excessos alcoolicos, etc.*

BAYER

O conto brasileiro

O Pequeno Paralytico

De PERILLO DOLIVEIRA

Em seu redor, attentos, alguns sentados, de pé uns dois ou tres, ouviam-no os garotos. E elle dizia:

"Nosso Senhor ia passando pelo meio daquelle povão e viu o pobre ceguinho. Teve pena. Ahi cuspiu no chão e com o cuspo fez um bocadinho de lama. Depois passou a lama nos olhos do ceguinho e elle, de repente, ficou vendo..."

Era assim, nessa linguagem simples, que elle se fazia ouvir. No seu olhar de creança parecia boiar a esperança de que, si Jesus voltasse ao mundo, realizaria com elle um milagre identico. As suas pernas bambas, desconjuntadas, inuteis, com um pouco de saliva, se tornariam vigorosas e sãs.

Quasi todas as noites elle tem uma nova historia para prender a attenção dos seus amiguinhos.

A's seis horas, quando a cidade se illumina, lá está elle no oitão daquelle cinema de provincia, que é o preferido da gente rica. O seu auditorio é composto de seis ou oito pequenos vendedores de roscas e amendoim. A's vezes, fica só, e canta. Canta baixinho, repetindo as musicas que a orchestra do cinema executa... Baixinho... Canta para os seus ouvidos, para sua alma, para os seus proprios males, como si os quizesse espantar.

Tem um nome bastante luxuoso para a sua miseria: chama-se Durval. E' paralytico. Usa muletas...

Emociona vel-o assim, com as suas pernas inuteis, tendo no olhar e na voz a resignação inconsciente dos que vieram ao mundo para supportar os soffrimentos irremediaveis. Entretanto, não parece tão infeliz como o julgamos á primeira vista. Ri quasi sempre, em companhia dos outros meninos. E a sua alegria parece a mais perfeita, porque é a mais sincera das alegrias. E' a alegria dos que sabem soffrer a vida, acostumados ao quinhão de miseria que lhes toca.

A sua vida se resume nisto: pedir esmolas, cantar baixinho e contar historias... E soffrer as pancadas que lhe dá a tia que o está criando, quando chega em casa com poucos tostões.

A' noite, no oitão do cinema, quando os que têm dinheiro se divertem vendo a elegancia de Menjou, o corpo de Madge Bellamy e as aventuras de Tom Mix e Hoot Gibson, poucos por alli passam. Então conta historias aos garótos ou, si está só, fica a ouvir a orchestra, que do outro lado da parede sonoriza o silencio luminoso das projecções.

Finda a sessão, o transito augmenta por alguns minutos e o largo passeio se torna estreito para tanta gente. E eil-o de novo a estender aos que passam a pequenina mão. Sorri. Dulcifica com os labios a eloquencia humilde daquelle gesto.

Parece conhecer pelo nome toda a gente da cidade:

— Cel. Trigueiro, não se esqueça do aleijadinho... Dr. Salles, cadê meu tostão? — Seu Dionisio, olhe a minha esmolinha...

O coronel Trigueiro faz que não ouve. O dr. Salles, muito joven, muito elegante, dá-lhe duzentos réis, num gesto largo e demorado, de modo que todas as mocinhas que vão passando vêem a generosidade do dr. Salles. O terceiro deixa-lhe cem réis com uma cara de quem dá o ultimo tostão por não ter nada melhor a fazer com elle...

A's nove e meia da noite, retira-se. Ouve-se o rythmo sêcco das suas muletas batendo no chão da rua. Mal toca o calçamento com a ponta do pé direito.

Sempre que o vejo, relembro o milagre do Christo, que elle contava naquella noite. Creio que si Jesus viesse outra vez ao mundo, acharia o pequeno Durval digno de um milagre igual ao do ceguinho da Biblia. Para isso seria bastante a sua fé, a fé que transparecia no seu semblante, naquella noite.

E o Nazareno dir-lhe-ia, depois de untar-lhe as pernas com saliva: "Vae, lava-te nas aguas daquelle rio, e volta".

E elle iria e voltaria curado.

Em verdade, como ha quasi dois mil annos, não faltariam hoje novos judeus para, depois do milagre, affirmar que o pequeno Durval nunca fôra paralytico...

O crime de salvar-se

De CHRLES GENIAUX

NUMA triste manhã de outomno, os pescadores de Plonevec assistiam a um officio funebre em memoria da tripulação do "Josué", perdido alguns dias antes entre os escolhos de Groumilly.

No naufragio haviam-se afogado quatro homens, e como todas as familias da aldeia estavam unidas por laços de parentesco a magoa attingia a parochia inteira.

Deante do ataúde vazio, as viuvas e as mães choravam. Os rostos cerúleos estavam semioccultos nos mantos negros. Os marinheiros, de pé no fundo da egreja, cabeceavam, pois a cerimonia era longa.

O cura acabava de dizer o *Libera*, elevando as mãos sobre o catafalco, quando fóra se ouviu uma alegre canção.

Os pescadores mais proximos da porta haviam sahido para castigar a irreverencia, quando se encontraram com um robusto joven que ria a gargalhadas.

— Bôa pilheria! — gritou. — Ahi dentro estão rezando por mim, e aqui me tendes.

— Tu, João Maloret! — exclamaram os pescadores. — Suppunhamo-te afogado.

E, entrando na egreja, gritaram:

— Vinde! Vinde! Maloret salvou-se!

Todos se precipitaram para o pescador, que sorria contentissimo

Uma joven, com o rosto ainda banhado em lagrimas, poz para traz o manto e logo se atirou aos braços de João, tocando sua fronte e suas mãos, como si duvidasse da realidade.

— Tu, meu João!?

— Sim, eu, Marietta.

Ainda estavam abraçados os noivos, quando chegaram os paes de Maloret.

— Milagre! — exclamaram. Oh, meu filho!... Quanto te choramos!

Nesse momento se aproximaram do naufrago tres viuvas, que lhe perguntaram com terrivel expressão de esperança e angustia:

— Que foi feito dos nossos maridos — Sourin, Labari e Vallon?

— Ah! — respondeu o salvado — esses, sim, é que não mais voltarão. O "Josué" abriu-se sobre os Groumilly como uma caixa velha e tudo o que havia dentro foi ao fundo.

— Mas, como escapaste tu? Os homens da Prefeitura affirmaram que não se havia salvo ninguem.

— E' que nessas occasiões a gente só se lembra de si mesmo. Quando vi que iamos ao fundo, saltei nagua e nadei para a costa.

Todos o escutavam attonitos.

— E não tentaste salvar algum de teus companheiros? — inquiriu um.

— Como havia de fazel-o, si todos desappareceram immediatamente?

— Poderias tel-os procurado melhor — disse a viuva de Sourin.

— E's tão covarde, que tinhas medo de morrer para salvar teus companheiros? — gritou, furiosa, a viuva de Vallon.

Marietta, assustada pelo aspecto que tomáva a questão, se aproximou mais de João.

— Não se deve voltar sem os companheiros — disse um velho pescador. Escapar só é um crime.

— Mas, é uma injustiça! — protestou João. — Vou, então morrer porque os outros não se podem salvar?

Maloret arrastou seu filho para casa, emquanto os pescadores, indignados, commentavam o caso.

— Como foi? — perguntou o pae, uma vez dentro de casa. — Empurraste algum para salvar-te a ti?

— Não, pae...

— Então, como não pudeste salvar nem um siquer?

— Não me preoccupei com elles... Pensei somente em mim.

Maloret ergueu-se, terrivel. E exclamou:

— Deshonraste minhas cans! Vae, e que eu não te veja mais por aqui!

No dia seguinte, na padaria de Plonevec, se reuniram os homens da aldeia, a commentar que o velho Maloret havia expulsado seu filho de casa, por ser covarde e máo companheiro, e que o rapaz tivéra que ir morar numa choça, perto da laguna.

Com effeito. O naufrago havia conseguido aquelle refugio, para pôr-se a salvo da ira de seus conterraneos.

Decorridos quinze dias, julgou que tudo teria sido esquecido e quiz embarcar em um *sardinhal*, mas os patrões se negaram a contractál-o.

Não queremos ter-te comnosco — disseram-lhe. — Si alguma vez naufragassemos, eras capaz de chegar aqui com as rêdes. Muito obrigado.

João pensou:

— O odio ha de passar com o tempo: esperemos.

Emquanto Marietta trabalhava na fabrica de conservas, elle ia á praia, á procura de trabalho.

Ao entardecer, Marietta ia, ás escondidas, levar-lhe a comida.

Uma noite, em que estavam ambos sentados nos degráos do *Calvario da Joie*, ouviram vozes mysteriosas, que gritavam:

— Marietta! Marietta! Como tens coragem de gostar de um afogado? João está morto!

O medo da rapariga foi tão grande, que durante um mez ella não voltou á choça onde João se consumia de raiva.

Afinal, como o pão lhe faltava e nem siquer por agua se atrevia a ir á aldeia, João adoeceu. Por toda a região se espalhára a historia do naufragio, e todos o olhavam como a um covarde.

A febre matou-o uma semana antes da festa da Candelaria, e então seus paes foram á choça.

Quando o cortejo funebre ia pela margem da laguna, onde revoluteavam petreis e gaivotas, os habitantes de Plonevec, reconciliados afinal com João Maloret, formaram um acompanhamento imponente, caminhando as mulheres com os braços em cruz e revezando-se os homens para conduzirem aos hombros o ataúde.

A' beira do tumulo, Marietta, soluçando, exclamou:

— Oh, João!... Tu não tiveste a culpa de haver-te salvo!

Mas todos os pescadores pensavam, que, em seu caso, era preciso salvar os companheiros ou morrer com elles.

M. C.

A ILLUSÃO INTACTA

DEPOIS de indagar aqui e alli, tive a lembrança de entrar num armazem.

— O senhor Emilio Rocha, que morava no numero 1890? — perguntei ao dono do estabelecimento.

— Mudou-se para o numero 2406 da mesma rua. E' uma casa de altos e baixos.

Agradeci, e sahi. E, emquanto caminhava, ia reflectindo que a melhor fonte de informação do bairro é o armazem da esquina. Como na cidade do Rio de Janeiro é rara a esquina que não tem pelo menos um armazem, a indicação não falha. Alem do mais, a abundancia de armazens faz com que cada um cuide de sua freguezia, e a siga em todos os seus passos. De modo que suas informações são as mais exactas que se possam desejar.

Cheguei ao numero 2406, e, depois de subir uma escada de tres descansos, com um total de trinta e sete degráos, me encontrei deante de Emilio Rocha.

— Filho! Isto é que é subir! — exclamei, exhausto, vencido pela fadiga.

— E' a unica maneira de estar perto do céo! — exclamou Emilio, alegremente. — Alem disso, aqui não me custa grande cousa ter pensamentos elevados... Descansaste?

— Fez-me passar ao gabinete, uma ampla sala de duas janellas.

— Ganhaste na mudança — disse-lhe eu. — Este gabinete de trabalho é mais commodo que o que tinhas na outra casa.

— Ganhei em tudo — assegurou-me elle. — Aqui ha mais luz, e mais silencio. Não me movia daquella casa porque, a despeito de meu espirito inquieto, me apego muito ao recanto onde moro. Blomberg disse, com grande acerto, que nas casas que habitamos fica um pouco de nós mesmos...

— Sim, é verdade...— concordei, pensativo. — Aquillo que nos é familiar toma um valor muito grande... Felizes os que podem morrer na casa em que nasceram!...

— Diabo!... Entristeceste! — exclamou Emilio, alegremente. — Não, meu amigo, não é para tanto. Eu me apego á casa em que móro, porque tenho cinco mil volumes para carregar, e, é natural!, sua trasladação é um verdadeiro cataclysma. Até depois de um anno não me encontro accommodado e familiarizado. Aqui já estou mais ou menos... Ouves? — ajuntou, recommendando-me que prestasse attenção. — Essa voz é da creada da casa de baixo. Quando os patrões estão fóra, berra que é um horror...

— E os patrões tambem?

— Não, os patrões não. E' gente educada, e creio que joven. Não os conheço, e espero não conhecel-os...

Olhei-o, esperando que me désse uma explicação.

— Agora verás.

E, fechando a porta para não ouvir a vizinha, que soltava toda a voz com um tango em moda, continuou:

— Certas tardes, quando a temperatura é agradavel, costumo abrir a porta que dá para a galeria, e sento-me a ler. Poucos dias depois de mudar-me para aqui, tive a attenção despertada por uma voz feminina da casa de baixo, que lia em francez. O natural seria que eu procurasse ver de quem era aquella voz, mas achei que, exactamente, porque era natural, não devia fazêl-o, e não o fiz. A principio, não prestei attenção á leitura, mas alguma vez em que não tive muita vontade de ler, me puz a pensar. Quem lia era uma voz feminina, fres-

ca, joven, suavemente timbrada, devia ter entre dezoito e vinte annos. Tinha inflexões interessantes, matizava bem... Lia em francez, e depois explicava em hespanhol o que ouvira a uma mulher, que lhe fazia observações e a corregia. Essa mulher, que devia ser senhora, a julgar pela voz, tinha um timbre agradavel, mas um pouco velado. Calculei que essa senhora teria cerca de cincoenta annos. Da maneira de tratar-se, deduzi que seriam tia e sobrinha.

— E' ter paciencia! Si verificasses, evitarias todo esse trabalho, inteiramente inutil.

— E perco um gosto! Escuta, e depois me dirás — exclamou Emilio, com gravidade. — Assim, como procedo, em vez de advinhar, imagino, e imagino a meu gosto. Bem. Até ha uns cinco dias essa diversão não me attrahia muito. Mas aconteceu precisamente sabbado passado, que, emquanto cortava as paginas de um livro, ouvi que a joven lia nada mais nada menos do que a descripção da *Noite de São Bartholomeu*. A' medida que avançava na narração dos horrores, a voz se tornava mais grossa e sonora, lia mais pausadamente, como si quizesse destacar os factos. Leu como o duque de Guise interviu pessoalmente no assassinio do almirante. E depois de morto este, foi o cadaver atirado, por uma janella, ao pateo, e, mutilado horrivelmente, foi exposto em publico em Montfalcon.

"Leu como o rei de Navarra e o principe Condé se fizeram catholicos para salvar a vida, e como Montgomery, o vidame de Chartrés, e outros huguenotes, que estavam na margem opposta do rio, puderam salvar-se depois de soffrer uma tenaz perseguição...

"Aqui se deteve a leitora em uma longa pausa, e depois leu, e immediatamente traduziu: "Isso o impunha a santidade da causa catholica..."

"— A santidade? — repetia, pensativa. Não, não póde ser. Como uma causa santa vae exigir o sacrificio de tantas vi- isso! Assim o conceito é póde ser...

"— Não obstante, — disse a voz da senhora, com maior mesúra que a habitual — si o chronista diz... Lê de novo... Talvez te tenhas enganado...

"A voz juvenil releu o ultimo paragrapho, e depois disse:

"— Aqui parece que diz *santidade*... O papel está rasgado... Caberia melhor *saúde*... Sim, sim, é isso! Assim o conceito é mais acceitavel. E leu novamente: "Isso o impunha a *saúde* da causa catholica..."

"Fez-se uma longa pausa, e, depois de um suspiro, disse a voz joven:

"— Por que será que todas as cousas bellas, as mais formosas, tiveram de ser impostas com grandes lutas e soffrimentos? As mulheres que mais amaram, os homens que quizeram melhor, foram os que mais soffreram... Será que não se póde alcançar nada de valor sem ter que soffrer?

"E outro suspiro, mais tremulo e mais profundo, finalizou a phrase...

"— Tolinha! — exclamou a voz da senhora, em carinhosa censura. — choras por isso? Ora!... Lê alguma cousa alegre. As aventuras desse impagavel Tartarin...

"Aqui terminou o dialogo, ellas foram chamadas para tomar chá, e eu não mais as pude ouvir."

— E' curioso — reflecti. — Mas insisto em dizer-te que eu não resistiria ao desejo, e já teria procurado vêl-as umas vinte vezes.

— Deus me livre de tamanha imprudencia! — — exclamou Emilio. — Assim, sem conhecer suas caras nem figuras, ellas são como eu as imagino. A joven, de mediana estatura, mais baixa do que ella. De cabello negro e longo e de olhos tambem negros e sonhadores... Lindo perfil e bocca expressiva. A senhora, de cabellos grisalhos e olhos claros. Com magnificos restos de uma grande belleza. Eu as imagino assim, de accordo com o que melhor conheço dellas: o espirito. E nunca, ouve-me bem, nunca!, procurarei conhecel-as. Seria imperdoavel dissipar uma illusão tão doce, tão grata...

Conversámos depois sobre outras cousas, e, ficando tarde deixei a casa de Emilio. Na rua, recapitulando sobre a nossa palestra, achei que Emilio tinha razão: a illusão é sempre superior á realidade, e trocar uma por outra seria o mesmo que dar moedas de ouro por moedas de cobre. Lamento não ter uma vizinha como a sua... Que magnifica janella aberta á phantaisa!

M. C.

(Illustracções de Marcelo Roberto)

HENRIQUE RICHARD LAVALLE

:: O CÃO ::

(DE F. DE MIRMANDRE)

— Acreditarás si quizeres — disse-me meu tio Emilio para occultar a contrariedade que experimentava por se ter perdido naquelle ponto, — mas nunca senti tanto calor como por occasião da minha ultima campanha na Argelia, ao sul de Ain Setra, em pleno deserto.

— Esta temperatura de hoje — respondi-lhe — é verdadeiramente africana. Estamos em pleno verão e faz um calor digno do Senegal ou de um dia de Pentecostes.

E o facto era que, naquella manhã, segunda-feira de Pentecostes, fazia um calor insensato. Meu tio Emilio me havia tirado de casa para fazermos uma pequena excursão, em uma comarca que elle conhecia muito bem, conforme dizia. Era já meio dia, e ainda não sabiamos para onde nos dirigir. Eu venerava meu tio e não me atrevia a julgal-o. Mas, para falar a verdade, eu não sonhava nem nisso, pois não tinha vontade nem de pensar paar julgal-o. Meu cerebro estava quasi em ebulição. Tirei o collete e procurei introduzil-o no bolso de minhas calças. Vã tentativa. Deixei-o, então, cahir, e o tio Emilio o apanhou machinalmente.

— Não se deve deixar perder nada — disse-lhe, com ar um pouco áspero. — Não se deve desesperar com o calor. Um pouco de coragem, que diabo! Tu não sabes, não podes avaliar o delicioso que é um almoço no campo, em pleno ar, depois de uma manhã tão quente como esta!

Aqui minha memoria se perde, como a agua de um rio sorvida pelas areias ardentes. Não soube de mais nada. Caminhamos um tempo que soube apreciar. Depois, sem saber como, nos vimos sentados em torno de uma mesa, sem toalha, na salinha baixa da casa de campo evocada por meu tio, o propheta, ante o cheiro fabuloso de um guisado incomparavel e um copo de vinho magnifico, collocado deante de nossos assentos. Que comida! Aquelle dia eu soube realmente o que é ter fome e comer.

Nosso salvador chamava-se Lavandou.

Meu tio Emilio reconheceu-o. Havia dez annos estivéra em sua casa. Que incontestavel verdade é que o mundo dá voltas, e todas parecidas!

— Si eu não houvesse ouvido o Bernabé grunir — observou o velho Lavandou — nunca me teria occorrido abrir, e o senhor passaria sem reconhecer a casa.

— Bernabé! — disse, assombrado, meu tio. — Mas ainda vive?... Eu contava doze annos quando o conheci.

— Aqui está elle — respondeu o aldeião.

Vi, então, rodar para nós uma massa infórme, escura, que grunia vagamente. Era o phantasma da caricatura de um cão de aguas.

— Não tem muito bôa catadura, pois completaria vinte e dois annos na canicula. E' um phenomeno, um centenario. Já não póde mastigar. Alimento-o com caldos... Pobre Bernabé. Conservo-o como um curiosidade, por suas recordações.

— Recordações? — disse meu tio. — Fez algum acto heroico?

— Sim, senhor. Palavra como foi acto heroico... Não ha outra phrase, estou certo.

"Devo dizer que esse animal, aos quatorze annos, começou a dar signaes de decrepitude. Estava enfermo, grunia muito e era quasi cego. Minha mulher, que então ainda vivia, me dizia a cada momento: "Mata-o. Não serve para nada. Será mais feliz morto." De tál mood, que acabei por crer que o pobre Bernabé seria mais ditoso morto.

Minha mulher me fastidiava com a mesma canção, e no fim de seis mezes resolvi agir. Foi numa tarde de inverno. Chuva, vento, trovoadas... Eu disse commigo: "Si é necessario que meu cão morra prefiro que seja hoje. Assim se pensará que foi a tormenta."

"Tomei meu capote de pastor, puz o chapéo de feltro, assobiei ao cão e sahimos a caminho de Gapeau, o riachuelo que fica nos arredores, a quatro kilometros daqui.

Chegados á beira do rio, me detive. Inclinei-me e vi que o riachuelo descia transformado em torrente. Segurei Barnabé, balanceei-o tres vezes, de modo que o pobre animal suppoz que eu o acariciava assim para adormecêl-o... Fui um traidor, um assassino!... Afinal, o atirei ao abysmo. Ouvi um ladrar de angustia, depois um ruido do corpo ao cahir nagua... Voltei para casa e só no meio do caminho notei que não trazia o chapéo na cabeça. O vento mo tinha arrebatado talvez no momento emque eu lançava o cão á agua...

— E então?...

— Então. Pela manhã, ao despertar-me, ouvi debeis ladridos semelhantes aos de Bernabé. Meus cabellos se eriçaram... Levantei-me apressadamente e me encontrei deante do pobre animal, que movia a cauda e que trazia entre os dentes meu chapéo... O chapéo que havia cahido ao rio juntamente com elle.

"O melhor foi que aquelle banho frio lhe produziu uma reacção. Elle ficou cego de todo, mas sua saúde melhorou notavelmente. Já está no ultimo periodo da decrepitude, mas nunca commetterei a ingratidão de attentar de novo contra sua vida. Elle se extinguirá como se extingue tudo neste mundo.

— Diz o senhor que elle só bebe caldos? — perguntou meu tio.

— E' o ultimo prazer que lhe resta.

E meu tio, ajoelhando-se, entreabriu a bocca do velho e leal cão, dando-lhe a beber um copo de bom vinoh de Vaz.

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados

Anno .... 48$000
Semestre ...... 25$000

Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000.

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barroso — THESOUREIRO: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

TELEPHONES: DIRECTOR: C. 0377 ADMINISTRAÇÃO: C. 4186

CAIXA POSTAL 37

RIO DE JANEIRO

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Lta. Praça do Patriarcha, 8-sob. Caixa do correio 1431.

Repr. na Europa: Davignon Bourdet & C. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

SPLEEN (3) — O sr. não me enviou todos os dados necessarios para um estudo physiognomico, ou seja — do caracter, através dos traços physionomicos.

Em nosso numero 50 publiquei, na sua resposta, a relação dos detalhes imprescindiveis ao referido estudo. Si o não leu, elle aqui vae novamente:

"Cabellos: são louros, sedosos, castanhos, negros, espessos, etc. Testa: si larga, alta, estreita, recta, si ha depressão, etc. Palpebras: bem arqueadas. Si as pestanas são ralas ou não; a côr, si são grandes ou pequenas. Cilios: si são espessos ou não; junto ou separados. Faces: salientes, gordas ou não. *Sobrancelhas*: são espessas, rectas, recurvas, compridas, finas, grossas? Olhos: a cor, o tamanho; si olha fixamente ou foge com o olhar, quando a encaram. Nariz: todos os detalhes: comprido, curto, redondo, adunco, recto, arrebitado, revirado (como o de *bull-dog*) narinas dilatadas ou não; fechadas; nariz ponteagudo, grosso ou alto, fino na extremidade; si faz reentrancia na raiz da espinha (pau no nariz), etc. Bocca: grande, pequena, regular, etc. Labios: grossos, finos, salientes, (o superior ou o inferior); si a bocca fecha bem ou não, etc. Sorriso: é forçado ou natural? Dentes: grossos, grandes, pequenos, miudos? Excedem os labios? Voz: alta ou baixa; doce ou aspera, cantante ou não; lenta ou apressada. Nuca: a sua fórma. Orelhas: tamanho, forma, espessura, côr, etc. Riso: franco ou não? Queixo: ponteagudo ou reentrante? Largo ou estreito? Anguloso ou redondo? Saliente; regular, ao nivel do rosto, recto, perpendicular, gordo, magro? Emfim, mande todos os detalhes da physionomia da pessoa. E vamos ver si, dadas as devidas restricções, que só num exame pessoal dispensaria, lhe posso dizer o caracter da garôta por quem está apaixonado.

Mas veja bem como faz as suas observações. Qualquer erro, modificará o resultado do estudo physiognomico."

Esta foi a nota que publiquei em nosso numero passado.

O sr. esqueceu dizer a forma e o tamanho da orelha da sua perfilada e os detalhes do nariz.

Entretanto, aqui vae o resultado do exame que fiz da sua joven apaixonada. E' claro que esse exame não póde ser rigorosamente exacto, pois seria necessario estudar *de visu* a physionomia em apreço.

A senhorita X..., deve ser docil, apparentemente, mas inflammavel, capaz de gestos violentos. Intelligencia mediocre, é verdade, mas voltada para as coisas bellas da vida.

Não é sincera, como toda mulher, mas é capaz de amar e ser esposa fiel.

Prodiga, sabe no emtanto, economisar, quando se trata do seu bem estar.

Ha ainda outros detalhes secundarios, os quaes, no emtanto, completam a personalidade da sua diva.

Agora, o lado moral do caso: eu só fiz o estudo que me pediu porque lhe quiz provar que se póde fazer psychologia, atravez dos traços physionomicos de uma pessôa.

NAN PING (Capital) — Nan Ping! Mas, afinal, onde foi que já vi esse nome? Nan Ping! Devo ser chinez. Mas si não o é, não faz mal: elle serviu para me recordar este ingenuo poema de um poeta do paiz do Sol Levante...

Entrei sorrindo
no jardim de azaléas...
Era triste o luar.
Vi minha imagem no lago
e saí a chorar...
Antes não entrasse sorrindo,
Pois não era triste o luar?

A sua carta me pede graphologia. Depois de uma suggestão de belleza, uma idéa... desagradavel...

Vejamos aqui o seu pedido:

"Capital, 16-12-929 Sr. Yves Bôas festas e... bom humor, sobretudo no momento de passar a "censura" nesta carta.

Não se assuste, porque não é "uma carta de amor que lhe chega atrazada", nem tampouco em tempo. E' apenas para lhe pedir o estudo de minha lettra.

Ha muito lhe queria fazer este pedido, mas, temendo um cruel não, ou uma impiedosa zombaria, não ousava fazel-o.

Mas, hoje finalmente, rompendo esse escrupulo, resolvi acceitar a sua ironia e ouvir as verdades crúas e más de sua franqueza... tão sem cerimonia.

Espero que V., dotado de um espirito culto e perspicaz me forneça alguns esclarecimentos sobre meu proprio caracter.

Mas, não me vá indicar algum compendio de Psychologia!

Espero que seja um pouco indulgente para commigo e que a sua proxima sessão "Saibam Todos" traga uma palavra, não muito severa, para a timida Nan Ping, nome sob o qual espero ser attendida.

Pelo que, muito lhe agradeço.

"NAN PING."

Ahi está! V. Ex. me fala de zombaria. Mas pela sua graphia, não pode haver creatura ,mais zombeteira do que V. Ex. Noto ainda na sua letra que V. Ex. vive em luta permanente com o seu espirito. E' de indole aspera, mas procura dar a impressão de ser dócil, amavel, gentil, etc. E' franca. E' mesmo violenta na sua franqueza. Vaidosa, excessivamente vaidosa, é inclinada ao repouso. Não é um temperamento agitado, ágil, impulsiva: propende para a indolencia.

E' egoista e ciumenta. Mas não sovina, como geralmente se diz das pessôas egoistas. As suas idéas são claras e a sua tendencia é elevar-se, subir, vencer, etc. A sua intelligencia não é de uma pessôa mediocre. Não é uma sentimental. A razão triumpha, quasi sempre, sobre o seu coração. De onde se conclue que não é caridosa e é pouco sensivel as dôres alheias.

Por hoje, basta.

DARCILIO CAVALCANTI ALBUQUERQUE (3) — Os livros que deseja adquirir encontral-os-á na Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166. O endereço da "Revista de Lingua Portugueza" é: rua de S. Pedro, 85, 1º andar — Rio.

SOUZA NETTO (Ceará) — Os seus versos serão opportunamente publicados.

ANTONIO L. S. (Capital) — Aqui está a carta onde o sr. declara que, alguem ahi da localidade em que reside, servindo-se do seu nome, me enviou uns versos maus a si attribuidos.

O sr., justamente indignado, repelle a autoria dos versos e traça o perfil da pessôa a quem imputa a autoria da perfidia.

Si tudo se passou como me conta, devo accentuar a razão está do seu lado. Condemno *in totum* esse processo de se ligar o nome limpo de certas pessôas a actos que podem ser interpretados como de grande ridiculo ou inconfessaveis.

Lamento, pois, ter concorrido para um estado de coisas que só existe porque fui illudido na minha bôa fé.

Creia, presado sr. Antonio L. S., que a sua missiva, datada de Campo Grande, 16 de novembro de 1929, me dá uma excellente impressão da sua mentalidade.

Si o sr. é atacado e desperta,

inveja, é porque tem merito. Isso é indiscutivel.

Quanto ao mais, muitas felicidades no Anno Novo.

ANTONIO POLARY (Parahyba) — Como o sr. tem muita pressa em ser poeta, resolvo publicar, mesmo aqui, a sua carta, juntamente com a sua collaboração. As minhas leitoras intelligentes, têm necessidade de conhecer essa preciosidade, que é o senhor, inexplicavelmente apagado ahi por esses recantos do pequeno Estado nortista.

Lá vae a sua carta:

"Parahyba, 18 de novembro de 1929. Caro Yves: Mais uma vez venho encommodar-lhe com os meus trabalhos. Segue, acompanhado desta, umas estrophes de minha lavra, que tiveram o nome de "Bucolica", para merecer a sua censura. Caso as mesmas occupem as paginas do "FON-FON", ficarei grato como sempre. Do confrade *Antonio Polary*".

Confrade meu, o sr? Mas eu não sou expoente do cassangismo nacional. Não tenho a honra, portanto, de ser seu confrade.

Vamos agora á sua obra prima:

BUCOLICA

A sombra
é o labio silencioso da noite,
que poisa, macio
como o veludo do sossêgo,
no corpo virginal da terra.

E' a alma cinzenta da tarde
que se alarga, triste
como uma serpente elastica,
para envolver a terra virgem...

A sombra
é o labio silencioso da noite,
que poisa sobre o Universo.

E' meu labio a sombra...
E' teu corpo a terra virgem...

ANTONIO POLARY.

Capital, Parahyba do Norte.
Do "Vozes..."

Publique o seu poema *Vozes*. Garanto como sr. não será detido pela policia. O Brasil é, felizmente, uma terra de grande liberalismo. Os poetas podem commetter todos os crimes de lesa-arte. Não me consta que nenhum delles esteja, por esse motivo, nas grades da Casa de Correcção.

E, bôas festas, poeta.

APRACS (Minas) — Ahi está! Palavra de honra como eu gostaria que não se concedessem ferias a certos cavalheiros, cuja profissão os traz preso durante o anno. Sabe porque? Porque a maioria delles são poetas. Poetas! Que coisa apavorante: poeta!

Chega o fim do anno e tudo quanto é estudante de primeiras letras, caixeiro de armarinho, funccionario publico etc., etc.,

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

desatarracha a torneira da poesia(?!) em cima deste pobre Yves e, — zás! — toma banho de tolices rimadas e... desarrumadas!

Ai de mim! Quasi morro afogado, nesse oceano de chulices.

Quer dizer: emquanto os outros gozam as suas férias escrevinhando as suas lamúrias lyricas, com penna caixeiral, estudantina ou burocratica, eu me esfalfo aqui, sem ter uma folga dos srs. poetastros. E curioso é que muitos delles confundem poesia com *batatas*, as quaes, em logar de serem *plantadas*, são *versificadas* (!!) por elles!

Meu bom Senhor do Bomfim! Nossa Senhora da Poesia! Dae juizo a esses poetas! — Amem.

Agora, vamos á sua carta:

"Yves. Saude. Não sei se tenho dons para escrever sonetos, todavia, scismei de fazel-os e dos meus "arranjos", entrego 2 a tua competencia, afim de serem examinados.

Confesso que desconheço por completo, toda e qualquer regra da bella arte, e, dado a isto, muito me alegrarei por quaesquer ensinamentos teus, pois sendo tu, mestre no assumpto ninguem melhor eu encontraria para corrigil-os.—

Não me incommodarei se os meus arranjos forem por ti, destinados ao cesto, o que eu quero é que me digas se tenho ou não geito para a cousa. —

Aguardarei pela tua palavra e sob minha — palavra te digo: Seguirei cegamente os teus conselhos.

Sem mais, sou teu, todo agradecido. — Teu admirador. Para a resposta, queira indicar o pseudonymo: Apracs — Minas."

O seu soneto vae aqui como uma prova de que não vale a pena escrever versos maus: elles vão para a cesta...

DESPEDIDA

Hora derradeira pesarosa
No minuto final já ferida,
Gemente a alma ,vem triste, chorosa,
O adeus trazer a tua partida.

Vendo-te partir toda airosa,
No coração teve combatida
Forte dor que pungiu lacrimosa
Sem que ella fosse por ti sentida.

Corre longe bem longe na trilha,
Foste a luz que mais não brilha
E deixaste só a realidade

Que feriu fundo meu coração
E delle roubou toda illusão,
Porem, deixaste-lhe, a saudade...

OCTAVIO WERNECK (Capital) — O seu soneto não pode ser publicado. Ha nelle coisas mirabolantes. Exemplo:

Minha alma anceia no exterior do gozo
ante a caricia terna do teu beijo...

Extertor do goso? Até certo ponto se pode explicar esse "goso estertorado"... Mas tratando-se de beijos, somos forçados a admittir que essa demonstração de ternura foi substituida por uma vasta dentada...

PORTUGUEZITA (Capital) — Ora essa! Eu adoro Portugal. E qual o brasileiro que não é amigo dos portuguezes... e das "portuguezas" de faces de maçã?

Estou ás suas ordens.

Pode telephonar quando quizer, que attenderei o seu pedido. Meu telephone é C. 4136. Terá todas as indicações que deseja.

"Recordas-te-ás ainda da primeira carta que te escrevi?" pergunta V. Ex. Recordo-me, sim. Nesse tempo V. Ex. ainda estava na sua bella patria.

Si não usa saia de lã nem chinellinhas, tanto melhor. E quanto a sua pronuncia, devo dizer que lhe acho muita graça. As portuguezitas são sempre muito graciosas. Nem se discute.

Aos nossos leitores. — **Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.**

* * *

GRAPHOLOGIA — *Condições indispensaveis para se obter um estudo graphologico: 1.º — Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo; 2. — O assumpto deve ser o de uma carta commum, traçada em posição normal e com a graphia habitual; 3.º — A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica; 4.º — Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido.*

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97 — Telephone Central 4136

FON-FON — 4-1-930

Data da consulta..........

Nome do consulente..........

....

O CHIROMANTE

DANIEL PAIRÉ

COM uma regularidade de metronomo, o sr. Linville caminhava sobre o tapete do seu escriptorio: não que si preoccupasse de medir a sua largura, mas é que elle argumentava, e a marcha estimula o desenvolvimento das idéas.

Os oradores deviam pensar nisso.

— Não me é possivel meu caro Jorge, dizia elle num tom amigo e ao mesmo tempo categorico, acolher, actualmente, o teu pedido. E' verdade que és distincto; não és tolo, mas confesso que desejo para minha filha, um partido mais... mais consequente do que tu...

Immovel, numa cadeira, Jorge Tuillier escutava sem pestanejar, sem um movimento na face, que era fina e digna, na verdade, e podia seduzir Denise Linville. Elle não se emocionou; demais a mais não estranhou, excessivamente, a resposta do pae Linville, cujo temperamento complicado — impectuoso e fraco, ao mesmo tempo— um petardo que se tomava por um perigoso explosivo — elle conhecia bem. Preoccupava-se com os meios proprios para lhe fazer modificar a sua decisão.

Amando, com effeito, a joven, e inspirando-lhe, de outro lado, uma indiscutivel ternura, elle tinha resolvido casar. O resto não tinha importancia.

O sr. Linville, entretanto, continuava, porque elle possuia um coração robusto e a sua marcha não o cançava.

— Creio que Denise está muito bem disposta a teu respeito. De resto, a vossa edade é muito conveniente para os dois. Tu possues rendas honoraveis, mas em logar de trabalhar, gostas de viver em sociedade onde, eu o reconheço, a tua elegancia e a tua finura — não me agradeça — concorrem para o teu successo. Ora, eu não quero um genro desoccupado.

— Desoccupado? Eu nunca estou em casa. Vou a todas ás *matinées*, a todas as *soirées*, danso, faço chiromancia.

— Achas isso interessante?

— Sim, declarou Jorge Tuillier, imperturbavel, a chiromancia é uma sciencia que apaixona, absolutamente exacta, e consagrei ao seu estudo longas e agradaveis horas.

Perplexo deante dessa profissão de fé, o sr. Linville contemplou o seu interlocutor, a bocca aberta, os olhos dilatados, e ficou a pensar que elle fizesse *blague*.

— Tu não falas serio? Por que? disse por fim.

— Falo sério de mais. E eu o convencerei disso, si quizer acceitar uma consulta.

Sem responder, o sr. Linville offereceu a sua mão, bem distendida, afim de que as linhas tivessem o relevo necessario a uma bôa leitura.

Jorge Tuillier, grave como um doutor fazendo uma ascultação delicada, examinou-as em silencio. E' verdade que elle se esforçava para lembrar-se de algumas caracteristicas que havia recolhido, a proposito do sr. Linville, porque é de bom aviso estrear com revelações exactas, que levem um verniz de lisonja.

— A' primeira vista, constato na sua mão, affirmou elle, uma conducta recta, uma intelligencia clara. E' importante notar, no emtanto, que deve desconfiar sempre do seu primeiro movimento. O sr. tem o gosto da fantasia e das idéas originaes...

Proseguiu, na atmosphera recolhida da sala, emquanto o outro, apezar do seu interesse, confirmava, com signaes de cabeça, as constatações feitas na sua mão. Asseguradas no que se refere ao passado, eram as linhas menos nitidas no que dizia com o futuro. Mas os melhores chiromantes podem tactear.

Subito, Jorge Tuillier se deteve:

— E' só? perguntou o sr. Linville.

— Não. Mas, afinal...

— Vá, vá! Não tenho medo...

— A's suas ordens! Si bem que o meu trabalho se torne menos facil. Eis aqui, pois: parece-me perceber desgostos causados pela sua saude, daqui a tres ou quatro annos. O sr. vae ter um accidente ou uma molestia,

que não sei bem qual seja.

Vê essa linha quebrada, nitidamente? Oh, naturalmente eu me posso enganar. Entretanto, o sr. fará bem si tratar do seu figado.

O sr. Linville escutava essas predicções pessimistas com a physionomia consternada dos viajantes que acabam de perder um trem. Sem duvida, tudo isso não era senão superstição, desprovidas de senso.

Comtudo, como elle era de um caracter impressionavel, elle ficou perturbado. E quando Jorge se retirou, elle ficou perplexo.

*
* *

O *courtier*, que, á maneira de um esgrimista, ensaiando o ataque, com passos ligeiros e habeis, tinha encetado a conversação e julgou opportuno entrar em cheio no assumpto.

— O seguro mixto de vida, que proponho ao sr., disse o *courtier*, num tom peremptorio, ao sr. Linville, é, para o sr., primeiramente, uma economia forçada — e, actualmente, as despezas a isso nos obrigam; — em seguida, será uma garantia para sua filha. Evidentemente, o sr. é vigoroso. Quem sabe, no emtanto, si amanhã, a doença, ou qualquer accidente — desculpe-me abordar assumpto tão indesejavel — não triumphará sobre o sr? Num caso, como no outro, o sr. terá agido com prudencia...

A attenção, até aquelle momento despreoccupada, do sr. Linville despertou, bruscamente. As prophecias feitas por Jorge, na ante-vespera, lhe voltaram á memoria com uma admiravel precisão e começaram a atormentar-lhe o espirito, inclinado a se commover.

Com uma voz que, voluntariamente, elle fazia negligente, perguntou:

— E quaes são as condições do seguro?

— Eis aqui, sr.: no primeiro anno, um capital a ser recebido pelo sr., em quinze annos, por exemplo, ou immediatamente entregue á sua filha, si de qualquer modo...

Meia hora depois, o sr. Linville assignava o contracto do seguro de vida.

Durante o dia, Jorge Tuilier, muito perseverante, desde que não se tratasse de trabalhar, veio fazer-lhe uma visita. E de repente, o sr. Linville entendeu de dizer:

— Não posso comprehender que um rapaz como tu possa viver sem fazer nada. Não é difficil encontrar um emprego. Ahi está; nas companhias de seguro. Esta manhã tive a visita de um agente...

— Eu sei, disse Jorge, fui eu que lh'o enviei. Sim, meu caro, após a sua observação, resolvi ganhar dinheiro.

Então, eu leio na mão de uma pessoa que me parece capaz de fazer um seguro de vida, e encontro a probabilidade de ganhar metade da commissão do agente, e vou ficar inactivo? Que quer? disponho dos meios que encontro e das relações que faço.

Talvez mesmo, ajuntou num tom convencido, eu vá fechar um negocio com um fabricante de drogas pharmaceuticas, nas mesmas condições.

O sr. Linville observou Jorge com admiração. Depois desatou a rir o riso sonoro dos espertos. Elle apreciava, com effeito, a fantasia, e tambem — si bem que não o confessasse — se rejubilava de que as predicções aborrecidas, que o rapaz lhe havia feito fossem talvez pura invenção.

Emfim, approximou-se do fogão, e apertou o botão da campainha:

— Diga a Mlle. Denise que venha até cá, disse elle á creada de quarto da filha.

E dirigindo-se a Jorge Tuilier:

— Apenas, meu rapaz, é preciso prometter-me, si queres ser meu genro, que vaes procurar uma situação mais... official...

(*Illustrações de Marcelo Roberto*).

Elogio Lyrico do Rheno

EU não vi o Rheno, mas o rio allemão tem uma lenda tão evocativa e tão poetica, que todo amador do mysterio e da chimera se transporta alguma vez a suas margens em uma viagem melancolica e sentimental.

O poema dos *Nibelungen* foi composto em um de seus quietos remansos de sonho. Gonthier e Brunehilde rimaram seu idyllio com a harmoniosa musica de suas ondas azues.

A poesia, a divina musa do metro da rima, falou em suas margens pela primeira vez na Edade Media. Gonthier, o bravo guerreiro de olhos azues, estava sentado junto a Brunehilda, a virgem forte de doiradas tranças. A sós, esquecidos da côrte e do governo, exerciam docemente seu amor. As palavras que accendiam com sua chamma embalsamavam o ambiente como brancas mariposas perfumadas.

Seu pensamento era um só, seus corações tinham a mesma pulsação suavissima. Gonthier, cheio de emoção, rompeu as cadeias da prosa, e, sem notal-o, cantou em verso com o rythmo não aprendido. Brunehilda respondeu a seu amante, sem sabel-o, com a musica do metro e a caricia da rima. E assim vogou com azas candidas de cysne, pelo Rheno propicio, a linguagem augusta dos enamorados e dos poetas.

Desde então, o Rheno se tornou um rio encantado pela graça de sua magestade a Poesia. Gnomos, sylphides, ondinas e sereias se procuram, se perseguem e se perdem em sua lympha. No mysterio da noite amiga deixa uma esteira prateada, irmã da luz de Selene.

Conta um bello *lied* que uma estrella sensual e negligente quiz repousar na terra e fecundal-a. Deixou-se cahir suavemente, e de seu abraço nasceu o Rheno pallido e romantico, que pelas noites namora a luz...

O Rheno é o rio lyrico, o rio tocado pela fantazia e pela lenda. As nymphas se olham núas em sua corrente, e acceitam o amor dos barqueiros que a seguem cubiçosos.

Um delles seduzido pela voz melodiosa da nympha Loreley, se aproximou do ponto onde a formosa penteava seus cabellos claros, tremulos á caricia da carne em flor. O viajante, ao passar, julga ouvir os gemidos do vento entre as arvores. E' a alma do barqueiro, que soluça. Assim o affirmam os aldeões de Schlestadt.

Nos prados humidos e verdes pastam as pacientes vacas, com a vista fixa nas embarcações que deslisam pelo rio, e uma mulher loira com o vestido branco lê, emocionada, brancos versos de Virgilio. Sôa uma flauta bucolica com que um pastor, émulo de Daphnis, chama sua companheira, ruborosa como Cloe. Passa agora uma velha torre feudal. Dalli, uma noite negra, cahiu ao rio o corpo palpitante de uma bella. O Rheno acolheu-o em seu regaço, e deu-lhe amorosa sepultura entre as aguas.

O thesouro dos *Nibelungen*, que arrebatou Sigfredo, está guardado em uma cova, sob a vigilancia de dragões e de nymphas. E não é isso uma invenção graciosa. As pepitas de ouro que sua corrente arrasta provêm da gruta mysteriosa. Desde Basiléa até Strasburgo deixa longos beijos amorosos em Manheim, Colonia e Emmerich, cidades que são leitos nupciaes, caminho obrigatorio dos noivos em lua de mel.

O Rheno! O Rheno! Assim o cantou Victor Hugo:

"O Rheno reune tudo. E' veloz como o Rhódano, largo como o Loire, violento como o Mosa, tortuoso como o Sena, limpo e verde como o Somme, historico como o Tibre, real como o Danubio, mysterioso como o Nilo, semeado de pepitas de ouro como um rio da America, povoado de fantasmas e lendas como um rio da Asia."

JULIO HUICI MIRANDA

A lenda do Urutaù

De ERNESTO MORAES

"O urutaú é um dos passaros mais famosos, pelas façanhas que delle se referem."

FELIX DE AZARA — "PASSAROS DO PARAGUAY E RIO DA PRATA"

Do urutao ou urutaui, ou ainda pelo seu melhor nome — urutaú, diz Daniel Granada em seu *Vocabulario Rioplatense*: "Ave nocturna, de um pé e longo bico pardo acanelado, com tons negros e de outra côr escura. Particulariza-o seu modo de gritar, entre trocistas e melancolico: prolongado e lugubre clamor, que termina semelhando uma gargalhada. Emquanto é dia elle permanece occulto. Sáe á noite, sem se afastar das margens dos rios ou riachos, em cujas barrancas tem sua vivenda. Procura uma arvore secca, e, na falta de uma arvore morta, uma palmeira ou outra planta de escassa ramagem. Pousado em um de seus galhos e arimado ao tronco, permanece longas horas immoveis, olhando fixamente á lua, exhalando, de quando em quando, sarcasticos alaridos que fazem estremecer. Parece a representação do infortunio, que, nas trevas da noite, solitario, eleva a alma contemplativa..."

E Felix de Azara, que com tanta penetração e paciencia estudou a fauna e a flora da região missioneira guaranitica, nol-o apresenta assim:

"A muita luz o offusca, e de dia se levanta de muito perto para voar pouco trecho baixa e horizontalmente, e deixa-se cahir de repente como corpo perdido, pregando as azas onde não é facil vêl-o, porque suas côres differem pouco da terra ou pasto onde cáe e se mantém como que immobilizado. Só procura o alimento com o crepusculo e a lua, voando com muita facilidade e pouca elevação para pilhar os insectos, variando frequentemente de direcção..."

•

ERA justo que sobre um passaro cuja melancolia fere a imaginação popular se tecessem lendas mysteriosas que lhe attribuem uma origem humana. Ha duas dessas lendas: uma guarany, a outra calchaquy.

Diz a guarany que o urutaú era, antes de ser passaro, uma formosa donzella, filha de um cacique, a qual amava e era amada por um guerreiro de tribu inimiga. Oppunha-se o pae a tal amor, e a formosa donzella fugiu da casa paterna. Mas, por meio dos sortilegios do adivinho (o pagé) da tribu, ella foi encontrada na selva para onde havia fugido, embora em tal estado de insensibilidade, que a ninguem respondia nem nada lhe importava. Disseram-lhe que o guerreiro a quem ella amava havia morrido. Ella soltou, então, um alarido horrendo, e, transformada em ave, voou para uma arvore. Tal é a origem mythica do urutaú, segundo os guaranys.

Os calchaquys da selva mediterranea chamam *kakuy* ao urutaú, e ouvem seu grito como que dizendo: *Turay! Turay*, o que significa irmão, em calchaquy. Dahi a seguinte lenda:

"Eram dois irmãos que viviam juntos no meio do bosque. A irmã era perfida. O irmão, bondoso, soffria tudo della com resignação. Nem por isso a irmã se corrigia, e suas perversidades iam sempre augmentando. Já cansado, o irmão resolveu vingar-se. Disse-lhe que, em uma arvore, havia visto um ninho de alpamisque. E ella foi colhel-o. O irmão, então,

A lenda do Urutaú CONCLUSÃO

quando ella estava bem no alto, cortou os ramos baixos e a abandonou... Ella desesperada por não poder descer, começou a chamal-o lamentosamente:

"— Turay! Turay! (Irmão! Irmão!).

"Mas elle não voltou, e ella, desde aquella noite, ficou metamorphoseada no funebre passaro, como castigo de sua perversidade."

•

O urutaú é um passaro muito difficil de ser encontrado, porque sabe occultar-se muito bem. Ouve-se seu lamento e elle não é visto. Por isso, muitos o têm por passaro phantasma e lhe attribuem mil excellentes qualidades, como a ave mysteriosa: a de preservar a pureza das donzellas, por exemplo, ou a de que suas pennas — como as do caboré, outro passaro impressionante — sirvam para fabricar talismans, excellentes para o amor sobretudo. E carta de amor que se escreva com penna de urutaú é, infallivelmente, respondida com beneplacito. Tantas são as condições sobrenaturaes que ás vezes se attribuem ao urutaú, que ha quem tenha chegado a lhe dar a da ave Phenix.

Dizem que, mesmo quebrando-lhe azas e ossos á noite, no dia seguinte amanhece são.

•

TÃO estranho habitante da selva, cujo grito é, a um tempo, de mofa e lamento, não podia escapar a minha affeição de extrahir uma licção das particularidades das arvores e animaes americanos, e cercal-a com a folhagem de minha phantasia. Eil-a aqui:

"O urutaú era, outr'ora, em sua fórma humana, uma mulher má e feia. Não tanto por ser feia como por sua maldade, jamais alguem lhe havia dito uma phrase de amor, e isso, augmentando sua natural irritação, a fazia ainda mais feia.

"A feia e má necessitava de amar, e lamentava-se de sua desdita, vagando só, em meio de uma natureza tropical onde todos, animaes e plantas, eram como um sarcasmo perenne: em todos ella via o amor.

"Tanto se lamentou, que seus gritos chegaram a Añag (demonio guarany), o qual não se compadeceu, porque não cabe tal sentimento na alma torva de Añag. Mas viu naquella desventurada mais um ser que lhe podia obedecer entre tantos que já o faziam. E tornou-a formosa, porque fazel-a bôa não lhe era possivel.

"Bella, encontrou a mulher má quem, seduzido por seus olhos negros e fórmas elasticas, se tomasse de amores por ella: era seu amante um moço de singular elegancia e grande coragem.

"A perfida mulher foi-lhe infiel. Uma noite, fugiu com outro que a cortejava e abandonou em sua choça o primeiro amante. Fugiu para o bosque. Mas o novo amor durou só uma noite. No dia seguinte, ao se despertar, procurou em vão seu amante de uma noite: havia desapparecido. Lançou-se, então, pelas selvas, a procural-o, gritando e lamentando-se.

"Tres dias e tres noites, sem comer nem dormir, vagou a perfida. Já exhausta e faminta, chegou á beira de um lago e se aproximou para beber... Recuou horrorizada!... Sua propria fealdade a obrigára a fugir. Estava ainda mais feia do que antes. E desde então, occultando-se de dia, vagou só á noite pelas selvas, e chorando sempre pela ventura perdida. Mas, então já estava transformada nessa ave nocturna que se chama urutaú."

E por isso a voz do urutaú é de lamento e mofa: porque chora sua desgraça, ao mesmo tempo que, obedecendo á sua natural maldade, a ave parece que troça de sua propria desventura.

O VELHO CRITICO DE LAGARTO

De HORMINO LYRA

LAGARTO, em Sergipe, é o torrãozinho do grande critico, o saudoso Sylvio Romero, que, cheio de erudição, muito estudioso, além de ser um polemista de folego, talento diamantino, foi o mais notavel historiador da literatura patria.

Grande amigo e co-estaduano de Tobias Barreto, contam que, quando se encontravam, dizia um delles, por exemplo, o Sylvio:

— Só ha no Brasil dois homens geniaes: um és tu, Tobias; o outro dirás quem é...

Desde menino, ouço cantar-se essa coisa, mas tenho de mim para mim que isso não passa de grosseira balella por algum antagonista de ambos levantada.

Nunca tive nem poderia ter opportunidade de conhecer o notabilissimo philosopho, extraordinario jurista, engenhoso poeta, arrojado polemista e insigne philologo Tobias Barreto; mas pelo que sei das qualidades simples de Sylvio, da sua sinceridade, presenciando até se manifestar acerca de outrem com tamanha grandeza de alma que parecia até ingenuidade, repiso ter de mim para mim que aquillo é rumor sem fundamento.

Orgulho de si, do seu saber, tinha elle, como o tem todo o homem adornado de immenso talento para colorir as idéas com exactidão de raciocinios. Nada de estranho ha nisso, porquanto existe por ahi além muita mediocridade orgulhosa de si, da sua sapiencia julgada invulgar pela propria mediania!

Havia razão de ter orgulho de si, como têm outros. Apenas era elle sincero e dizia o que sentia e manifestava os pensamentos com clareza; ao revez de outrem, ás vezes lingua de trapo, a simular pessoa de importancia, mas, em todo o caso, que têm o cuidado de algo dizer com precaução prudencial e de não dar causa a se lhe attribuir orgulho.

• • •

Sylvio annotava as margens dos livros que lia. Engraçadas eram as palavras de opposição ou apoio aos autores. O lapis, num traço grosso, escrevia coisas desta especie, aliás muito commum no seu modo intimo de falar sem affectação no estylo, sem preoccupação de linguagem:

"Vou lá crer nisso..."

"Você não é bésta, não?"

"Descobriu o mel de páu!"

"Agora, sim."

E, como estas, lêm-se muitas outras expressões.

• • •

Certa vez dictada um artigo para o seu secretario. De repente, este o adverte:

— Repare como disse a phrase, doutor!

— Já sei, menino — replica Silvio Romero: — você embirrou com o diabo desse pronome, mas deixe-o assim, pois quero assanhar os astronomos da grammatica...

E era assim mesmo. Que preferia elle as boas idéas ás boas regrinhas grammaticaes, sabe perfeitamente quem de perto conheceu o velho critico de Lagarto.

O CONDE HAROLDO

De ANTO ROBAGLIA

MUITO longe, lá no alto, na região do Norte, no coração de uma floresta espessa, que as neves quasi eternas guardavam, com ciume, na sua solidão, vivia no seu burgo um poderoso senhor, o conde Haroldo, appellidado pelos seus vassallos, o "lobo". Rodeado de homens armados, elle alli vivia como em um retiro, passando o tempo a caçar ou a guerrear os vizinhos, os quaes temiam seriamente os seus instinctos de bandido cruel.

Em uma palavra, era elle tão tristemente celebre, vinte leguas em redor, que nenhuma princeza quizera acceital-o para esposo.

Uma noite de inverno, em que não podia dormir, levantou-se, desceu até o pateo do burgo, calçou os seus skis, e partiu atravez da floresta adormecida; era este um dos seus passeios favoritos.

Muitas vezes, elle ia até alli, ao alvorecer. Trazia sobre os hombros o corpo de um lobo, algumas vezes dois, estrangulados durante lutas tremendas, das quaes elle saia victorioso.

Sob o frio clarão da lua, subindo ao céo scintillante de estrellas, os altos pinheiros, coroados de geada, perfilavam as suas grandes sombras no espesso tapete de neve, que recobria o solo.

Nenhum ruido perturbava a solidão glacial. Apenas de quando em quando, se ouviam urros de lobos esfomeados.

Sem se inquietar com os seus gritos funebres, o conde desfilava com rapidez, o chapéo sobre os olhos, a pelle de urso negra apertada em torno ao busto...

De repente, atravez das arvores, elle percebeu numerosas silhuetas brancas, que se moviam, leves, sobre a superficie de um lago de gelo, como aprisionadas.

Estupefacto, elle diminuiu a marcha, para não trair a sua presença; depois, curioso, elle avançou, de arvore em arvore ,de sombra em sombra.

Ao fim de alguns passos, elle parou. Comprehendeu, que as silhuetas eram mulheres, e que estas eram os genios da floresta.

Não longe, elle viu sairem duas, frágeis troncos.

De sorte que a lenda tem razão: as divindades não morreram. Estão escondidas no fundo das florestas, longe daquelles que as não cultuam.

Para não fazel-as fugirem, Haroldo se dissimulou na sombra de um pinheiro secular e dahi as observou.

Sobre o gelo espelhante, aos raios do luar, os elfos se divertem, dansando e brincando, em meneios graciosos, nas suas longas tunicas brancas, que a geada recobria, como si fosse feita de rendas. Na fronte, retendo os cachos de cabellos de oiro, desabrochavam, entretecidas em corôas, flores estranhas, que o ultimo sol poente parecia ter avermelhado.

A belleza, o encanto dessas lindas sylphides fazem bater o coração do conde, como elle não havia batido nunca. E, subitamente, um orgulhoso pensamento lhe atravessou o espirito: pois que a legenda o affirma, pode ser que ella tenha razão quando assegura que, muitas vezes, essas creaturas de sonho não desdenham em se unirem a simples mortaes, quando estes lhes sabem agradar ou agradecer o seu amor.

Por que pois tambem elle não podia pensar em tomar uma dellas por esposa? Que brilhante vingança não exerceria elle em tomar uma dellas por esposa?

Haroldo não era homem que hesitasse. O seu partido estava tomado: elle casaria com um dos elfos. Ou então, seria peor para ellas.

Formulando interiormente esse desejo e essa ameaça, saiu da sombra onde se escondera e dirigiu-se para o lago.

Apenas tinha elle dado alguns passos, uma das sylphides o percebeu e deu o alarme. Interrompendo a sua diversão, e subindo as ribanceiras, ellas vieram apoiar-se de encontro as arvores mais proximas, e com as quaes ellas pareciam confundir-se.

Antes que o conde pudesse dizer uma palavra, ellas desappareceram.

Essa fuga apressada não o desconcertou, e elle esperou, mesmo, pois sabia que os elfos eram ferozes. Mas não ignorando que, si ellas não são visiveis, os seus espiritos, pelo menos, estão sempre presentes ao pé das arvores ás quaes ellas estão mysteriosamente ligadas. Faz o seu pedido em voz alta, certo de ser escutado. No silencio da neve immensa, as suas palavras se destacam, nitidamente:

— Sou o conde Haroldo, senhor da floresta e do lago. Sou rico e poderoso: os meus subterraneos estão abarrotados de thesouros, meu nome é respeitado por todos. Venho procurar uma esposa entre vós. Farei della uma condessa soberana, e a sua vida será feliz ao meu lado. Que sem medo se apresente uma de vós, e eu lhe offerecerei o annel de noivado, uma reliquia que pertenceu a meus avós: eil-a aqui.

Na sua mão direita vê-se um annel de ouro. Tendo acabado de falar, elle cruzou os braços sobre o peito e esperou a resposta.

Lentamente, alguns minutos se escoaram e nada em torno de Haroldo lhe póde dar a entender que elle havia sido comprehendido. Então, com a mesma

(Continúa na pagina 22)

PORQUE AS "ESTRELLAS" DO CINEMA NUNCA ENVELHECEM

Não se verá nunca um defeito na cutis de uma *estrella* de cinema. Ha a considerar que o mais insignificante defeito, ao ser ampliado o rosto na tela, seria tão notavel que elle constituiria uma ruina. Nem to-
uma cutis digna de inveja de uma *estrella* do cinema.
das as mulheres sabem que ellas tambem podiam ter
Toda a mulher possue, immediatamente abaixo de sua velha tez exterior, uma cutis sem macula alguma. Para que essa nova e formosa cutis appareça á superficie, basta fazer com quke se desprenda a cuticula gasta exterior, o que se obtem com applicações de Cera Mercolized effectuadas á noite antes de deitar-se. A Cera Mercolized se acha em qualquer pharmacia e custa muito menos que os custosos cremes para o rosto, sendo, em troca, mais efficaz do que estes.

Concurso Sabonete EUCALOL

(Menção Honrosa)

Se o sól, quando se banhasse,
O rubro rosto esfregasse
Com sabonete EUCALOL,
Por certo que a astronomia
Nunca mais nos falaria
Nas feias manchas do sól.

M. Bastos Tigre

Rua General Dyonisio 12 — Rio

O que distingue a casa A. DORET das outras casas de cabelleireiros — a clientela escolhida que frequenta ha vinte annos seus salões.

Os penteados A. DORET são sempre originaes e elegantes.

Os cabellos tintos ou descoloridos nunca são resequidos; são sempre lustrosos e macios, nunca perdem a ondulação natural.

A pessôa que trata sua cutis na casa A. DORET nunca tem espinhas, poros dilatados, cravos, etc.

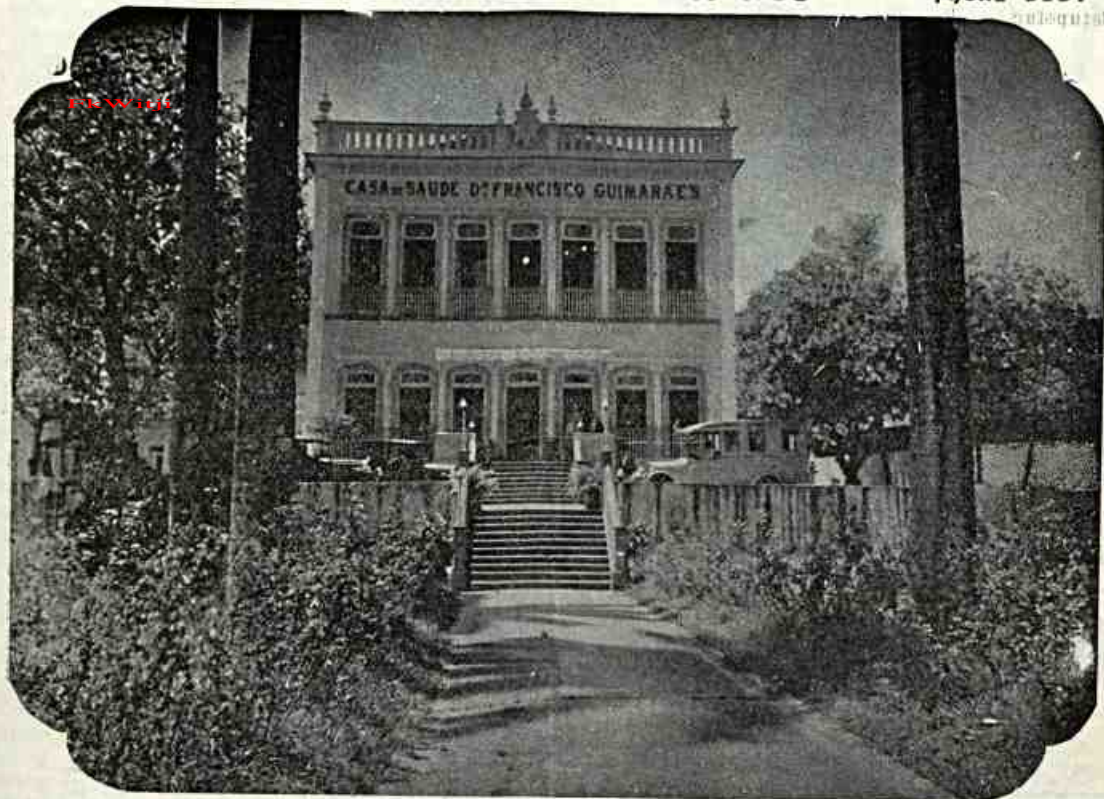
Usem sempre os productos A. DORET, quer para os cabellos, quer para o rosto.

Seguindo os conselhos de A. DORET nunca vos arrependereis.

A Casa Doret é e será sempre a primeira e a melhor casa de cabelleireiro do Brasil — 5, rua Alcino Guanabara, — 5, Tel. C. 2431

RIO DE JANEIRO

CASA DE SAUDE DR. FRANCISCO GUIMARÃES

ARISTIDES LOBO, 115
Telephone 3957 Villa

DIARIAS DESDE 15$000

O CONDE HAROLDO

(Conclusão)

voz clara e precisa, elle reiterou o seu pedido.

Nada ainda: silencio.

Com a mão nervosa, elle fechou o seu agasalho e, colerico, viu o seu ski se enterrar na neve...

Quando a madrugada surgiu, o conde esperava ainda. Os olhos sombrios, os dentes cerrados, elle concebia alguma vingança atroz contra as divindades.

Subito, um sorriso diabolico fulgiu nos seus labios pelo rancor mal contido, e depois de ter lançado, em torno delle um olhar de desafio, retoma a toda pressa o caminho do seu burgo.

Apenas chegado, elle reune vinte das seus melhores vassallos, todos bons lenhadores, e condul-os até as margens do lago que elle acabava de abandonar e ordenou-lhes que abatessem, até a noite, o maior numero de arvores que pudessem.

Era a sua vingança, pois elle sabia que cada uma arvore abatida representava a morte de um elfo, a quem ella protegesse!

Os lenhadores, que ignoravam o horivel massacre em que iriam ser empregados, partiram para executar a ordem, si bem que das mais bizarras.

O dia todo, sob os golpes dos machados, cujos golpes sinistros retiniam no ar, os pinheiros, os salgueiros, os carvalhos tombavam, uns sobre os outros, ao acaso da queda.

Quando a noite desceu, os lenhadores, muito cançados voltaram ás suas cabanas.

Durante a noite, que se seguiu a esse despotico massacre, uma força desconhecida levou o conde a fazer o mesmo passeio, da noite anterior.

Desta vez, as margens do lago estavam desertas e sobre o gelo não appareceu mais nenhuma syphide.

Para melhor se certificar, Haroldo se approximou. Subitamente, teve um riso cruel e triumphante. Sobre a neve, ao pé de cada arvore abatida, um elfo estava atirado, inerte, muito palido, os olhos cerrados pela eternidade.

O "lobo" estava vingado, e bem vingado.

* * *

Desde essa noite tragica, quando a tempestade explode, e a neve turbilhona, e as arvores da floresta se curvam e gemem, sob a violencia da tempestade, ouve-se, muitas vezes, o leve ranger de um patin, correndo sobre o gelo; é o conde Haroldo que passa, cumprindo a pena a que foi condemnado pelo seu sacrilegio. Foi condemnado a perseguir o fantasma de um elfo, sem esperança de poder attingil-o...

A GALLINHA SOLTEIRONA

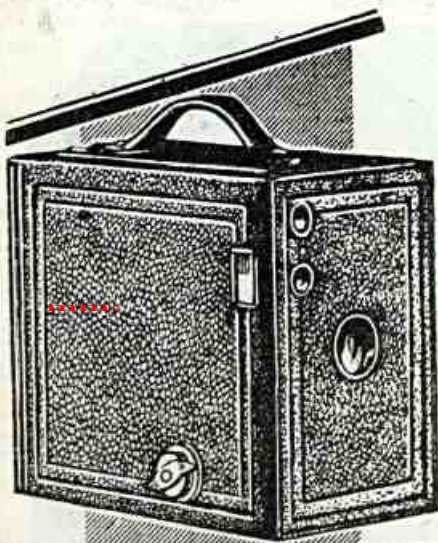
ELINA LAFONT DE PERALTA

QUEM nunca tiver observado um gallinheiro desconhece muitas cousas curiosas e interessantes.

Nós, os séres superiores negamos intelligencia ás gallinhas. Póde ser que tenhamos razão, mas a Natureza, que é mais sabia que nós, lhes deu, a ellas como aos outros seres, intuição — e isso basta para que, ás vezes, possam resultar interessantes.

A gallinha de minha historia era um animalzinho vulgar. Sem antepassados, sem belleza, sem distincção. Pequena, negra com pintas brancas, com uma crista mal cortada, que se obstinava em taparlhe a metade do olho esquerdo.

Não constituia nenhum ponto visivel do gallinheiro que habitava. Passava despercebida, indifferente para todos os seus companheiros de residencia. Nem siquer os gallos, nos dias de sua juventude sem brilho, lhe haviam dedicado um arrastar de azas... Nada. Passava em silencio pela vida, cumulando-se á força de humildade. E é bom saber que nos gallinheiros occorre exactamente o que se passa em nosso mundo; os humildes não são notados. Não porque valham menos que os outros — que esperança! — mas porque elles proprios se apagam sob a obstinação de não querer brilhar. E então é necessario descobril-os. E isso exige do proximo um esforço que ra-

ramente ella está disposto a fazer.

Minha gallinha era todo um typo. Apezar de ser pequena, punha de oito em oito dias, um ovo exaggerado, quasi monstruoso em relação ao seu tamanho.

Ella nunca fazia as cousas como as suas collegas.

Era original. Como nunca chegára a ser mãe, passava a vida tomando os filhos das outras.

Para isso se valia dos meios de seducção mais convincentes e mais honestos de que se possa valer uma gallinha.

Desde o dia em que uma mãe feliz sahia do ninho com seu bando de pintainhos, ella, com uma paciencia admiravel e que indubitavelmente correspondia a um sentimento intimo, seguia a familia, guardando a prudente distancia exigida pelas bicadas da gallinha-mãe, e offerecia aos pintainhos os manjares que pudesse attrahil-os, acompanhando o desinteressado offerecimento com os cacarejos mais affectuosos e maternaes do repertorio.

E tão bem o fazia, que, a despeito dos encrespados da mãe e das más intenções de seu bico, conseguia attrahil-os pouco a pouco. Nos primeiros dias os pintainhos effectuavam corridinhas furtivas do regaço materno para o bico dessa tia carinhosa que lhes offerecia tantas coisinhas gostosas, mas a quem abandonavam tão depressa quanto haviam ingerido a guloseima, para voltar ao lado da mãe, indignada pela intromissão da solteirona.

Mas, á medida que passavam os dias, os pintainhos, inconscientemente comparavam a generosa e abnegada conducta dessa semelhante que os protegia a todo o momento, com a da mãe que lhes tocára por sorte, e que em seus devaneios com os chefes do gallinheiro começava a esquecel-os. E iam ficando, por espaços cada vez mais prolongados, com a gallinha solteirona, até que acabavam acompanhando-a a toda hora e abrigando-se sob as suas azas para passar a noite...

Era então que se produzia este milagre que se repetia eternamente: ver a ufania de nossa gallinha passeando sua familia deante da indifferença das outras...

Mas, que podia importar-lhe a indifferença da multidão por quem, como ella, sem amar o amor, amava infinitamente os filhinhos e obedecia a um instincto superior?

Ao reler este pequeno conto sem transcendencia, da gallinha do meu gallinheiro, e no qual não inventei uma só palavra, penso, sem o querer, na immoralidade absolutamente innocente com que algumas mulheres dizem:

"Quando eu me casar não quero filhos..."

Oh!...

CHICO Onça, quando aos domingos deixava o rancho da roça para dar um pulo até a villa, acalentava uma idéa fixa...

O pobre homem palmilhava seis kilometros, esticados, batendo o chão duro da estrada, mas, quando avistava o largo da Matriz, sentia a alma alliviada.

Era ali que o Chico Onça experimentava o deslumbramento da vida.

O sino da Matriz chamava os fiéis para a missa cantada *das dez*, e o largo, num abrir e fechar d'olhos, ficava repleto.

Vinha gente *que nem formiga!*

Os cavalleiros surgiam de todos os lados, muito pachólas, bem montados.

Apeavam, amarravam os animaes em frente á Casa da Camara, e iam cumprimentar o coronel Souza, o chefe politico da villa.

Chico Onça, então, dava pasto aos olhos, examinando, enthusiasmado, as montarias.

O *póste dos potros*, chamado assim pelo povo da villa, era a sua maior attracção. Esperimentava picadas de inveja nalma, pelo facto de não possuir ainda um animal, pois isto fazia a importancia de um homem...

Mas, mania de trabalhar, economisar e, um dia, entraria tambem na villa, montado no seu animal.

Si havia!

O *póste dos potros*, era a idéa fixa de Chico Onça.

UM dia, Chico Onça examinou *a canastra* e sommou as economias.

Davam para um *pangaré*.

Pesquizou um pela redondeza e não foi difficil encontral-o.

Realizou o negocio.

Mirou o animal e sentiu um profundo orgulho de si mesmo...

Agora, sim!

Poderia ir á villa, os domingos, para tambem amarrar o *seu bicho*, no *póste dos potros*...

Mas, havia uma difficuldade; para tanto era necessario licença prévia do coronel Souza.

Chico Onça meditou um instante e resolveu assumir uma attitude altiva no caso, dispensando a licença do coronel.

Era humilhar-se...

Faria melhor.

Mandaria avisar ao coronel Souza que, no primeiro domingo, iria amarrar o seu animal no *poste dos potros*.

Despachou um proprio com o recado.

O chefe politico recebeu a noticia como um pesado insulto do Chico Onça.

E, para demonstrar que não tinha medo de féras, o coronel Souza resolveu repellir o insulto, de modo expressivo...

Pois o Chico Onça não teria o prazer de amarrar o animal no *póste dos potros*.

Fel-o deitar abaixo...

NO domingo, quando o sino da Matriz repicava convidando para a *missa das déz*, entrou Chico Onça na villa, de peito estufado, montado no seu *pangaré*.

Quando os circumstantes viram o Chico, montado, muito *cheio de si*, riram, troçando o caso.

De repente, porém, elle sentiu faltar-lhe o estribo e fugir-lhe as redeas da mão.

Sentiu a vista turva e quasi se agarrou ao pescoço do animal...

Seria possivel?!

Era...

Inspeccionou o largo, para vêr si o *póste dos potros* tinha sido removido para outro ponto, mas, nada.

Aquillo era uma affronta á sua pessoa e havia o coronel Souza de explicar por que o póste, uma reliquia, tinha desapparecido da villa.

Chico Onça penetrou no edificio da Camara e foi direito ao coronel:

— Seu c o r o n é Soza, cadele o póste?!

— Deitei-o abaixo...

— Mas, elle fais farta...

— Sim?!...

— E'... Eu queria amarrá nelle a minha montaria e...

— Ah! Então você pensava Chico, que ia amarrar a sua piléca no *poste dos potros?! Nunca!*...

— Seu coroné...

— Aquillo foi feito para animaes de raça...

— E' um acinte que não engulo em secco...

— Ora, vá amarrar o seu *pangaré* na cerca...

O coronel levantou-se, voltou as costas ao Chico Onça e este ficou assombrado com a *petulancia* do homem. E, quando os presentes esperavam um gesto tragico de Chico Onça, elle rumou para o largo e encontrando-se com o primeiro conhecido, foi-lhe dizendo:

— Você qué este bicho?

— Você não percisa delle?!

— Percisava, mas, o desgraçado do coroné...

— Que tem?!

— Botou o póste abaixo, um desperposito...

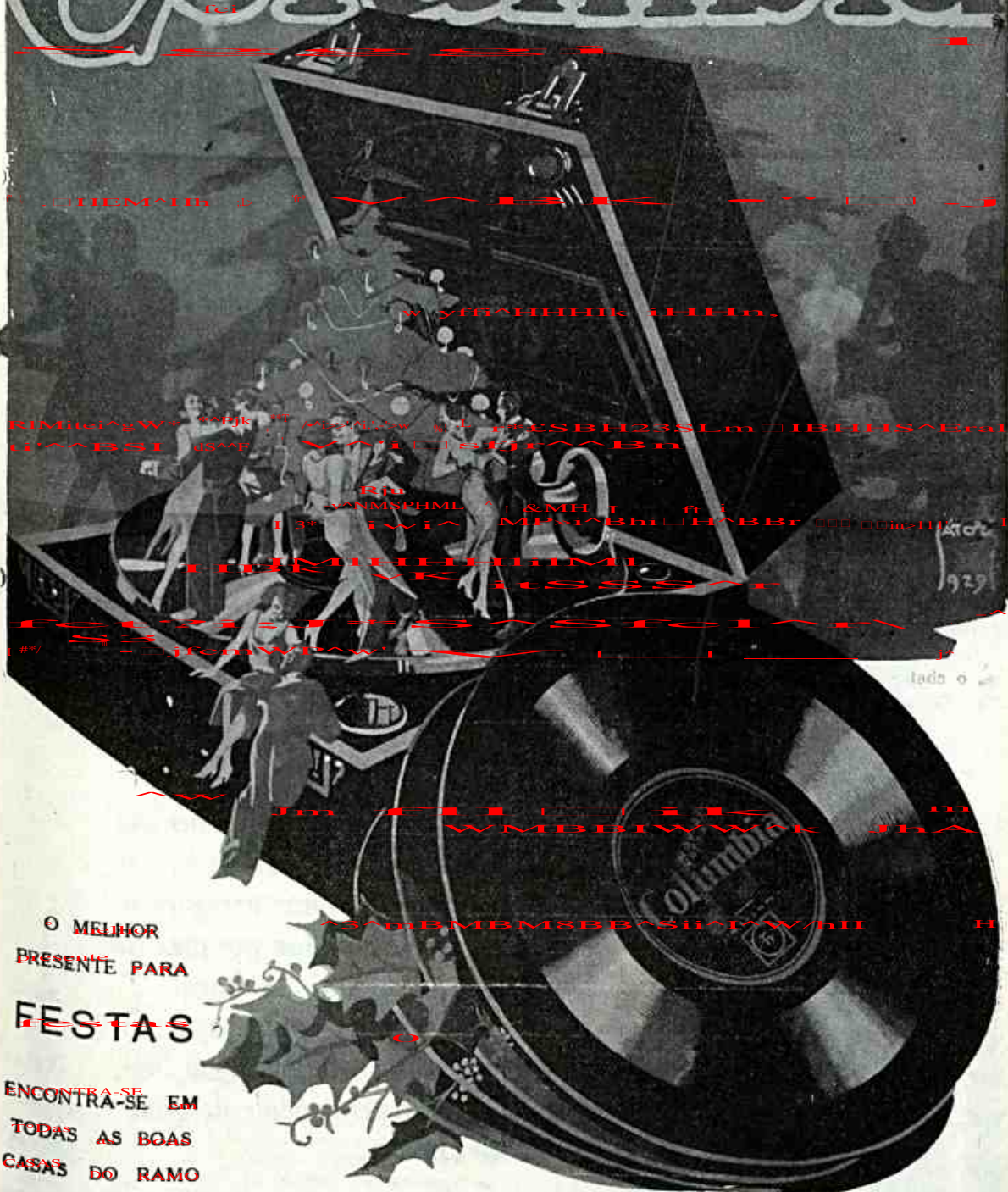
— Por que?!

— Onde a gente vae amarrá os animá?!

....

Chico Onça *torrou* a piléca, preferindo voltar a pé para a roça.

E morreu de raiva, pensando no *póste dos potros!*...

MARIO POPPE.

O MELHOR PRESENTE PARA

FESTAS

ENCONTRA-SE EM TODAS AS BOAS CASAS DO RAMO

Distribuidores geraes: BYINGTON & Co.

RUA GENERAL CAMARA, 65 — RIO DE JANEIRO

S. PAULO — SANTOS — CURITYBA — PORTO ALEGRE — RIO GRANDE — RECIFE

ANNO XXIV

FON-FON

NUMERO 1

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 4 de Janeiro de 1930

Elegia do Anno Velho

De MARTINS CAPISTRANO

1929! A tua ultima noite, que eu contemplo desolado da minha janella aberta para o mar, é a minha primeira hora de saudade! Saudade dos teus trezentos e sessenta e cinco dias vividos na illusão de uma esperança que me trouxe até este minuto amargo da tua agonia. Saudade de tudo o que me déste nas tuas transições e de tudo o que me promettestе na tua prodigalidade offuscante. Saudade dos teus domingos quietos, das tuas tardes mansas, cuja melancolia ainda hoje eu senti com o derradeiro lampejo do teu ultimo crepusculo. Saudade de todos os teus dias alegres ou tristes, porque em todos elles eu vi, sob fórmas diversas, a piedosa illusão da felicidade.

1929, amanhã já não existirás! Envelhecido com a responsabilidade do mal que fizeste, inconscientemente, e do bem que não pudeste praticar, cerrarás os olhos esta noite, abandonando o mundo que durante doze mezes te glorificou na consagração ephemera dos calendarios! Desprezado pelos homens, que só te amaram emquanto tinhas noites e dias para lhes dar, não mais poderás reinar entre elles, porque o novo anno — teu substituto — já entra exigindo essa ingratidão daquelles a quem concedeste a ventura de chegar vivos até esta hora extrema da tua existencia. De maneira que os que assistiram á tua morte amanhã não mais se lembrarão de ti. Só os que tu sepultaste ficarão comtigo na noite da eternidade. Tambem os que nasceram no teu curso placido te recordarão quando não mais existires.

Os outros homens, seduzidos pelo anno que chega, transferirão a elle os direitos absolutos que te haviam confiado quando lhes abriste o primeiro sorriso na ultima hora do teu desventurado e esquecido antecessor. E tu deixarás de existir. E só se falará em 1930, que traz comsigo o esplendor e o prestigio da mocidade. Envelheceste. Já não prestas. O mundo não te quer assim, tropego, vacillante, com a tua pobre ancianidade dolorosa. E's invalido para elle.

Mas, consola-te, 1929, que o teu destino tem grande semelhança com o destino obscuro dos homens. Como tu, elles nascem festejados e atravessam a vida gloriosamente, si a fortuna lhes sorri. Mas, afortunados ou não, emquanto são moços, só conhecem a alegria, o prazer, a esperança, a propria felicidade, que ás vezes não passa de uma suave miragem no deserto da sua amarga juventude. Chega, porém, a velhice. Chega de repente, como no soneto do poeta cearense padre Antonio Thomaz:

Desfazendo illusões, matando enganos...

Então, nós enxergamos, claramente,
Como a existencia é rapida e fallaz;
E vemos que succede, exactamente,

O contrario dos tempos de rapaz:
Os desenganos vão commosco á frente
E as esperanças vão ficando atraz...

E' assim a vida do homem. E' assim o seu destino. Destino igual ao teu, ó triste anno que agonizas na tua ultima noite, ironicamente alegre!

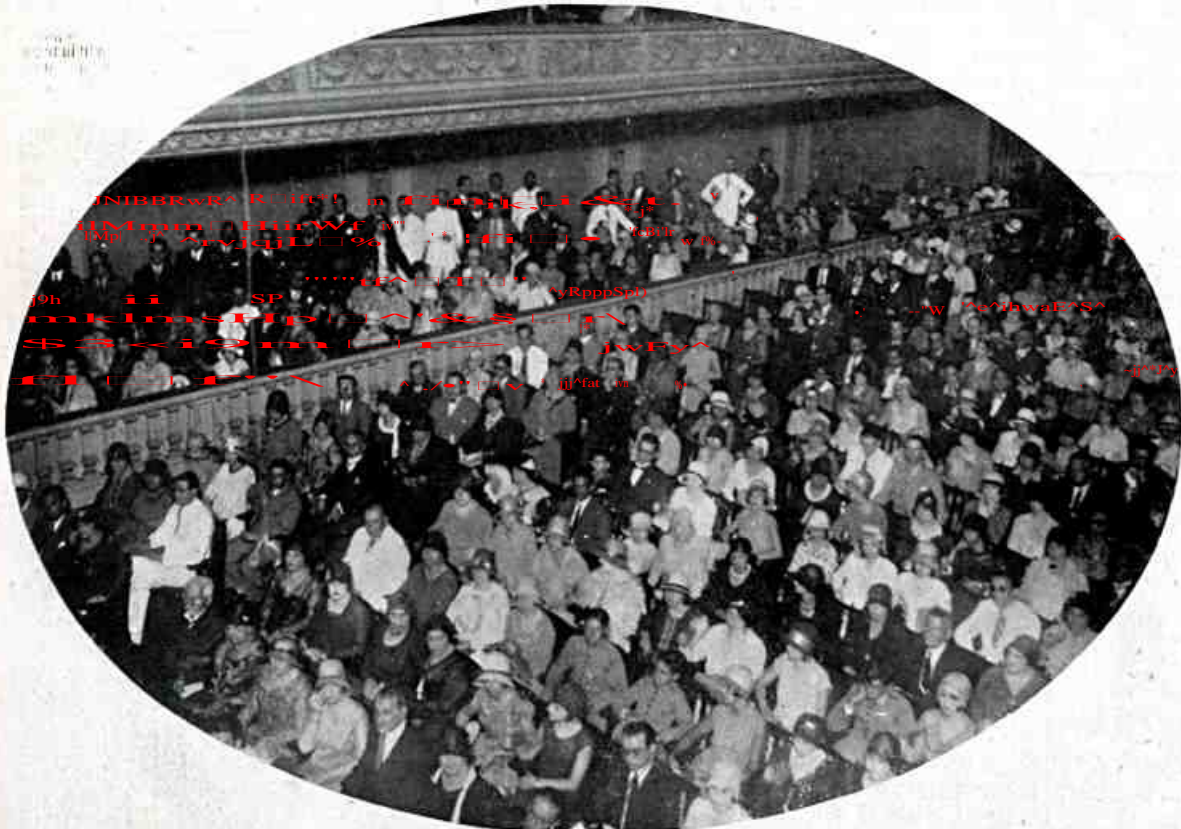
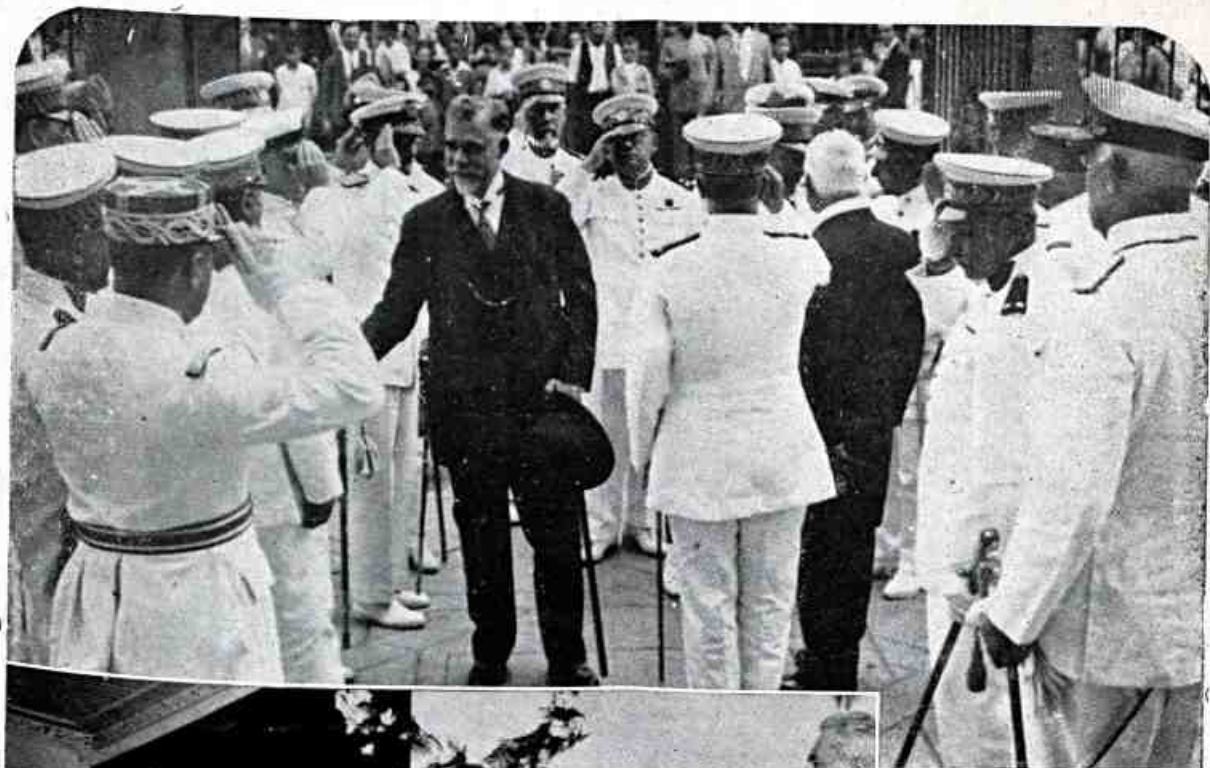
1929, eu tenho pena e tenho saudade de ti. Porque te sinto a angustia neste começo de velhice. E porque a tua morte representa menos um anno de mocidade para a minha vida...

Com a presença do dr. Washington Luís, presidente da Republica, e de outras altas autoridades, realizou-se, quinta-feira penultima, no salão nobre do Instituto Nacional de Musica, a cerimonia da collação de grão dos bacharelandos que este anno terminaram o seu curso na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro.

MELINDROSA

MELINDROSA cada vez mais me entristece e desgosta, taes são as transformações que a pouco e pouco se veem fazendo no seu espirito, no seu modo de ver e comprehender a vida.

Ella já não é a graça vadia e bregeira da cidade, o sorriso vagabundo e amigo que se offerecia, generoso e camarada, aos que buscavam, no seu delicioso e suave convivio, alguns momentos de alegria e d'etourderie...

Transforma-se externa e internamente, na toilette e na alma, quero dizer.

Um aspecto da grande assistencia que enchia o salão do Instituto de Musica durante a festa dos bacharelandos de 1929.

A Escola de Estado-Maior encerrou solennemente as suas aulas na manhã de terça-feira penultima, tendo comparecido, pessoalmente, a essa festa dos officiaes-alumnos daquelle instituto superior do Exercito o sr. presidente Washington Luis e os ministros Nestor Sezefredo dos Passos e Pinto da Luz.

Os bacharéis que concluiram o seu curso em 1914, na Faculdade de Direito desta capital, reuniram-se, ha dias, no Jockey Club, para commemorar, com um festivo almoço, o 15.º anniversario de sua formatura.

A SERENATA

Na hora calma da noite, quando a cidade dorme, ouço a serenata que desce dos pardieiros do alto da montanha, promovida por um grupo de bohemios de quilate, dos que não pensam nos horrores da vida, pois tanto faz ter a moeda no bolso como estar inteiramente desprovido della.

O violão geme, o cavaquinho salta, o instrumental de sopro vibra, acompanhando o cantor que, certamente por descuido, deixou a voz em casa...

Mas, não me interessando o cantor, presto attenção á musica, cuja toada plangente, languida, tem um pouco da nossa alma.

A serenata passa, os ultimos accordes perdem-se no espaço, porém, fico a scismar na sorte dos notivagos, que devem ser creaturas felizes, não padecendo os horrores de uma noite de insomnia, como esta que me devora a alma.

Pudesse eu tambem cantar para espantar os males do meu coração, tivesse animo para correr atraz da serenata, esquecendo-te, ó minha companheira de insomnia...

Como seria feliz si pudesse correr atraz da serenata!...

Para festejar o primeiro decennio de sua formatura, os antigos alumnos do Externato Santo Ignacio, que em 1919 concluiram o seu curso de bacharel em sciencias e letras, reuniram-se em um jantar, no Palace Hotel, na noite de sexta-feira penultima.

O illustre cirurgião patricio dr. Castro Araujo foi, sabbado ultimo, por motivo de seu anniversario natalicio, carinhosamente homenageado pelos seus collegas e amigos, que lhe offereceram um almoço e lhe prestaram outras demonstrações de sympathia e apreço.

MELANCOLIA

Neste fim de anno triste, anno que fecho com um grande deficit de mágoas sobre as poucas alegrias que elle me trouxe, sinto necessidade de sorrir, sorrir com a doçura de um philosopho que sabe soffrer e que sabe perdoar.

Si o espectaculo interior da minha alma não foi renovado pela doçura de uma sensação côr de rosa; si o amor desertou ou abriu uma grande pausa no trepidar do meu coração, isto passou tão calmo, que nem sei explicar como foi...

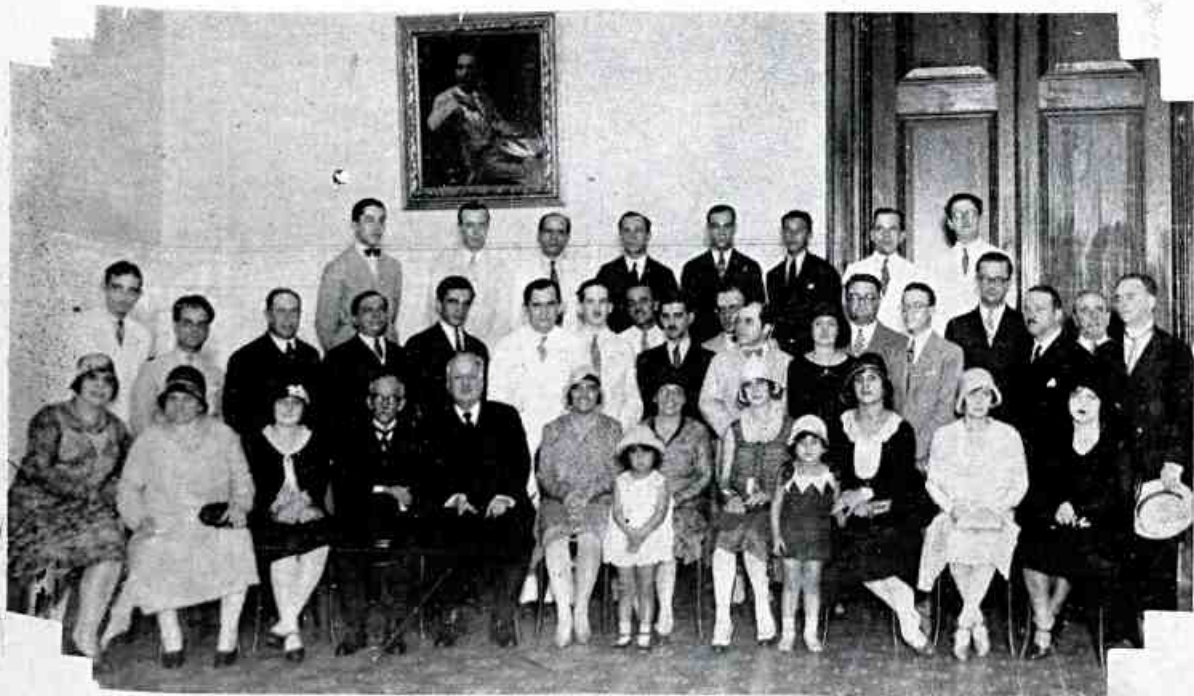
Mas, as tragedias rubras da vida exterior, os dramas de sangue que fizeram o noticiario macabro das gazetas neste fim de anno, relaxaram os meus nervos.

Quero pensar em um anno melhor, esquecer as horas tristes deste fim de anno triste, quero sonhar alegrias novas, alegrias festejadas pelo riso guisalhante das mulheres.

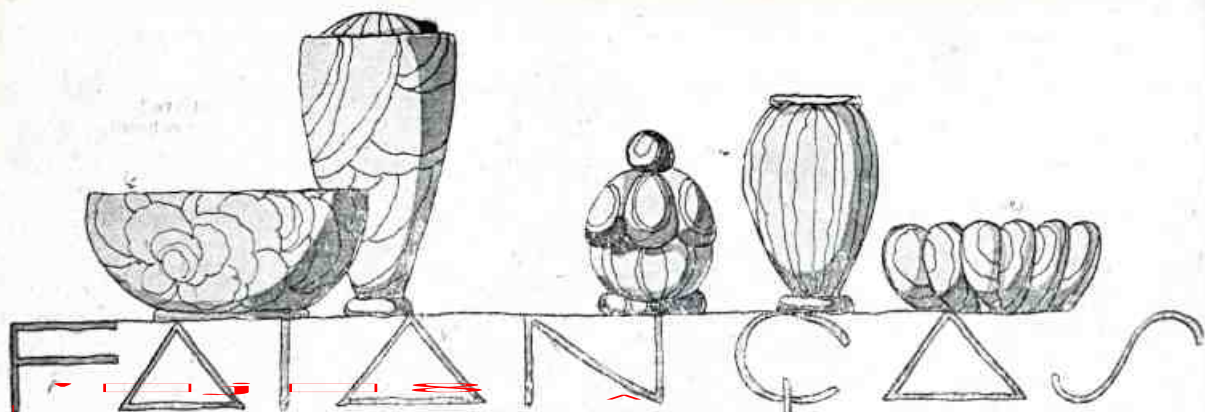
Tudo em pura perda!

Vejo, ao redor, lagrimas, o desalento...

Porém, a voz da esperança grita ao meu ouvido: "Eia! Isto é nuvem que passa..."

MARION

Os bachareis da turma de 1924, da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, commemoraram segunda-feira o quinto anniversario de sua formatura, reunindo-se em um jantar, no qual tomaram parte, tambem, o conde de Affonso Celso e o professor Porto Carrero, então reitor da Universidade e paranympho da turma.

FAIANÇAS

— Si adivinhassem o assumpto de nossa palestra...
— Todos achariam graça...

Faianças cheia de flores e perfumes

Faianças! Por que esta secção recebe o nome de *Faianças!* Por que é fragil como a propria louça? Por que não guarda uniformidade entre si? Faianças... Por que?

Por que ellas "sont comme un reflet de la vie de tous les jours, d'il y a cent soixante — quinze ans, á la ville et á la campagne, dans la rue et dans les salons..."

Isso para me servir da definição do critico de arte da "Revue des Ventes de la Semaine" de "Le Figaro artistique".

Pequenos vasos, discos, jarros, zagens, os themas, os motivos rendilhados artisticos as paisagens, os themas, os motivos mais bellos e expressivos, as faianças de Veneza, como as porcelanas da China ou de Saxe têm uma relação estreita com essas pequenas annotações e esses commentarios que, nós outros, os chronistas do *au jour le jour*, urdimos com esmeros de gravadores e illuministas, sobre as nossas proprias emoções, as nossas idéas, os nossos pensamentos.

Que é *Le Vase brisé* de Sully Prudhomme, senão a copia de um coração que ama e soffre?

Poder-se-á allegar que o poeta modelou o seu vaso em uma peça de crystal. Mas elle era fragil. Fragil, do mesmo modo, que uma jarra de faiança da Italia ou uma porcelana de Sévres.

O que o poeta quiz exprimir foi, certamente, a delicadeza das coisas da nossa alma — que se partem como os objectos de vidro, de louça, de crystal...

E, assim como num jarro de faiança se pode depositar o liquido louro de um perfume fino de Bichara, um ramo fresco de violetas, de narcisos ou myosotes, eu me esforço para que, no symbolismo desta pagina, as nossas patricias, só vejam flores e só aspirem perfumes em cada uma destas pequenas *Faianças*, nos primeiros dias do Anno Novo...

A arte de ser bella...

— Não gosta das oxigeuadas, doutor?

— Não.

— Acha-as ridiculas?

— Acho-as extravagantes.

— Mas toda mulher tem o direito de procurar fazer-se bella...

E o meu amigo X... citou o poeta das *Flora do mal*, frisando bem:

— Baudelaire dizia que a mulher que se enfeita, que se pinta, que se torna coquette, é superior ás que o não fazem... As primeiras, affirma o poeta, têm uma noção mais clara da belleza.

— Mas a mulher que se oxygena, por exemplo, não tem a noção das coisas bellas. Porque a belleza consiste em aprimorar a que já existe. Uma mulher loura deve accentuar o ouro dos seus cabellos. A morena deve tornar a sua pelle côr de cobre.

A que possue cabellos castanhos deve tornal-os ainda mais castanhos.

Oxygenal-os é um crime... Um crime só, não! E' falta de bom gosto. Idéa negativa da belleza.

— O sr. tem cada idéa...

— Mas essas ideas não são minhas. São de um romancista italiano...

— Prefiro as de Baudelaire.

E o meu amigo X... arrematou:

— Ai! de nós si não fosse o artificialismo da belleza!

As palavras que beijam

Minha Amiga — A tua ultima carta me deu muito o que pensar. Então, uma caricia sublime, como o beijo que sella os labios de duas creaturas que se amam, será mesmo uma concessão perigosa? Não achas que é despoetizar, com um pensamento burguez, um motivo de belleza amorosa, de pura e sublime sentimentalidade?

Beijo!

"... C'est le point rose du l'i du verbe aimer..."

Não conheces o verso immortal de Rostand?

Já meditaste na ternura impressiva daquelle beijo de *Amor e Psychv* immortalizado pelo pincel de Gerard? Ignoras que essa tela está exposta no Louvre?

Comprehendo que o sentimento de uma prosaica, burguezinha de poucas letras e empanturrada de preconceitos possa bordar toda sorte de considerações em torno de uma delicada expressão da alma humana. Mas tu, que és a Poesia em pessôa, que és lyrica e sentimental como as heroinas de Bataille — não. Tu não podes nem tens o direito de escrever esta phrase banal: "Um beijo? E' uma concessão avangada".

Avançada! Mas quando tu escreves: "Como eu te amo! Como eu ardo de amor, neste momento de solidão e de ansias!" esqueces o que diz o poeta: "Certaines paroles d'amour ne sont-elles pas susi enivrantes que des baisers!"

Do mesmo modo que ha silencios mais eloquentes do que as nossas palavras, ha palavras que beijam mais do que os nossos beijos. Adeus — Y...

Paizagem japoneza

Hontem, á tarde, passei por um jardim solitario. O sol crestava as suas rosas brancas, os seus crysanthemos, as suas violetas. As estatuas pareciam estar núas com medo do calor.

Havia uma piscina, cuja agua espelhava como si fosse de mercurio, sob as folhas largas dos nenuphares.

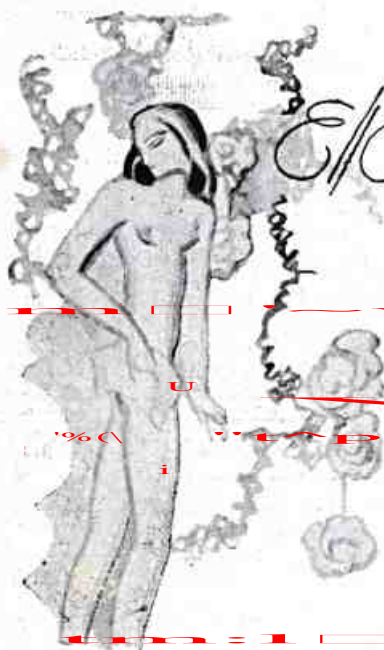
As asas das borboletas eram raras... Que digo eu?

Não havia borboleta.

De quando em quando, cortava o espaço o vôo apressado de um passaro insolado á procura de uma sombra confortadora. Havia apenas um pinheiro!

Então eu me recordei do *haikai* japonez...

Sob o pinheiro do jardim,
o vento vae e vem;
e na sombra que elle pro-
[jecta,
uma doce frescura...

Uma figura de élite.

Ella andou por aqui...

"Ella andou por aqui... Andou..."

Luiz Delphino

Que ella andou por aqui, tudo o proclama!...
Serras verdes de ao longe, e céos azues...
E esse Sol que da altura se derrama
Recebeu seu olhar na sua luz...

Por esse bosque em flor que o dia inflamma,
Releu, chorando, os versos que compuz.
E esta sombra — loucura de quem ama! —
Teve-a a seus pés... Orou naquella cruz...

Bebeu daquella fonte a agua sadia...
E os Deuses desta immensa claridade
Offertaram-lhe a taça da Alegria.

Por aqui, viu sua alma renascer...
E tudo isso que dá tanta saudade,
Deu-lhe a força, — ai de mim! — de me esquecer!...

Adelmar Tavares

Araxá — 1929.

A Academia de Letras e seus novos directores

A Academia de Letras tem hoje nova directoria, a que foram confiados os seus destinos, sendo eleito presidente o notavel homem de letras, poeta de rendilhamentos diaphanos, dr. Aloysio de Castro, que, além de clinico illustre, é quem está á frente do Departamento Nacional de Ensino. O nosso eminente companheiro de redacção e vigoroso escriptor dr. Gustavo Barroso é o secretario geral. Olegario Marianno, o inconfundivel poeta de tantos livros disputados pela nossa élite, é o 1.º secretario; o 2.º é esse admiravel amigo e espirito fascinante de poeta, e prosador de estylo terno e requintado, — Adelmar Tavares. O thesoureiro é o glorioso e potente edificador de Columnas, estheta de alta linhagem, Luis Carlos.

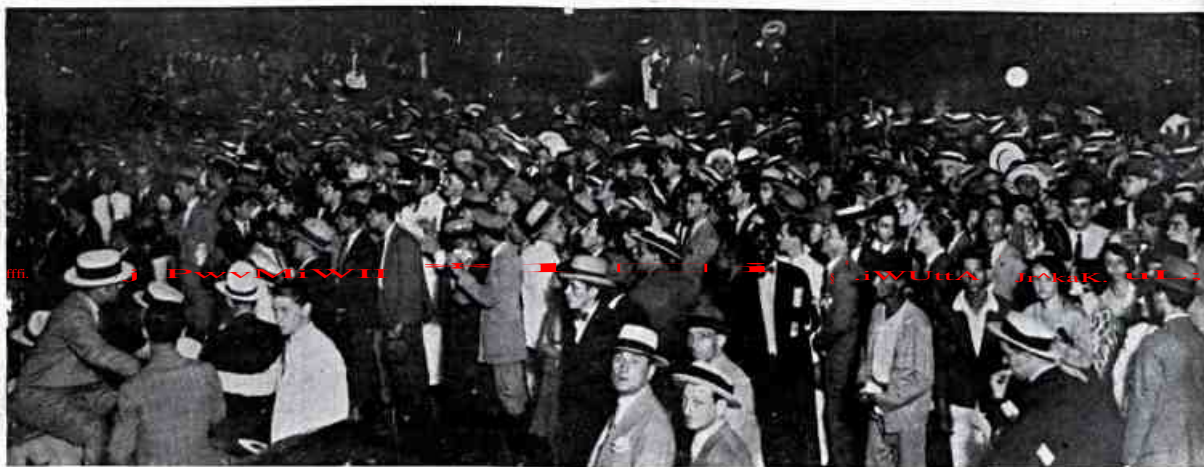
O professor Aloysio de Castro, agradecendo a sua eleição para o cargo de presidente da nossa principal aggremiação literaria, proferiu um brilhante discurso.

Dr. Aloysio de Castro, o novo presidente da Academia de Letras.

Dr. Gustavo Barroso, secretario geral da illustre companhia.

Dr. Olegario Marianno, 1.º secretario.

Dr. Adelmar Tavares, 2.º secretario.

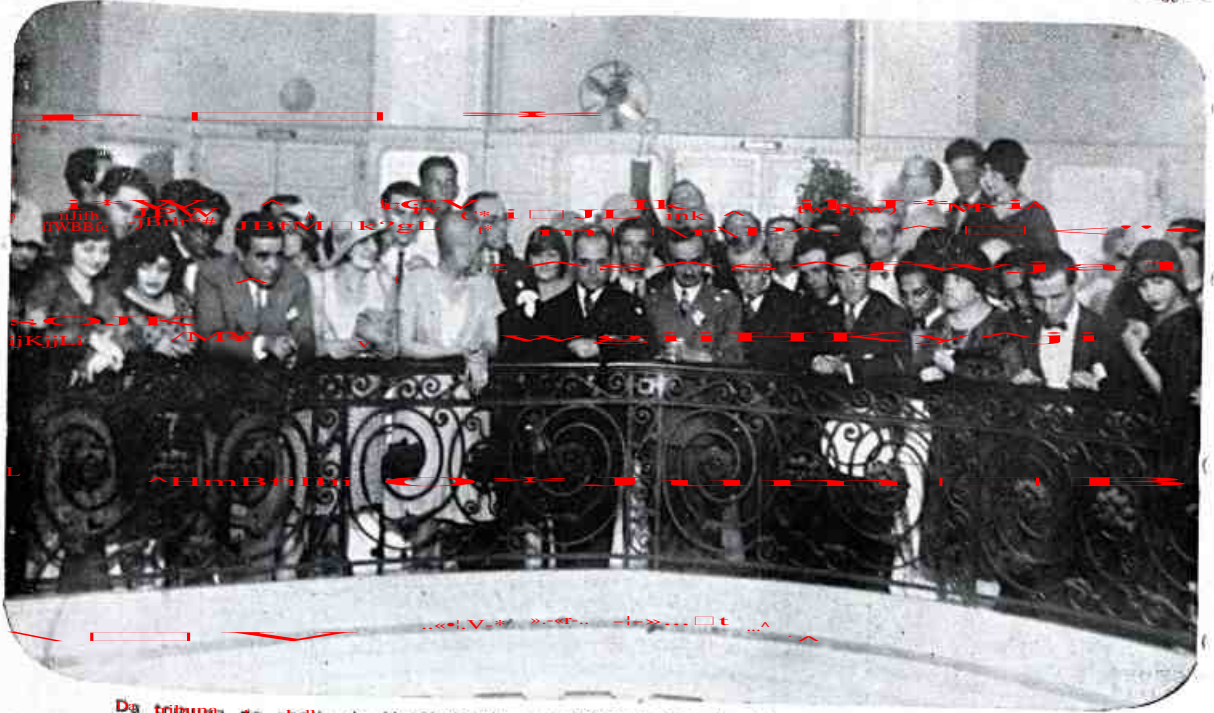
Dr. Luiz Carlos, thesoureiro.

O dr. Getulio Vargas, presidente do Rio Grande do Sul e candidato da Alliança Liberal á presidencia da Republica, chegou ao Rio na tarde de segunda-feira ultima. S. ex. foi aqui recebido com demonstrações de regosijo pelas classes populares. Ao se aproximar do cáes da praça Mauá a lancha conduzindo os presidentes Getulio Vargas e João Pessoa, o povo alli agglomerado rompeu em acclamações aos candidatos da Alliança Liberal, que entre applausos desembarcaram e assim atravessaram a avenida Rio Branco, seguidos de extenso cortejo, dirigindo-se, então, ao Hotel Gloria. As gravuras que estampamos aqui e nas paginas seguintes focalizam aspectos expressivos da recepção que tiveram nesta capital os drs. Getulio Vargas e João Pessoa.

Os drs. Getulio Vargas e João Pessoa, no Hotel Gloria, entre politicos e amigos dos candidatos da Alliança á presidencia e á vice-presidencia da Republica.

FILIGRANAS

Falando das vaidades, D a v i d aconselhou que dellas se desviassem os olhos. Entretanto, não desviou os seus da linda mulher de Urias e expôz a este em ponto perigoso das batalhas, afim de que morresse pela mão dos inimigos. E Bethsabé veio viver no seu palacio.

Quantos e quantos moralistas não são como David: façam o que eu digo e não o que eu faço. Seriam bem superiores si pudessem exclamar: façam o que eu digo e façam o que eu faço. São, porém, tão raros os que não têm as suas Bethsabés...

O povo agglomerado em frente ao Hotel Gloria durante a manifestação feita, ali, aos presidentes do Rio Grande do Sul e da Parahyba.

Da tribuna do «hall» do Hotel Gloria, o presidente Getulio Vargas e seu companheiro de chapa ouvem, com outras figuras da Alliança, o discurso do deputado José Bonifacio.

UM BEBÊ

Marilda viu um bebê de dois mezes, vermelho, inexpressivo, enroladinho em faixas, com os seus bracinhos duros de boneco de molas.

Virou-o longamente e ficou encantada.

— Ora, bonecas! Antes um bébé destes...

E veiu pedir-me um.

— Mamãe, manda buscar no Rio um bébé para mim? Bem bonitinho, sim?

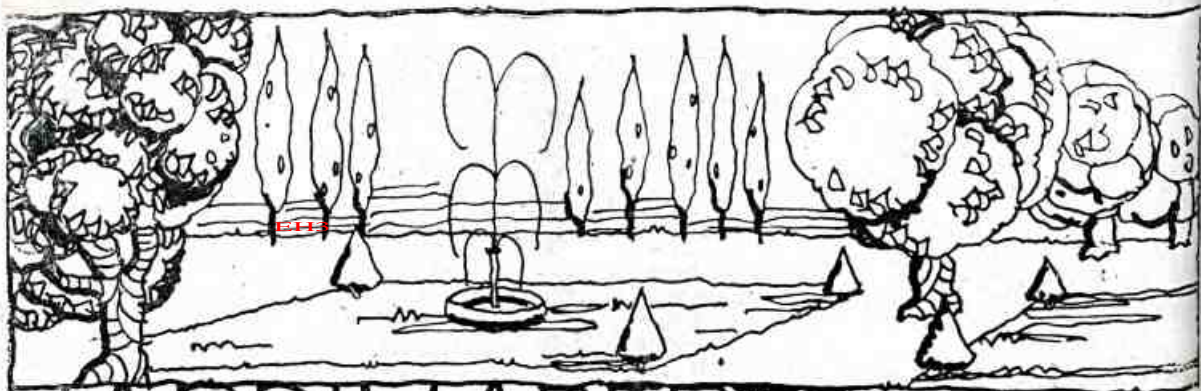
Prometti fazer-lhe a vontade, mas quem me ajudaria a criar o bébé?...

E ella, promptamente:

— Eu ajudo, mamãe. Balanço a rêde, canto para o bébé dormir, faço tudo que a senhora mandar, mas quero um bébé «de verdade».

Disse-lhe, então, que fosse pedir ao papae o ambicionado bébé, pois papae é quem compra tudo e dá todas as cousas boas: vestidos, doces, brinquedos e tambem os bonequinhos de carne e osso...

Marilda Petinia.

O deputado José Bonifacio, «leader» da Alliança Liberal, na Camara, proferindo o discurso de saudação aos drs. Getulio Vargas e João Pessoa.

POEMA ORIENTAL

Teu corpo é como uma luz que brilha nas trevas da minha saudade. A saudade do teu corpo illumina a minha vida.

* * *

Cada dia que se passa é maior dentro de mim a saudade do teu amor. E todos os golpes do destino, em vez de matal-a, augmentam a esperança...

* * *

Tu és a dançarina cujos gestos ficaram para sempre gravados na minha memoria. Porque tu soubeste dançar para mim, como ninguem nunca o soubera, a dança do Amor.

* * *

A agua que refletio teu corpo claro não o guardou dentro de si, porque a minha louca saudade tomou-o egoisticamente para ella só.

* * *

Mais cheirosa do que Balkis, teu corpo tem mais perfume que o jardim de Marib cantado pelos poetas arabes. E o teu perfume diluido na minha saudade é o pae das minhas insomnias.

Horacio Cartier é uma singular figura de homem de letras, porque nelle se reúnem todas as expressões da arte de bem eccrever. De bem escrever é a locução que se ajusta ao seu caso, pois Horacio Cartier é tão eximio jornalista, como critico de arte, chronista, «conteur», romancista, pamphletario e poeta. Essas feições do seu espirito já eram sobejamente conhecidas de todos nós que nos habituámes a acompanhar a sua acç › vigorosa, e sempre cheia de brilhos, na redacção d'«O Globo», ao lado de Eurycles de Mattos, essa intelligencia de escol. Agora, elle acaba de revelar o poeta enternecido, de imaginação larga, de coloridos á Corot, de sonoridades novas, o qual se velava por traz do miraculoso «conteur». «Conteur» que é mais um ourives, um filigranista dos themas, dos cacos, dos dramas da alma humana. E' assim que elle apparece, provocando surpresas agradaveis, com o poema «A Mulher do Illusionista» e a collecção de contos «O concertador de bonecas». E o melhor elogio que se pode fazer a essas duas obras é dizer que ellas trazem este nome — Horacio Cartier.

Teu amor foi cu uma sombra sobre o e teril terreno da min alma que o soffrime talúra. Benefico, elle f crescer arbustos e de abrocharem flôres on antes nem o ardei mais brotava. Que im ta regássemos ás vezes, areal com nossas la mas!...

* * *

Tu és a lua que al mia a minha noite.

Quando minguas, es ro que de novo cresç E os teus eclypses me apavoram, porque que voltarás mais lhante ainda.

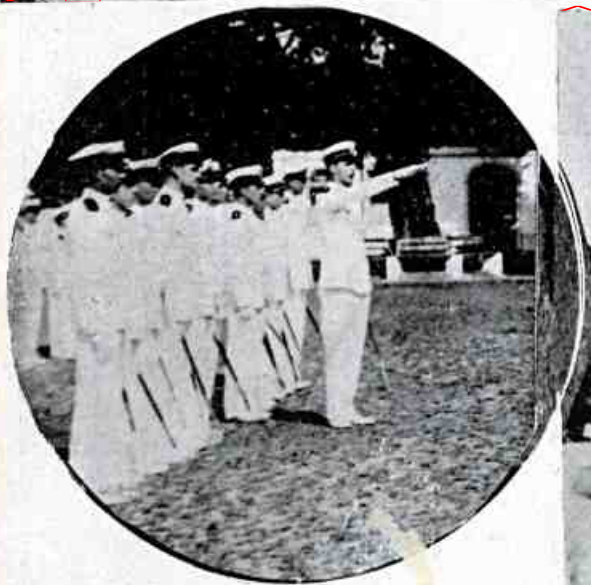
* * *

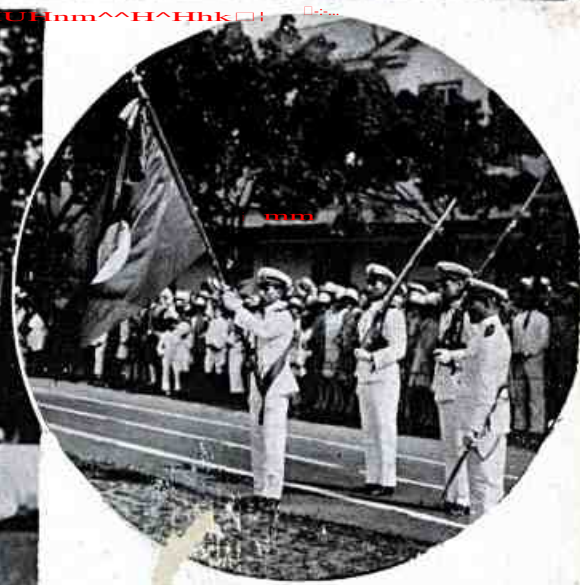
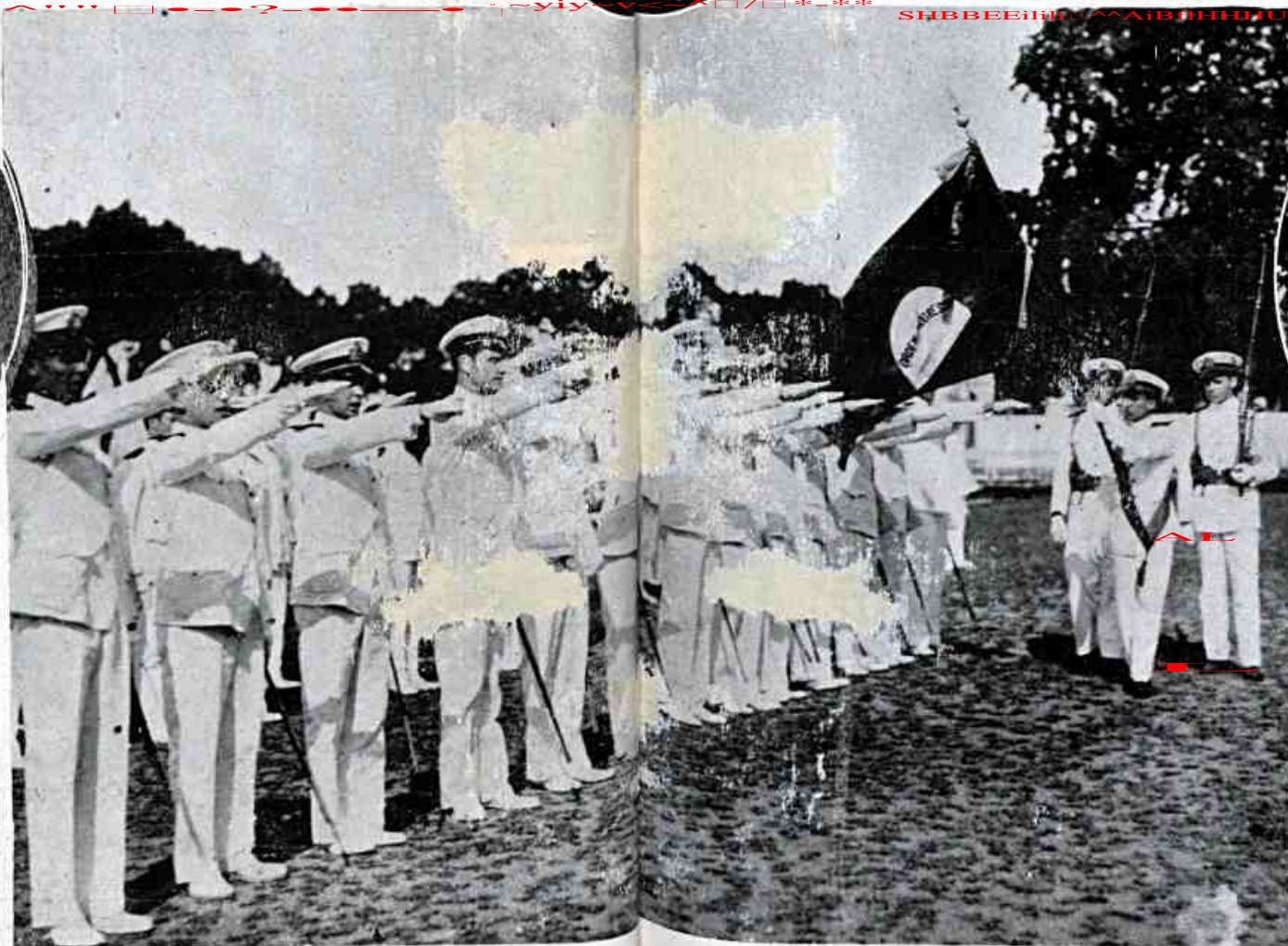
"Hoje — escreveu poeta — a felicidade es aqui, amanhã está e aquelle que a proc jámais a encontra."

A nossa felicidade es nos nossos olhos qua elles mergulham uns d tro dos outros e que gos fremitos fazem on lar os nossos corpos co os estandartes dum numa tarde de bata

* * *

Eu caminhei para pensando que fôsses miragem, mas em ti contrei uma realidade te amei muito mais causa disto.

Os doutorandos de 1929 da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro realizaram, sabbado ultimo, a sua festa de formatura, mandando celebrar uma missa em acção de graças, na matriz da Candelaria, visitando os tumulos dos professores e collegas fallecidos, collando grão perante a Congregação da Escola, o chefe da Nação e outras altas autoridades, e, finalmente, offerecendo um baile rumptuoso, nos salões do Fluminense F. C., á sociedade carioca. As nossas gravuras fixam aspectos da cerimonia da collação de grão dos novos médicos, que, em baixo, apparecem com os seus paranymphos e com o núncio apostolico e o conego Marinho, após a missa, na Candelaria.

A FESTA DOS NOVOS GUARDAS-MARINHA

Muito tocante, pela sua significação patriotica e pelo seu caracter militar, foi a cerimonia da entrega das espadas aos novos guardas-marinha, que se realizou na séde da Escola Naval. Os brilhos da tarde e a moldura da natureza, que tanto realce deram á festividade, concorreram para que ella tivesse um accentuado cunho de grandiosa belleza. Compareceram á solennidade o sr. presidente da Republica, altas autoridades da Armada e innumeras familias. A festa constou ainda de um programma sportivo e de uma «soirée» dançante, que se prolongou até alta noite.

A' memoria de Amadeu Amaral

Cerqueira Mendes, Jackson, Tobias
E, agora, tu, carissimo Amadeu...
Quatro por sobre os quaes ás garras frias
A Morte, em poucos mezes, estendeu!

Quatro amigos perdi... Cada vez, eu
Me sinto envolto em mais melancolias.
Vendo que entre esses tumulos o meu
Irá enfileirar-se em breves dias..

Morrer? Vamos morrendo lentamente...
Com a vida dos amigos, nossa vida
Vae-se tambem, aos poucos, aos pedaços.

Torna-se, ao fim, a marcha indifferente
A' distancia mais larga ou resumida
Que alcançarão nossos cansados passos!

VEIGA MIRANDA

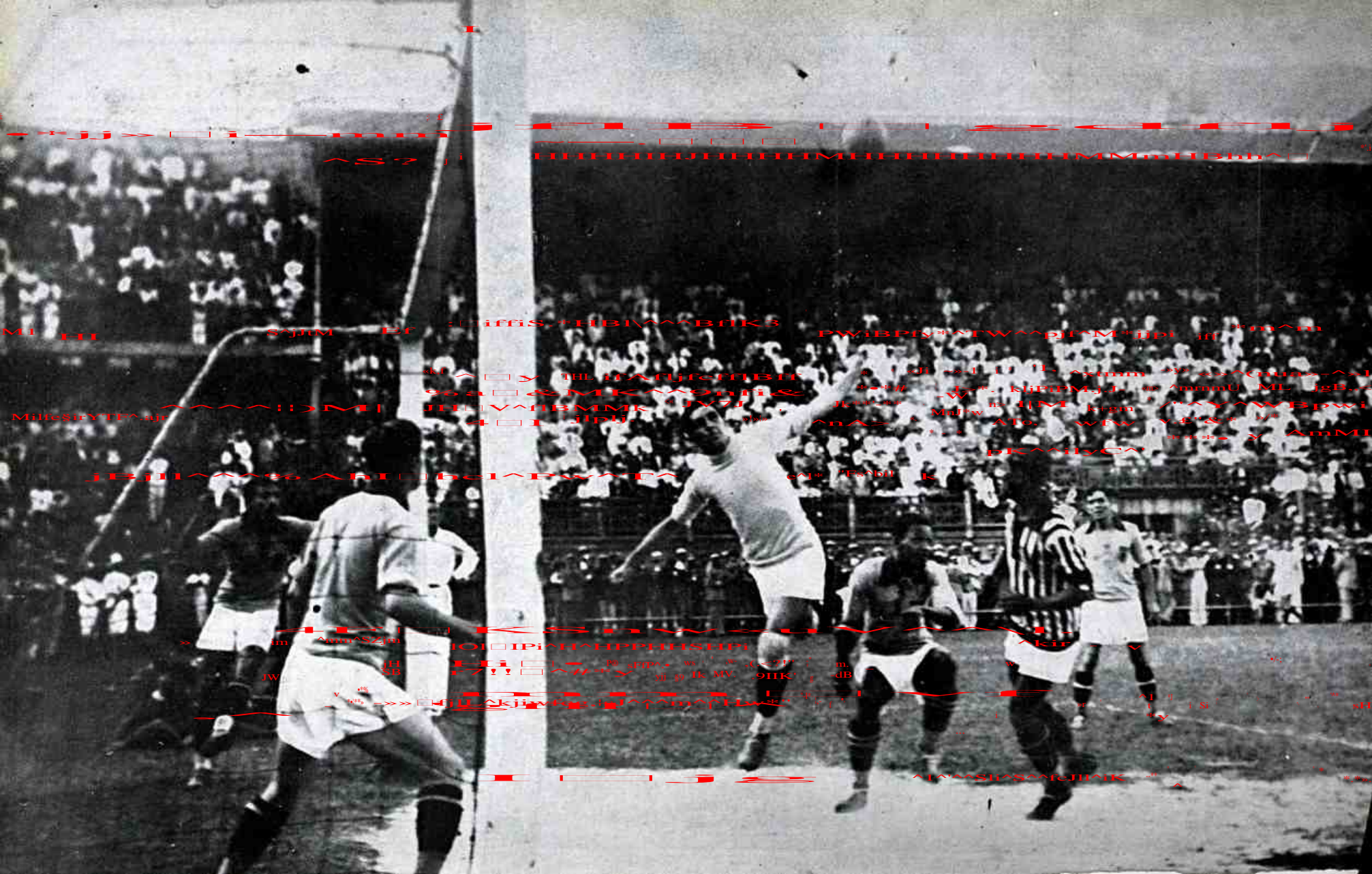
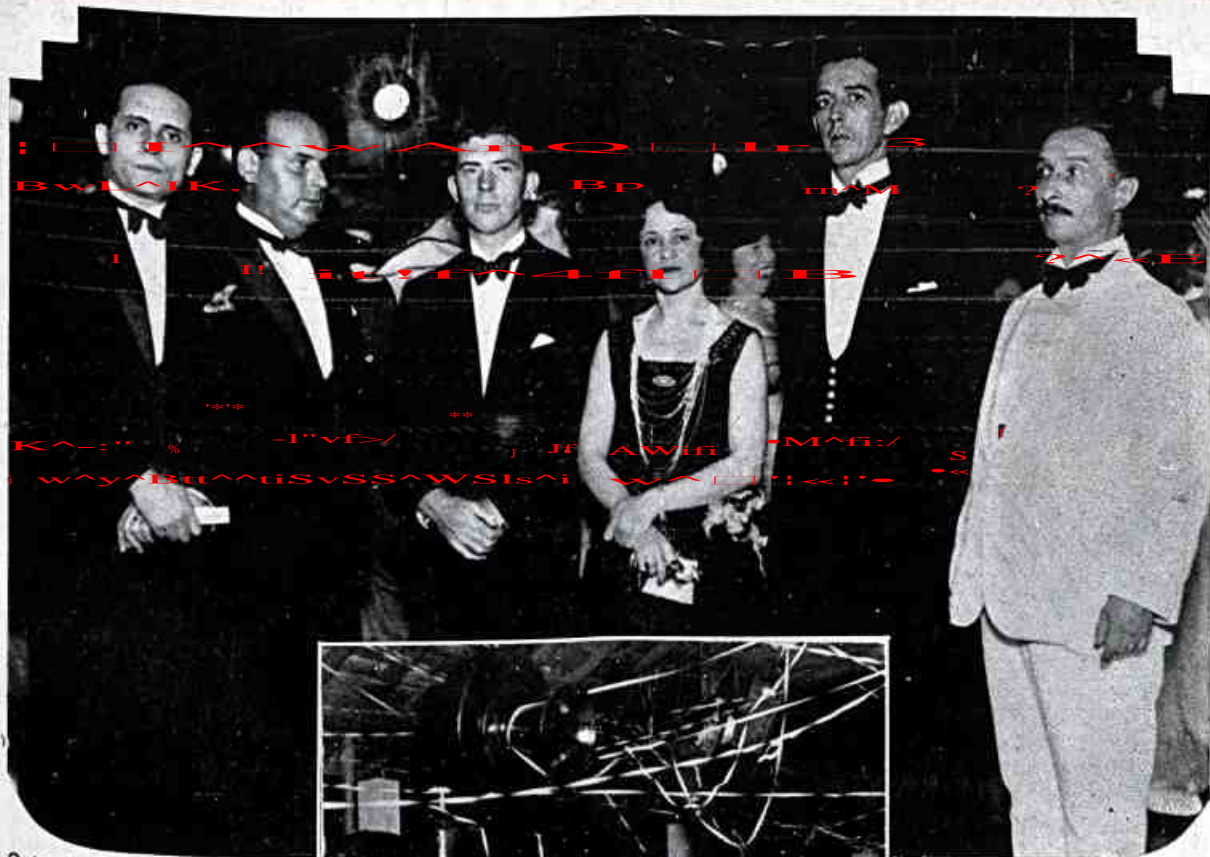
Vingança

Não sei por que decretos ancestraes
De afflicções e desgostos me consólo
No mais simples dos simples rituaes:
Ir ao jardim, ferir, cavar o sólo.

A terra que alli está, de polo a polo,
Abriga plantas, homens, animaes,
E a todos offerece o farto collo,
Nutriz, como dois seios maternaes...

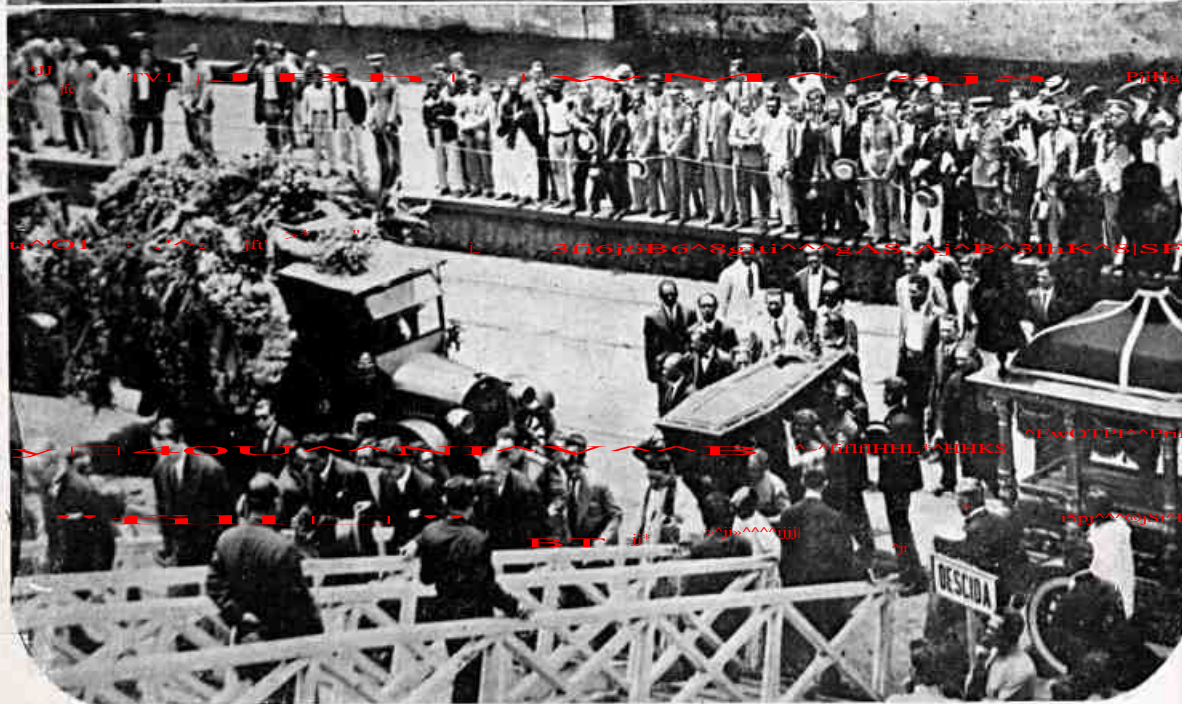
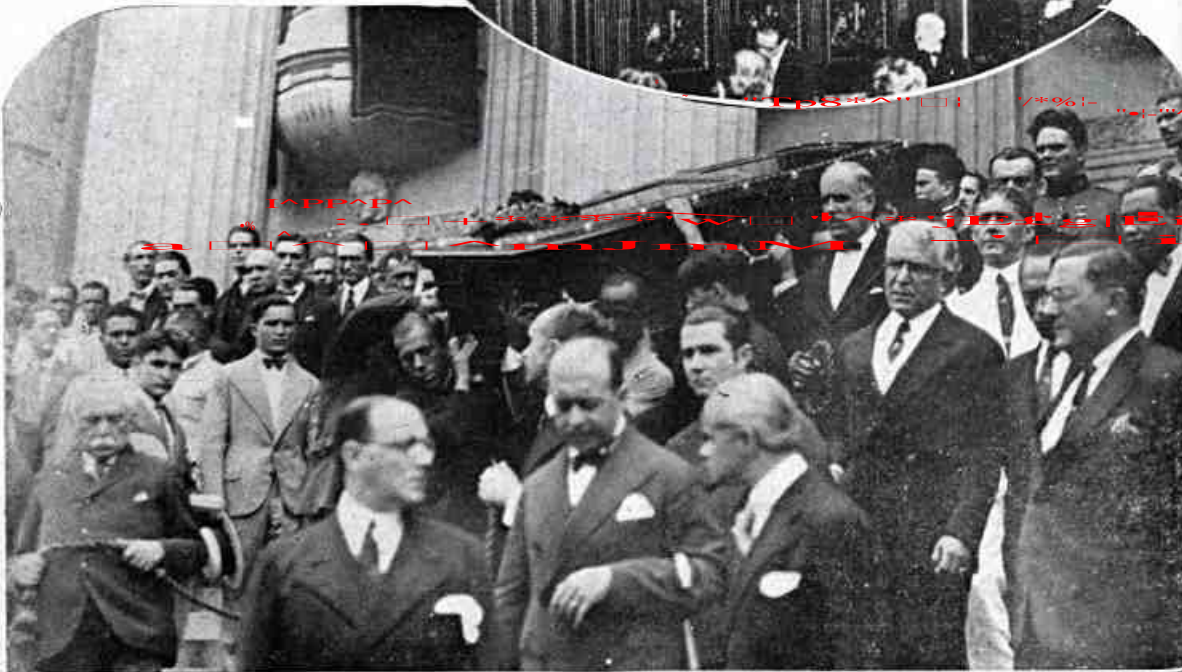
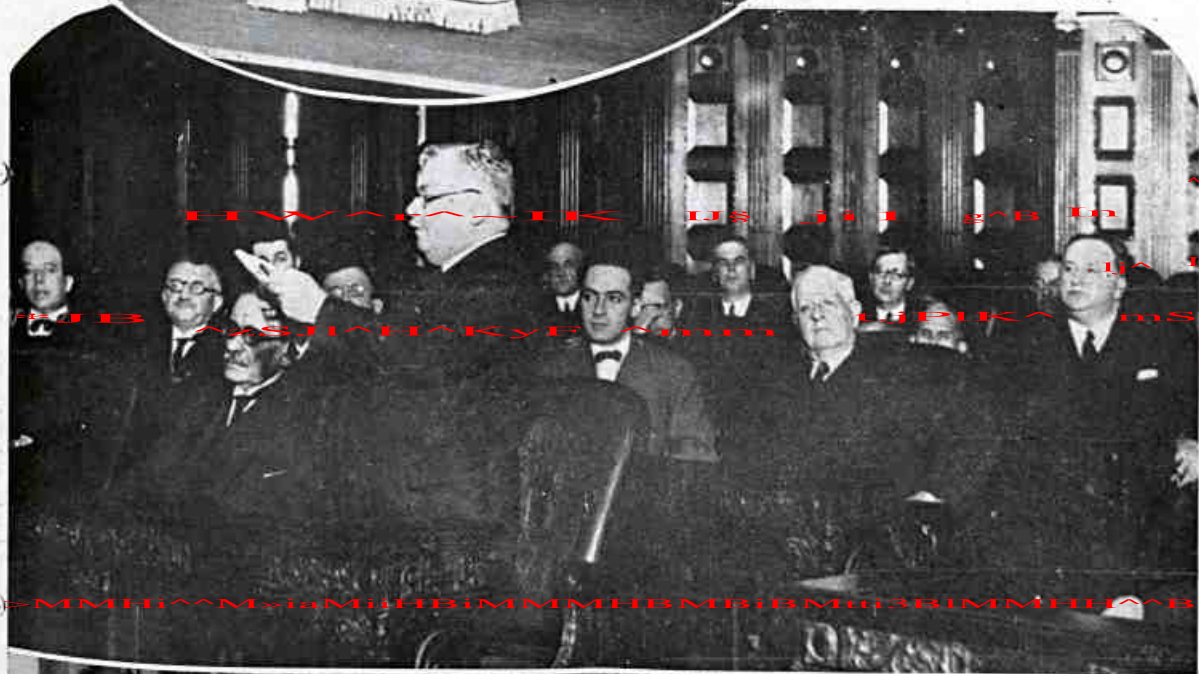
Mas só do homem exige esse tributo,
A que me entrego em transes de atavismo,
Num labor para mim rude e grosseiro.

Cruel, a terra! Ao golpe secco e bruto
Do agricultor, sacode-a o hysterismo
Da lembrança dos golpes do coveiro!

VEIGA MIRANDA

Quatro instantâneos expressivos do jogo de domingo ultimo, entre cariocas e paulistas, vendo-se, no primeiro, Del Debbio e Theophilo; no segundo, uma entrada de Russinho; no terceiro, uma empolgante defesa de Athié, e, no quarto, o segundo «goal» carioca.

O tradicional baile de Natal da Rio de Janeiro Athletic Association teve, este anno, grande esplendor mundano e a nota original do concurso de fantasias que alli se realizou, por iniciativa da directoria daquella sociedade. Foi uma festa rutilante, quasi carnavalesca, pela alegria irrequieta que a caracterizou. Alegria moderna, seculo XX... E como a noite era dos telephones automaticos e a maioria dos convivas da festa era composta de altos funccionarios da Light, que é a madrinha desses novos transmissores da voz humana, houve uma apotheose aos apparelhos que o Papae Noel do Progresso trouxe, em boa hora, para os cariocas... Esta pagina fixa alguns detalhes photographicos do baile de Natal da Rio de Janeiro Athletic Association, vendo-se ao alto a commissão julgadora dr concurso de fantasias.

DEPUTADO SOUZA FILHO

O lamentavel acontecimento que, ha poucos dias, enlutou o parlamento brasileiro, e em que a fatalidade, a serviço da exaltação politica do momento, sacrificou um de seus elementos mais representativos — o deputado Souza Filho, victima da dolorosa tragedia desenrolada no recinto da Camara Federal — ecoou profundamente em todo o immenso e magnanimo coração do paiz. As tocantes e expressivas homenagens de saudade prestadas ao inditoso representante de Pernambuco revestiram-se de rara imponencia na sessão funebre realizada sabbado ultimo, na Cama-

ra dos Deputados, e, logo a seguir, na trasladação de seu corpo da camara mortuaria ahi erigida para bordo do paquete «Pedro I», que o conduziu até a Bahia, de onde, pela estrada de ferro, foi transportado para Petrolina, em Pernambuco, cidade natal do mallogrado parlamentar, em cujo modesto cemiterio vão repousar seus restos mortaes. As gravuras que illustram esta pagina representam vários aspectos da sessão fúnebre, especial, da Camara Federal, [illegible] ria de Souza Filho e da trasladação de seu corpo para bordo daquella unidade da frota do Lloyd Brasileiro.

A UM POETA NOVO

Hello Peixoto, meu caro poeta. — Recebi, agora mesmo, o seu livro de versos... de poemas — emenda Você, na capa amarella.

Li-o, sem precisar despregar as folhas pregadas. Porque vocês, agora, fazem uns livros muito largos e muito altos e escrevem uns versos tão curtos que parecem annotações á margem — á margem das paginas em branco.

Gostei do seu livro. Palavra! Do feitio e do que Você escreveu. Não sei em que escola literaria se podem classificar os seus versos. Creio, mesmo, que Você tem tanto desprezo pelas escolas modernas, que nem lhes sabe os nomes.

Mas, inegavelmente, Você tem espontaneidade. E sabe dizer as coisas de uma maneira nova, numa reticencia. (Acho que a poesia nova evolue para a reticencia, para o subentendido. A emoção tem que ser adivinhada). Não digo que Você constrúa versos pelo mesmo processo por que se pinta um quadro cubista. Mas o seu modo de descrever, de pintar, é superpondo planos. Veja Você como isso é quasi cubista:

ENTHUSIASMO

"Estraçalha-se o negro cor- [tinado.
Um barulho molhado rodo- [pia no ar,

As montanhas perdem seus [pelos
e arrancam os cabellos [compridos.

Ribombos. Clarões. (Gritos [no escuro).
E o vento — moleque va- [dio —
rolando aos trambolhões [pela floresta".

Mas, inegavelmente, Você tem talento e escreve coisas ingenuas e lindas. O seu livro tem versos que a gente lê com prazer. Relê. Torna a ler. E continua a gostar delles. E é raro o poema hoje em dia, cuja belleza resista a uma terceira leitura.

Eu vou copiar, aqui, alguns, que lhe hão de conquistar varios admiradores e vão servir de *réclame* para o seu livro. São versos que se lêem com prazer, não porque contenham pensamentos profundos ou luminosas verdades, mas porque sabem bem, porque vêm impregnados de uma emoção que todos nós sentimos e gostamos de ver descripta de um modo simples, vivo e forte:

"Eu tinha tanta vontade
de arranjar uma namorada [bonita
tanta...

Dizer coisas tolas,
ouvir coisas simples,
Assim:
Você gosta de mim?
— Gosto!
— Muito?
— Muito!
— Só de mim?
— Só de Você.

Apalermadamente,
a olhar um para o outro,
"Sem rir sem chorar
sem chorar sem rir"

Tanta vontade, tanta...

Mas não tenho automo- [vel...

Do outro lado, na pagina seguinte, há isso:

VERDE

Cataguazes.
Olhando no mappa,
a gente vê uma coisinha [atôa
dentro de Minas.

Mas no coração da gente
um pensamento enorme
dentro do Brasil."

E mais:

DRAMA

Aquelle corpo
estendido entre quatro ve- [las altas
tirou duas vidas:
a vida da mulher e a sua [vida.

No silencio funebre da sala
uns commentam, outros co- [chicham.

E as quatro chammas di- [tas,
solidarias com o quadro
vão assassinando lentamen- [te as velas.

(Lá fóra —
as creanças brincam de [casas.)

Para terminar:

MOMENTOS RUBROS

Collados nesse rosto branco
teus labios,
são duas brazas tremendo
tremendo...

(Que vontade de queimar [a minha bocca!

Eu não garanto que isso seja arte. Mas tem poesia — uma poesia a que Você emprestou uma doce tonalidade ingenua, muito na moda hoje em dia.

Indiscutivelmente, seu "Foguete de lagrimas" vale mais do que a maior parte dos livros de versos que têm apparecido por ahi, adornados de elogios suspeitissimos.

Alem do valor puramente emocional, você, como poeta, tem uma grande qualidade: é discreto nas suas tintas. A discreção pictorica neste momento de literatura verde-amarella é uma virtude apreciavel. — Seu ex-corde, *Leão Padilha.*

Solfieri de Albuquerque.

AGONIA DO SER

O HOMEM

Tenho a fórma de um Deus, a propria imagem,
Possuo a Fé, a Força, a Intelligencia,
Domino a Terra e domo a Alma selvagem...

Trago na mente um sonho estranho e bello:
— Conquistar a fortuna na existencia,
Sem temor, sem remorso ou pesadêlo...

A VOZ

Fallaste-me no Gozo e na Alegria,
Pensando á Alma arredar o soffrimento.
Que misera chiméra, que utopia...

O pranto humano é a sombra do sorriso,
Onde quer que elle morra, num momento
O sorriso apparece, si é preciso...

O HOMEM

Abandona-me tu, Voz sem clemencia,
Eu desdenho de ti, Voz insoffrida,
Tens no timbre o estertor da Consciencia...

Para penar eu não viria á Terra,
Não sentiria o Sol, o Amor, — que é vida,
Nem toda a luz que este meu Sêr encerra...

A VOZ

O claro Sol que te impelliu ao Mundo,
A mesma luz que te illumina o rito,
Se apagará num dia, num segundo...

Tua vaidade, misero, baqueia,
Por um grande mysterio do Infinito,
Tornarás ao que foste — argila, areia...

Solfieri de Albuquerque

A Sociedade Brasileira de Bellas Artes tomou a iniciativa de trasladar para o Rio Grande do Sul o corpo embalsamado de Manoel de Araújo Porto Alegre, barão de Santo Angelo, e uma das grandes figuras da nossa historia, o qual se achava depositado na capella do cemiterio de São João Baptista. Essa cerimonia, de alta expressão civica, realizou-se na manhã do dia 26 do corrente, com grande acompanhamento de representantes das nossas classes intellectuaes e artisticas. Ao passar o cortejo em frente ao edificio da Escola Nacional de Bellas Artes, foram prestadas expressivas homenagens á memoria do saudoso e illustre brasileiro, a quem tanto deve a cultura literaria e artistica do paiz. Falaram, ahi, enaltecendo a figura de Manoel de Araújo Porto Alegre, varios oradores: o conde de Affonso Celso, em nome do Instituto Historico; o barão de Ramiz Galvão, em nome da Academia de Letras, e, pela Escola de Bellas Artes e pelo Conselho Superior de Bellas Artes, respectivamente, os professores desse estabelecimento drs. Flexa Ribeiro e Raul Pederneiras. O corpo do barão de Santo Angelo foi, em seguida, levado para bordo do vapor «Commandante Alcidio», que o conduziu para o Rio G. do Sul, a terra natal do eminente brasileiro.

Ultima Esperança — Paulo Gustavo

Quando ella, um dia, só por brincadeira,
Disse que iria para não voltar,
Falou tão séria que me fez pensar
Que a ameaça era mesmo verdadeira.

Porém, logo depois, a rir, brejeira,
Que eu era um tolo, disse a me beijar;
E jurou-me que havia de ficar
Ao meu lado, feliz, a vida inteira.

Agora, ella se foi... Onde andará?
Noutros peitos abrindo o Grande Sonho,
Nesse eterno encantar de feiticeira?

E eu penso, ás vezes, que ella voltará...
Que ai partir, deixando-me tristonho,
Foi, de certo, por simples brincadeira.

(Do poema *Divina Amargura*, no prélo).

alto fallante

As mulheres voltaram a descer as saias, cobrindo novamente tudo aquillo que fez o delicioso escandalo dos olhos irreverentes e diabolicamente penetrantes dos homens. Durante algum tempo, durante o paradisiaco dominio da volitante tanga de seda, que fez as vezes da millenaria folha de parra na indumentaria feminina de pleno seculo XX, Eva tentou, tentou, esgotando todos os recursos de seducção de que é capaz uma creaturinha como ella, meio núa, meio vestida, neste mundo de meu Deus.

* * *

Os resultados praticos dessa revivescencia da tentação paradisiaca nos dias de hoje parece, porém, não foram compensadores. A experiencia falhou porque a tentação ficou apenas a dançar nos olhos irreverentes e ladinos do Adão contemporaneo, sem nelles conseguir accender o fogo sagrado do amor.

Não é que o velho sabor da primeira maçã furtada á arvore do Bem e do Mal já tenha desapparecido do paladar do homem. Não. Com a civilização, elle, porém, tornou-se mais sóbrio, mais comedido, e mesmo mais... pudico.

Nem tudo o tenta e, em materia de comidas, as exigencias de seu paladar raffiné fizeram-no esquecer o glutão que elle foi.

* * *

Depois, as melhores fructas devem ser como aquella agua profunda de fonte, e aquelle pão escondido no fundo do celleiro, de que já um poeta latino dizia que eram mais appeteciveis e saborosos, porque não estavam ao facil alcance da mão e da bocca.

O que a mulher vestida de verdade, dos outros tempos, conseguiu recatada e pudicamente — dominar e prender o homem a seus encantos — la Femme Nue dos nossos dias viu que não conseguiria... senão illusoriamente.

Peregrino Júnior acaba de juntar aos seus titulos de jornalista e escriptor, um outro, que o ha de melhor definir, na vida pratica, a par de realizações definidas: o de medico. Peregrino Júnior é um nome que se destaca em nossas letras, pelos seus meritos e a sua capacidade intellectual. Muito é, pois, de esperar da sua acção clinica, pois quando mais não fosse, elle fez um curso que se caracterizou pelas distincções obtidas.

(Photo Annunciato).

E "ellas", que são intelligentes, finas, perspicazes, tudo comprehenderam deante do fracasso da velha maneira originaria de tentar. E voltaram a vestir-se — quero dizer — desceram as saias...

Não sei, porém, se, com esse gesto tardio, tornaram a errar, como erraram quando começaram a subir do tornozello para o meio da perna, para os joelhos, para acima dos joelhos, a saia austera de outros tempos.

Porque eu sou de opinião que uma mulher velada, de corpo e de alma, vale bem, para o homem, dez dité, ao ar livre das ruas. ou vinte, ou cem, en tenue de nu-

* * *

Assim como para a generalidade dos maridos ver ou não ver...: Madame en chemise, c'est la même chose, para os demais homens já não terá tambem grande importancia isso das mulheres voltarem a cobrir o que tanto puzeram á mostra.

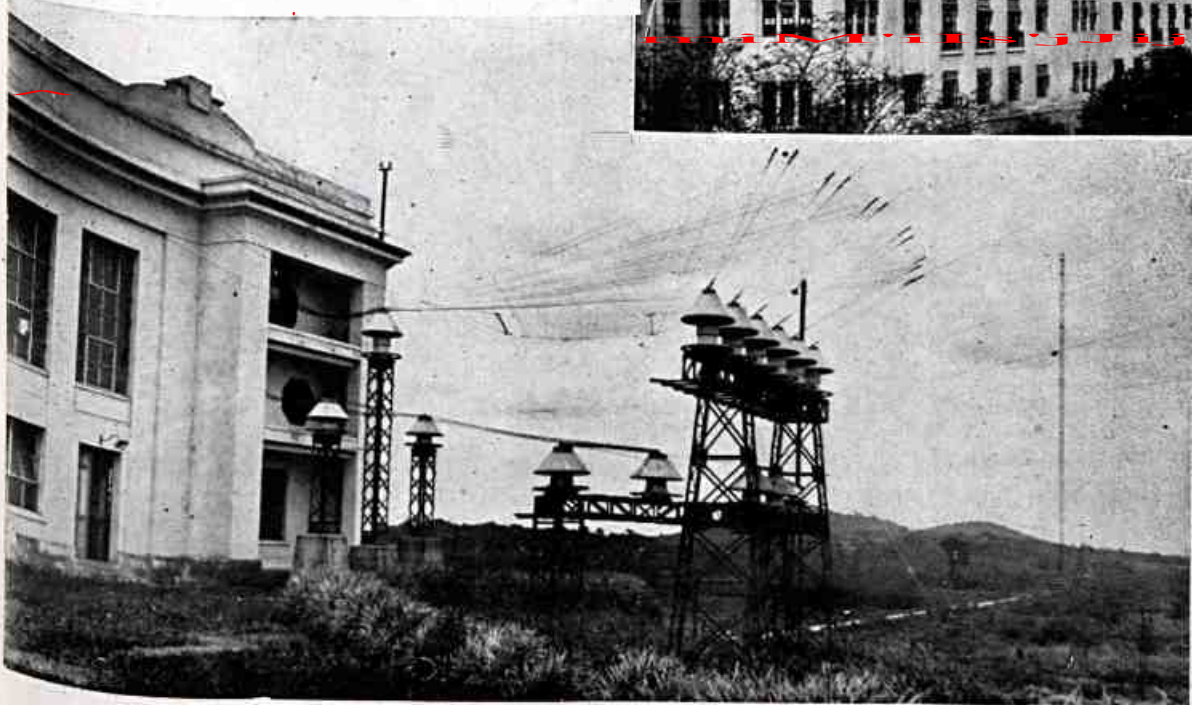
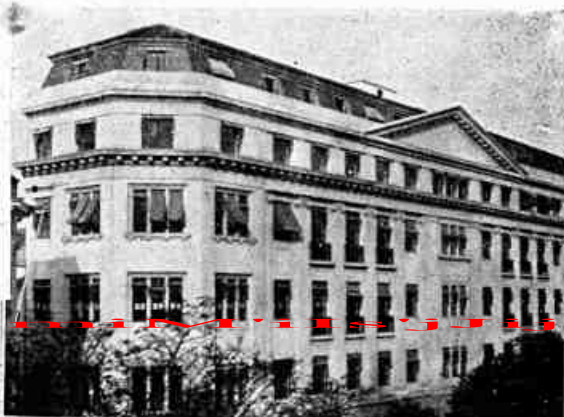
* * *

Não será, pois, com um palmo de perna mais ou menos tapado que ellas voltarão a restabelecer o fastigio do seu encanto no mundo.

Adão está tão mudado, tão differente, tão blasé!

O melhor, o recurso unico, seria o bom Deus arranjar outro Paraiso com outra arvore do Mal e do Bem, outro Adão e outra Eva que não fosse tirada da costella daquelle, para evitar inconvenientes de consanguinidade e esta... escandalosa "camaradagem" dos dias que correm...

Max Linder.

O serviço de radiotelephonia internacional acaba de ser introduzido, regularmente, nesta capital, com franco exito, pela Companhia Radiotelegraphica Brasileira, de que são presidente o dr. Sampaio Corrêa e directores os srs. René Bouguié e dr. Rodrigo Octavio Filho. Ha poucos dias, o sr. presidente da Republica, a convite da directoria da importante Companhia, esteve na séde da mesma, onde já o aguardavam s. ex., além do sr. Victor Konder, ministro da Viação, varios outros vultos de representação. Ahi, o chefe da Nação falou pelo telephone sem fio, successivamente, com os srs. Souza Dantas, nosso embaixador em Paris, Guerra Duval, ministro em Berlim, e Rodrigues Alves Filho, embaixador em Buenos Aires, o mesmo fazendo varias outras pessoas, inclusive o sr. Victor Konder, que se communicaram com amigos e parentes residentes no estrangeiro. Foram perfeitas as communicações obtidas, tendo o sr. presidente da Republica, que foi saudado pelo dr. Sampaio Corrêa, felicitado a companhia e seus directores, srs. René Bouguié e Rodrigo Octavio Filho. Esse novo e importante serviço da Companhia Radiotelegraphica Brasileira será brevemente posto á disposição do publico, já tendo sua directoria recebido grande numero de pedidos de communicações para a Europa e para a America. As gravuras que estampamos representam, ao alto, uma vista geral da sala das machinas da estação da Companhia, onde se fizeram as transmissões de voz no dia 22; ao centro, o edificio em que funcciona a séde da mesma, á Avenida Rio Branco, 77, de onde o sr. presidente da Republica e outras pessoas falaram com Paris, Berlim e Buenos Aires, e, em baixo, uma vista exterior da estação transmissora, em Santa Cruz.

Na 20.ª enfermaria da Santa Casa realizou-se, quinta-feira pela manhã, uma festa de despedida dos doutorandos que foram internos do professor Malagueta, a quem os jovens medicos prestaram significativa homenagem de sympathia e apreço. Em nome dos seus collegas, falou o dr. Peregrino Junior, que fez o elogio do professor Malagueta e terminou offerecendo-lhe o quadro da turma. O professor Austregesilo, que é o chefe da 20.ª enfermaria e se achava presente, tambem fez uso da palavra e proferiu brilhante discurso. Por fim, falou o professor Malagueta agradecendo a commovedora homenagem dos seus discipulos.

«FON-FON» EM PARIS

O professor Faure, do Hospital Broca, de Paris, com os medicos brasileiros que alli acompanham o curso de cirurgia gynecologica daquelle mestre da sciencia franceza, e que são os drs. Condeixa Filho, Luiz Guarina, Victorino Soares e Jorge Andrade.

FILIGRANAS

Conta um poeta persa que, no dia do grande incendio de Ispahan, uma pomba fizera seu ninho no capacete dum guerreiro tartaro. E' o mesmo espirito symbolico do verso de Victor Hugo sobre a pomba que se aninhára na guela do leão commemorativo de Waterloo:

l'oiseau de la paix
dans la gueule
de la bête...

Atravéz do tempo e do espaço a inspiração dos poetas se encontra, sorrindo.

FILIGRANAS

Na tarde roxa, meus passos lentos seguiam a curva traçada pelo mar. E na areia humida meus pés iam deixando sua marca profunda.

Veio a noite e toda a sua tristeza velou a minha alma. Sentei-me a um banco, na solidão. E fiquei a meditar nas palavras do poeta: "Felizmente Deus deu ao homem a saudade e a esperança". Si não fosse a saudade e a esperança, com effeito, que seria de mim?...

Fumo dum incensorio

Teu corpo polido pelas caricias parece a pedra sagrada de El D;ub gasta pelos labios dos fieis.

* * *

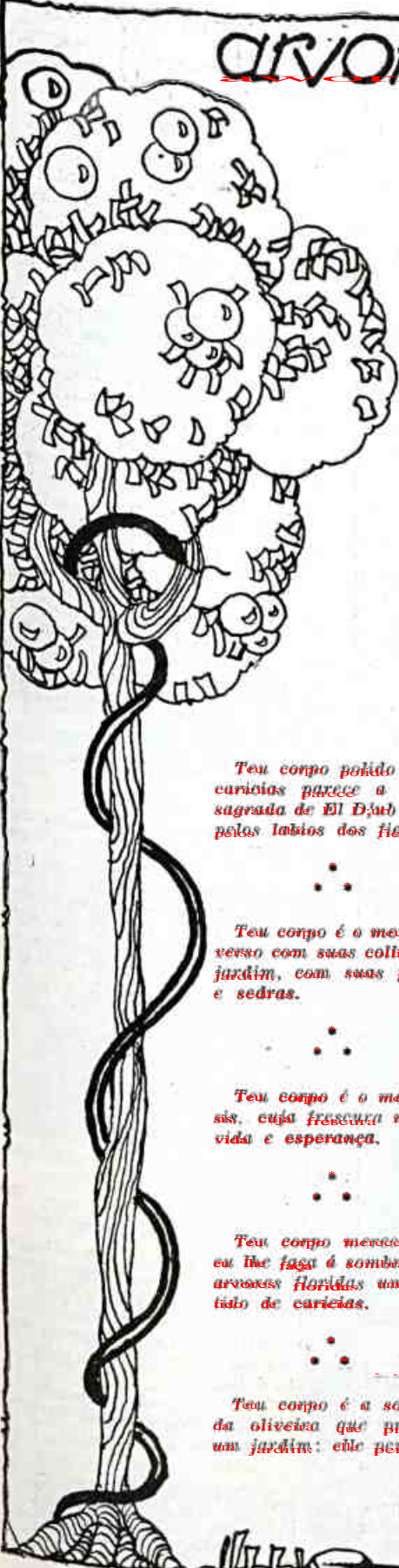
Teu corpo é o meu universo com suas collinas e jardim, com suas fontes e sedras.

* * *

Teu corpo é o meu oasis, cuja frescura me dá vida e esperança.

* * *

Teu corpo merece que eu lhe faça á sombra das arvores floridas um vestido de caricias.

* * *

Teu corpo é a sombra da oliveira que protege um jardim: elle percorre toda a extensão do meu desejo.

* * *

Teu corpo é a urna maravilhosa que eternamente goteja sobre a minha alma o delicioso vinho do Amor.

* * *

Teu corpo guarda nas suas rosas o reflexo da primeira aurora que illuminou o mundo.

* * *

Teu corpo é um mar de Amor onde naufragou para sempre o barco que me levava...

* * *

Teu corpo é o céo duma noite de verão em que a lua do Amor boia sorrindo.

* * *

Teu corpo é a mesquita deante da qual todos os dias muitas vezes eu me prosterno.

* * *

Teu corpo é o estandarte que eu abraço nos momentos de triumpho e ao qual desejo morrer abraçado.

* * *

Teu corpo é um tapete da Caramaria em que brilham as sentenças do Amor do Imz El Kais.

* * *

Teu corpo é uma arvore com dois pomos preciosos que me tiraram o repouso porque delles provei...

* * *

Teu corpo embalsama a noite como um jardim encantado.

* * *

Teu corpo incomparavel é como um veneno subtil e ao mesmo tempo delicioso que mata aos poucos: haschich da minha vida.

* * *

Teu corpo é a aza da noite e o fulgor do dia, toda a existencia emfim. Porque além delle nada mais ha que valha a pena da vida ser vivida.

TREPAÇÕES

O joven militar é noivo de uma encantadora senhorita que mora em Copacabana, o bairro sul. Acontece que ha dias o rapaz foi visto em um omnibus, lá para as bandas da Tijuca. Mas não ia só: acompanhava-o uma graciosa lourinha.

A certa altura, uma conhecida do militar e amiga da noiva deste tomou o referido omnibus. Mas não ia só: acompanhava-a um cavalheiro empertigado.

Ambos se cumprimentaram, e trocaram um olhar que queria dizer, mutuamente: "Não diga a ninguem que me viu aqui!"

FOI um choque para o nosso amigo, aquelle encontro inesperado.

O rapaz gostava da morena. Mas as coisas da vida e do destino decorreram de tal modo, que elles nunca mais se encontraram. Ou por outra, quando se encontravam, o capricho os separava de novo, como si elles nunca si tivessem conhecido.

No intimo, tiveram uma tristeza profunda e uma saudade invencivel daquelles velhos tempos em que ambos se amavam, silenciosamente...

Ha dias, elles se encontraram mais uma vez. Ella, com o seu chapéosinho de verão, cahido sobre os olhos, tinha qualquer coisa de uma collegial. Fitou-o com aquelles seus olhitos de boneca morena... O nosso amigo sorriu, indifferente, disfarçando a emoção que o empolgava... Foi isso na vespera de Anno Bom. Mas ainda hoje elle recalca a saudade que despertou inesperadamente...

QUEM diria que aquelle pirralho magrico, que conhecemos ha alguns annos atraz, viria a ser a encantadora creaturinha que é hoje o mimoso canarinho beiga que rei nou, com a sua graça chic e o seu sorriso encantador, no baile *reveillon* do anno novo?

Pois é verdade! Aquella esguia e flexivel creaturinha, com a sua graça de flor mal desabrochada, surgindo como uma delicada mara vilha da nuvem doirada do seu

A galante Maria da Gloria, filhinha do sr. Jaetta Carlos Maciel e de d. Stella Celestino Maciel.

Maria Lucia, com sua vivacidade, com seus olhinhos curiosos e indagadores, com seu sorriso alácre e festivo, é a galante menina que traz em continua alegria o lar feliz de seus extremosos paes, o dr. Luciano Alvares da Silva e sua exma. esposa, d. Maria Elisa Rodrigues Alvares da Silva, residentes em Magdalena, Estado do Rio.

vestido-poema, foi, em verdade, a Fada-Princeza do formoso salão engalanado em pompas raras.

Ninguem a excedeu no traje, na graça, na dança, porque ella concretizava a esthetica.

Mlle. elevou-se mesmo acima de uma certa morena linda e chic que foi vista cedendo ao cavalheiro que a ladeava o seu lenço para apagar vestigios compromettedores de... "rouge"...

Aquelle baile ficou assignalado para sempre em muitos corações. No do moço loiro, victima da propria vingança... No do adiposo cavalheiro, que não logrou conquistar as boas graças das senhoritas tão ardentemente desejadas para a dança...

Quanto coração angustiado! Quanto despeito contorcido em sorriso! quanta revolta abafada em palestras animadas! Quanta lagrima desfeita em risos crystalinos!

Quanta futilidade!...

O facto mais impressionante, porém, não foi citado ainda.

A "victima voluntaria"... foi o "altissimo" marujo...

Ella, um soberbo marmore animado, com o seu vestido de escamas de contas pendentes, ao terminar um tanto colleante, sentiu-se arrastada bruscamente ao peito do rapaz. Uma das pequeninas escamas prendera-se a um botão dourado, juntamente sobre o peito.

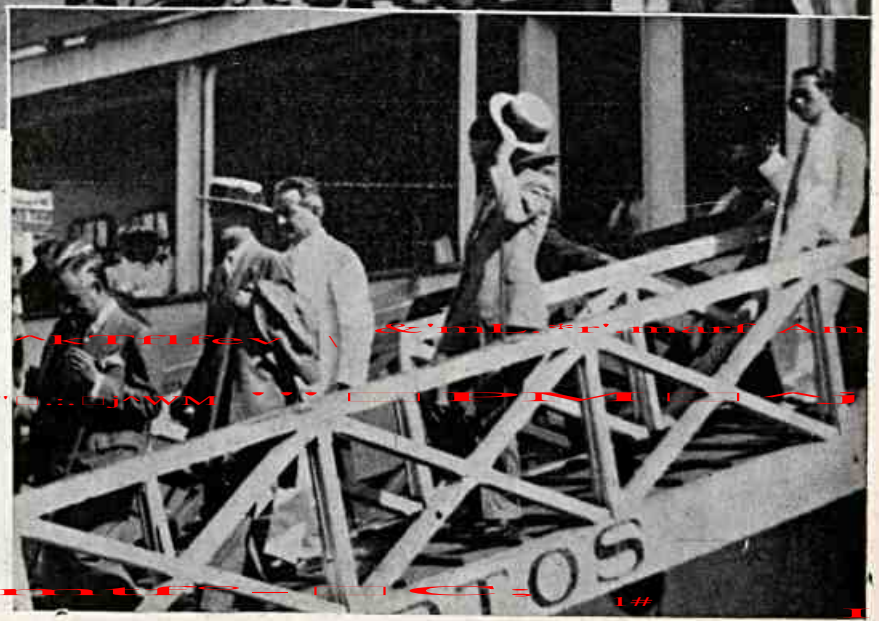
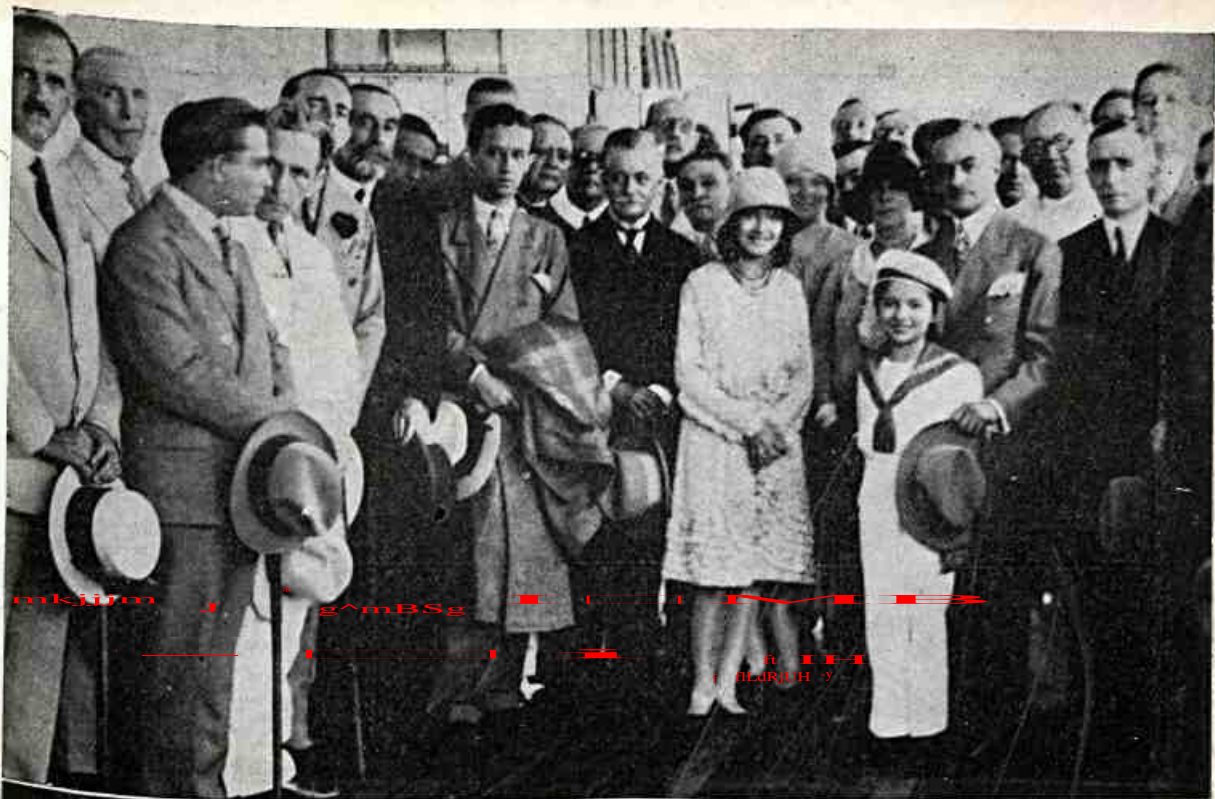
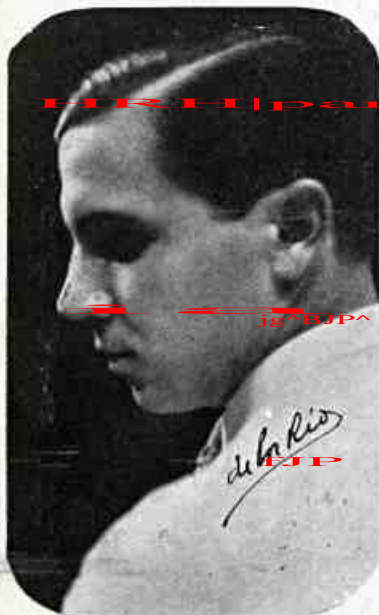
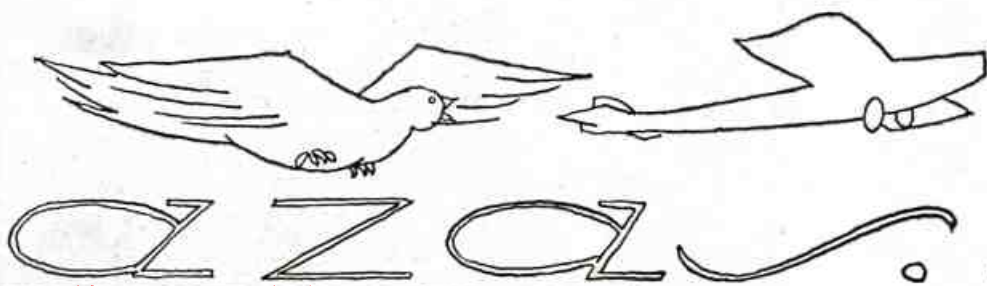
Mlle., com um pequeno grito, desvencilhou-se, nervosa, emquanto elle, rindo, prazenteiro, abria os braços e deixava-se desarmar...

Muitos viram... mas só ella exultou...

O moço loiro não devia agir com tanta precipitação.

Ha, no seu delicado caso de amor, um lamentavel equivoco.

O que elle julga ser uma ingratidão da graciosa creaturinha loira, cujos caracóes de seda tantas vezes perfumaram o seu pallido rosto de terno apaixonado, é apenas motivado por um luto recente na familia della.

Por que não perdoar, quando na sua propria revolta está o seu sincero e grande soffrimento?...

A bordo do paquete «Flandria», chegou a esta capital, na manhã de segunda-feira ultima, o dr. João Pessôa, presidente do Estado da Parahyba e candidato da Alliança Liberal á vice-presidencia da Republica. Apesar do caracter intimo de que se revestiu o desembarque de s. ex., foram recebel-o a bordo daquelle vapor numerosos politicos e amigos do chefe do executivo parahybano. Esta pagina focaliza varios aspectos do desembarque do presidente João Pessôa, vendo-se s. ex. entre os políticos e outras figuras representativas que foram cumprimental-o.

O dr. F. de Gusmão Lobo, com ser um clinico de valor, é, tambem, um cultor enthusiasta da musica e da canção brasileiras, já tendo em circulação varias composições.

(Photo De los Rios)

AZAS!... Inquietação, palpitação larga e profunda do espirito vertiginoso e trepidante do seculo!

Azas!... Ruflar sereno, caricia de pennas, esvoaçar rythmico e tranquillo de aves a cortarem o azul infinito dos céos!

Azas!... Anseios do coração, exaltação espiritual, remigios da Fantasia e da Illusão, no infinito do mundo do pensamento de cada homem!

Azas!... Benditas sejam todas as que nos elevam da terra ao céo, todas as que emprestam á idealidade humana a satisfação, a alegria e a gloria de voar, de se alcandorar á vertigem das alturas, para mais perto de Deus, podendo os homens todos dizer-lhe:

— Senhor, Tu nos déste o coração e o amor e, através das azas do coração e do amor, elevámo-nos até a tua idealização; Senhor, Tu nos déste a imaginação e o pensamento, e, através da imaginação e do

Carlyle Martins é o poeta do «Evangelho do Sonho», livro de versos de fina sensibilidade, e magistrado no Ceará, sua terra natal, onde exerce, com muita elevação moral, a promotoria publica da comarca de Icó.

pensamento, nós te comprehendemos; e, agora, Senhor, Tu nos déste as azas do avião...

Para que, porém, Senhor, Tu nol-as déste? Para que mais nos aproximemos de ti, buscando-te nas alturas, infinitas e mysteriosas, o para que, novo Icaro, tenhamos, um dia, o duro castigo de baixar á terra, de azas quebradas — as grandes azas da nossa crença em ti, na tua revelação e no teu amor!

Azas!... Trepidação vertiginosa do seculo; azas pacificas e meigas de pombos arrulhantes; azas da minha Fantasia e da minha Illusão. Progresso, romantismo, sentimentalismo...

Minha Illusão, minha Fantasia, que és tu, meu amor,
Estende sobre mim tuas azas bran-
[cas
Para eu poder viver, para eu po-
[der sonhar!

ICARO.

D. Alice Ferreira Cardoso, que é a primeira mulher sergipana que conquistou, na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, o diploma bacharella em sciencias juridicas e sociaes, é, hoje, conceituada advogada em Aracajú, onde tambem exerce o magisterio.

Um grupo de amigos e admiradores do dr. Pires do Rio, ex-ministro da Viação e prefeito de S. Paulo, prestou, ha dias, no Palace Hotel, expressiva manifestação de apreço a s. ex., por motivo de sua visita a esta capital. Na gravura acima apparece o dr. Pires do Rio entre os manifestantes.

FILIGRANAS

Entre as hervanças, em volta de nós, os insectos ciciavam. E no alto céo escuro as estrellas de prata sorriam...

Tua cabeça repousava sobre meus joelhos e minhas mãos penteavam lentamente os teus cabellos...

Noite tranquilla. Felicidade. Amor.

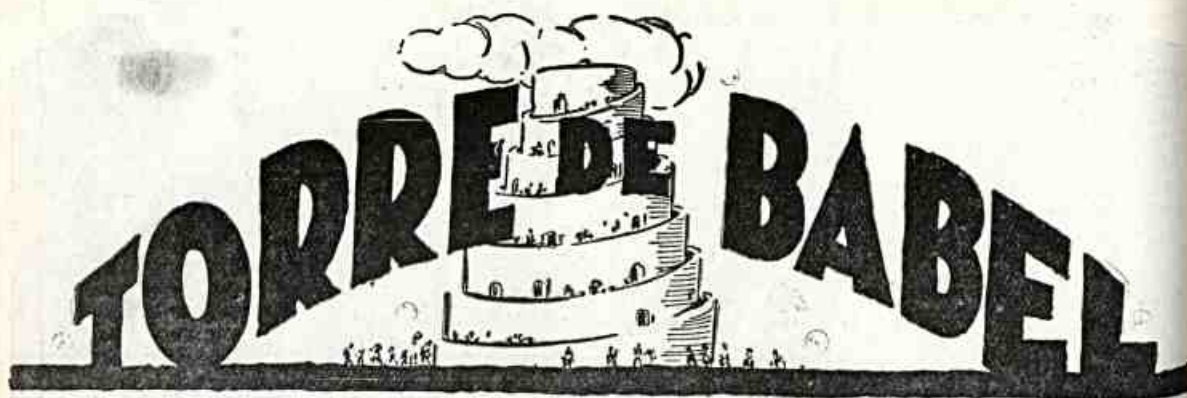
Um vento subtil começou a soprar. Despertei. Estava dormindo com as janellas abertas...

FILIGRANAS

Um dos grandes poetas do Islam compôz estes versos:

"Si quizerdes saber o nome daquella que eu mais amo, tentae lembrar-vos do nome daquella que mais me faz soffrer. E, si vossa memoria vos tráe e não conheceis essa mulher, então fazei com os labios como si fosseis dar um beijo: é assim que seu nome se pronuncia."

Conheceis porventura versos de amor mais bellos?

As alumnas do Collegio Santa Isabel, de Petropolis, que acabam de concluir o curso daquelle estabelecimento, collando o grão de professora.

O meu amigo Gonçalves é um typo insigne.

Possue todas as virtudes e todos os vicios capazes de celebrizar um homem.

Pessoalmente, é uma creatura fascinadora.

Os seus olhos verdes, franjados, olhos amorosos. A sua bôcca meio recortada, meio perfida, tem um relevo de sabedoria estranha e maldade singular.

A sua vida sentimental é uma historia que, para ser contada com minucias, daria uns trinta ou quarenta volumes, qual uma encyclopedia, dessas que se annunciam com vistosos reclamos de bibliothecas sensacionaes.

Eu tenho assistido a varias encarnações do meu amigo Gonçalves.

E' sempre, em materia de conquistas e de amor, sinto que elle é um infeliz.

A principio, Gonçalves, ainda muito joven, com a sua esmeralda symbolica ainda virginal, tivera a mania de colleccionar mulheres idosas. E era lamentavel vê-lo a cultivar paixões serodias, com trastes bem usados e fóra do mercado amoroso, por força de sua insufficiencia esthetica. O ról das suas loucuras fôra bem extenso.

Lembro-me, ao acaso, de algumas das suas fraquezas: Rachel — a baixota, e apaixonada ardente de Freud. Francisquinha — aquella muito pintada que se presume figura da alta sociedade. Pepa — velha actriz aposentada, e mais outras a que me não refiro para não alongar a lista das suas desvairadas preferencia. Só u maffeeto, realmente interessante, eu conheci a lhe preoccupar a vida. Foi uma francezinha: a Lily. E, Lily valia, com effeito, todos os desvelos do Gonçalves. Porque, sendo uma franceza joven, faiscante de graça, tinha uma irreverencia tão saborosa como os seus encantos.

Guardo da Lily uma recordação amavel.

Mas o Gonçalves é um conquistador que não sabe manter a sua posição.

Irreductivel nas primeiras investidas, elle se torna vencido logo após os seus maiores triumphos.

Sempre está procurando novas aventuras. E, agora, parece-me que a sua sensibilidade anda agitadissima.

Não perde occasião. E não escolhe. Inscreve-se em todos os pareos.

A's vezes, ganha o premio de consolação.

Faz poucos dias que o visitei. Gonçalves installou o seu consultorio na praça Floriano, sobre um dos nossos bellos cinemas, e lá nas alturas da sua especialidade vae entretecendo os seus romances e os seus casos, alguns delles pathologicos.

A ultima vez que o procurei, senti uma certa inquietação na sua physionomia.

Estaria doente o famoso Gonçalves? Depois comprehendi a sua afflicção, quando uma enfermeira, de olhos abertissim[illegible] entrára a porta do consulto[illegible] com ares desconfiados.

Comprehender é sympath[illegible]zar.

Comecei a interessar-me pe[illegible] nova paixão de amor do Go[illegible]çalves. E desta vez era uma e[illegible]fermeira. Os olhos arregalad[illegible] da rapariga, os seus movime[illegible]tos timidos me enternecera[illegible] Ella estava louca por Gonç[illegible]ves e ansiosa por modificar-l[illegible] a vida com sentenças moral[illegible]tas.

Adepta da lei secca, em o[illegible]posição ao Gonçalves, que se[illegible]pre adorou o cocktail e o chopp a enfermeira não permitte [illegible] seu amado a mais leve infra[illegible]ção aos canones da frugalida[illegible]

Gonçalves soffre a provaç[illegible] em titubeios, em sorrisos ind[illegible]cisos, e, afinal, transige, p[illegible] amor do seu amor. São est[illegible] vagancias psycopathas do me[illegible] amigo Gonçalves.

Tambem o cigarro já inc[illegible]reu na antipathia da enferme[illegible]ra. Até o cigarro...

Esse camarada fiel quer [illegible] guerra ou na paz, é sempre u[illegible] lenitivo. Nem mesmo o cons[illegible] inocuo de um Abdulla o Go[illegible]çalves póde auferir impun[illegible]mente.

E' o cumulo do egoismo se[illegible]timental!

E o Gonçalves dispersivo, [illegible] bohemio das lindas festas, [illegible] anda tão amofinado com os [illegible] napismos abstemios, que a [illegible]fermeira lhe gruda na nuca d[illegible] e noite, que vae perdendo a[illegible] poucos a scintillação.

O infeliz rapaz vive ag[illegible] preoccupado com doenças. F[illegible]

Os bacharéis de 1886, da Faculdade de Direito de S. Paulo, commemoraram o 43.º anniversario de sua formatura com um almoço, que se realizou no Jockey Club, sabbado passado.

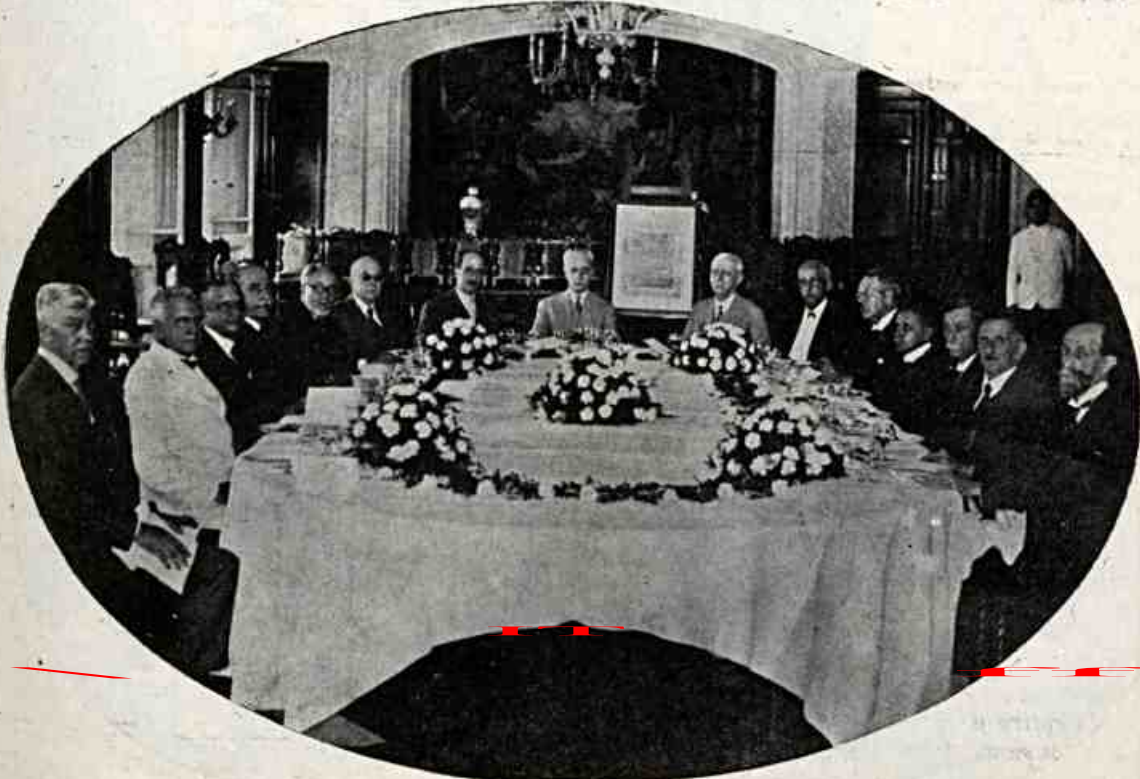
lou-me que está soffrendo umas dôres nevralgicas na apophyse mastoidea que o tem incommodado horrivelmente.

Eu nunca pensei que uma enfermeira pudesse fazer mal a ninguem.

E' da mesma substancia do officio ser compassiva e indulgente, companheira das creaturas e dos soffrimentos. E' este o apostolado das enfermeiras. Entretanto, o meu amigo Gonçalves está a definhar sob a protecção cruel de uma legionaria da Cruz Vermelha.

O homem brilhante, figura reclamada nas rodas da intelligencia, o nosso radioso Gonçalves passou á servidão de um enfermo que, não póde ter vicios, não tem direito a pensar, a sentir, a realizar. Gonçalves perdeu a razão de ser.

E' sempre um contraste a existencia do homem.

Até uma enfermeira anniquila a acção de um medico na sciencia, no amor, na liberdade e na sua propria vida.

A mesa do almoço dos bacharéis paulistas de 1886.

SOLTEIRA...

A noite estava escura.

Eram tão pretas as ruas, as casas, que nada se podia ver.

Pensei em ti. Pensei na tua promessa. E, a tropeçar por aqui, por ali, sentindo paredes, sentindo portas e janellas, eu te procurava pelos moveis; pelos leitos de marmore...

O corpo arrepiava-se. Os ouvidos, ávidos pela tua respiração, só captavam as apressadas pancadas do meu velho coração.

Arrebatado pelo perfume da tua carne, entrei. E, que horror!, senti um arrepio louco!

Perguntei a mim si havia tocado os teus cabellos.

A «Light» deu-nos luz, e arremessei, indignado, o fio electrico das mãos.

Corri... abandonando apressado o açougue. Aquelle que o sr. Manoel tem alli na esquina...

BRAZ GLÉTTE...

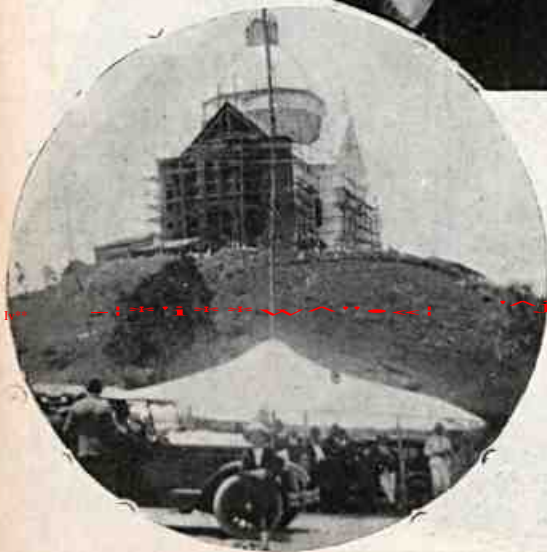
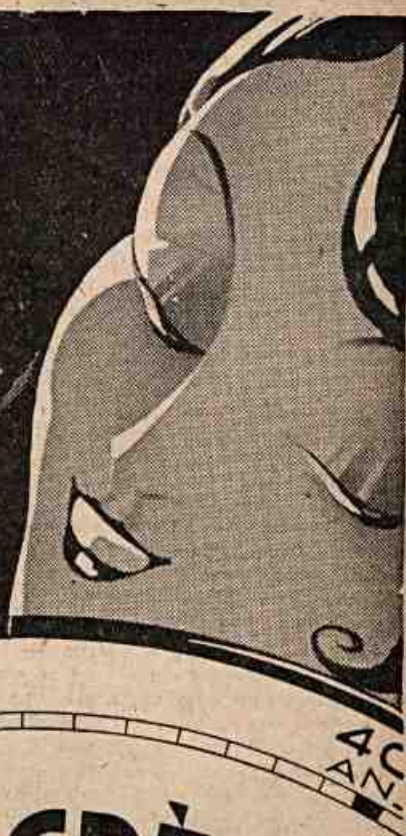
«FON-FON» EM SANTA CATHARINA

Por occasião das festas commemorativas da colonização allemã, que alli se realizaram em novembro ultimo, a Colonia de S. Pedro de Alcantara, em Santa Catharina, recebeu a visita do presidente Adolpho Konder, que foi alvo de varias homenagens por parte da população local. As nossas photographias mostram aspectos dessa visita presidencial, vendo-se o dr. Adolpho Konder á sahida da egreja de São Pedro de Alcantara, após a visita de s. ex. áquelle templo em construcção, onde se realizou uma missa em acção de graças; s. ex. quando discursava ao povo, e inaugurando o monumento commemorativo do centenario.

30 ANS

40 ANS

20 ANS

10 ANS

LA REINE DES CRÈMES

FORMULE J. LESQUENDIEU

EN PERPÉTUERA LE CHARME

Idéale pour la beauté du teint
protège le visage contre le hale et les rougeurs
maintient parfaitement la poudre

Em venda em todas as boas casas do Brazil

S. A. la Reine des Crèmes PARIS (France)

OS TROCISTAS

De
ROGER BRINDOLPHE

AO atravessar a praça XX, Jorge Gratin descobriu seu amigo Leoncio Picton, que ia uns passos adeante delle.

Eram intimos amigos, e, como bons parisienses, ambos eram espirituosos e alegres, e, por isso, gostavam de fazer as suas pilherias.

Jorge olhava seu amigo e notou que elle levava um pacotezinho no bolso direito de seu sobretudo. E lembrou-se, então, de fazer uma pesada pilheria com seu amigo.

Aproximou-se com mil precauções, e, habilmente, tirou o pacote do bolso do amigo, sem que este o notasse.

Rindo *sotto voce* de sua espirituosa pilheria, Jorge ia escapar, quando a mão vingativa da autoridade cahiu sobre um de seus hombros.

— Ah! ... Surprehendi-o mettendo a mão no bolso desse cavalheiro — disse a voz da autoridade, encarnada em um guarda com cara de poucos amigos.

Jorge sobresaltou-se.

— Deixe-me! Não vê que é uma pilheria que faço a um amigo?

— Sim — respondeu o guarda. — Nós já os conhecemos. Os *bromistas* como você se chamam *vigaristas* e são castigados com um a seis mezes de prisão.

Deante desse dialogo se foi reunindo gente, e Leoncio se havia aproximado.

Jorge, que já havia começado a empallidecer, repetiu:
— Mas se lhe digo que é uma pilheria! Deixe-me!... Esse senhor é um intimo amigo meu.

E, vendo Leoncio na primeira fila de curiosos, gritou:

— Não é verdade, Leoncio, que sou teu amigo?... Que não sou um ladrão?... Agora será você que se vae divertir, seu guarda... Vamos, responde... Não vês que me vão levar preso? Parece-te bonito?...

Os olhos dos duzentos curiosos se voltaram para Leoncio.

— E' verdade que o senhor conhece este cavalheiro? — perguntou o guarda.

E o outro, com toda a calma:

— Não o conheço. E' a primeira vez que o vejo.

— Como?... Que?... — exclama Jorge, aniquilado. E não poude dizer mais nada.

O guarda o havia segurado fortemente por um braço e, seguido de Leoncio e dos innumeros curiosos, se dirigiram os dois á delegacia.

Commentava-se o facto. Os recem-chegados perguntavam curiosamente o que occorria e de que crime era autor aquelle cavalheiro tão elegante.

Os outros, que não sabiam uma palavra, davam toda a sorte de detalhes:

— E' um anarchista!

— E' um assassino que acaba de ser preso!

Felizmente, para Jorge, a delegacia não era longe. Do contrario, a multidão o teria lynchado como ao mais hediondo dos criminosos.

... ...

— Que ha? — perguntou o commissario.

— Este homem revistava os bolsos daquelle cavalheiro e, ao ser pilhado em flagrante, sustenta que é seu amigo, o que não é verdade.

Mas Leoncio tomou a palavra:

— Senhor commissario — disse: — Este é, effectivamente, meu amigo Jorge Gratin, a quem o guarda surprehendeu na occasião em que, para fazer-me uma pilheria, me tirava um pacote do bolso. Não quiz ser menos trocista que elle, e, para pregar-lhe uma pilheria, disse que não o conhecia, e deixei que o trouxessem preso. Assim, peço-lhe que o ponha em liberdade.

O commissario sorriu com severidade. E disse a Jorge:

— O senhor está livre.

Mas, voltando-se para Leoncio, ajuntou:

— Quanto ao senhor, fica detido pelo crime de enganar a autoridade no exercicio de suas funcções.

E para livrar-se da prisão, Leoncio foi condemnado a pagar uma multa que não foi nada agradavel para elle...

Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.

a estação de aguas

LUCIA supplicou:

— Olha, mamãe, é necessario que vamos. Que dirão as Peres? Imagina como andará nosso nome de bocca em bocca...

— Mas, filha, comprehende... Teu pae não pode fazer essa despesa. Precisas de vestidos de passeio e de baile. Eu mesma preciso ir á modista. Como queres, então, que elle faça esse sacrificio? Bem sabes que seus negocios andaram muito mal este anno, e que tem um montão de contas a pagar.

— Mas, mamãe...

— Comprehende, filha, comprehende. Sê razoavel. Nos outros annos nunca te negámos esse passeio... Sabes muito bem quanto eu gosto de Poços de Caldas e o bem que me fazem os banhos. Mas este anno é impossivel, impossivel...

— Si tu pedires, papae não vae negar, tenho a certeza.

— E' inutil. Não insistas. Não falarei com teu pae.

— Como vão rir de nós nossas vizinhas as Diogo!

Era o lado fraco da mãe de Lucia. Dona Mathilde levantou-se da cadeira e olhou sua filha como a interrogal-a.

— Então achas — perguntou — que essa gentalha?...

— Ora si acho! — respondeu Lucia. — Bem sabes como são essas mulheres. Aproveitam o menor motivo para falar de nós. Si não formos, este anno, a Poços de Caldas, dirão que estamos arruinadas. Rir-se-ão de nós.

— Achas, achas? — tornou a perguntar dona Mathilde.

— Bem as conheces, mamãe — respondeu Lucia, adivinhando uma esperança na maneira como sua mãe se referia ás Diogo. — Sabes de que são capazes. E' uma gente!... E, além disso — ajuntou para robustecer seu pedido — bem sabes que Antonio irá. Como vou consentir eu que essas Diogo se encontrem com elle, lá? Não ignoras que a mais moça estava muito interessada por meu noivo.

— E' verdade, é verdade, filha — repetiu a boa senhora, movendo pensativamente a cabeça. — Essas mulheres!...

Lucia continuou falando, augmentando seus receios, demonstrando á sua mãe todas as consequencias que poderia trazer sua ausencia na estação de aguas. Fazendo-lhe ver, emfim, o fantasma do ridiculo.

— E' verdade, é verdade! — repetia a boa senhora, pensativa. Essa gente é capaz de tudo.

Lucia havia ganho a metade da batalha.

* * *

A' noite, ao regressar seu esposo, dona Mathilde se revestiu de coragem e lhe fez o pedido. O marido negou-se terminantemente. Não tinha dinheiro para gastar em luxos de estação de aguas. Seus negocios não prosperavam. Os devedores não pagavam.

Dona Mathilde não desanimou. Fallou de seu rheumatismo, do acido urico, das recommendações de seu medico. Fez-lhe notar que havia alguns dias não se encontrava bem, e que seu melhor remedio eram os banhos. Por fim, se referiu á vida sedentaria e de trabalho, á pobre filhinha, a quem os estudos de piano haviam debilitado, e que, portanto, necessitava de algumas distracções e muito ar...

O bom homem se abrandou. Poz a mão no queixo e ficou pensativo. Depois, coçando a cabeça, disse á sua esposa:

— Bem, mulher, havemos de arranjar isso. Mas por poucos dias. Entendes?

Lucia, que atraz da cortina ouvira toda a conversa, lançou um pequeno grito de alegria, e sahiu

correndo em direcção á sala de jantar. Havia ganho a outra metade da batalha.

FIZERAM-SE os preparativos para a viagem. Não havendo dinheiro para fazer novos trajes, se reformaram e modernizaram os do anno anterior. Encheram-se as malas. Collocaram-se-lhes rotulos com grandes letras. Telephonou-se para um amigo que trabalhava em um jornal da tarde, para que desse noticia da partida na secção *Sociaes*. Telegraphou-se para um hotel de Poços de Caldas, de preços muito modicos, mandando reservar aposentos, e quando tudo estava prompto para a partida, o pae de Lucia entregou á dona Mathilde, suspirando, algumas notas de banco.

— Faze economia — disse-lhe, suspirando de novo. — Olha que não te poderei enviar mais dinheiro...

Dona Mathilde contou e recontou as notas. Era um conto de réis. Apenas. O sufficiente para as despesas da viagem e dez dias no hotel. Suspirou, tambem, e prometteu ao marido que não lhe ia fazer nenhum novo pedido nesse sentido.

— Agora as Diogo vão desesperar de raiva — disse a sua filha, momentos depois, mostrando-lhe o dinheiro. — Que gentaça!...

* * *

CHEGARAM a Poços de Caldas e se hospedaram em um hotel central.

— Que tal a gente? — perguntou dona Mathilde, depois de passear um olhar pelo pateo do hotel.

— Não vi ninguem — respondeu Lucia, emquanto tirava a roupa das malas e a arrumava no guarda-vestidos. — De resto, bem sabes que a unica cousa que me interessa é que venha Antonio.

— Os quartos são muito limpos e commodos, e a casa está bem situada. Este hotel é muito mais barato e mais moderno que aquelle em que nos hospedámos o anno passado. Quem serão os hospedes? Vou perguntar ao dono os nomes.

Lucia sorriu. Conhecia a fraqueza de sua mãe pelos nomes.

— Porque bem sabes — continuou dona Mathilde — que não vou tratar com qualquer pessoa.

Sua filha a interrompeu:

— Que vestido vaes pôr para ires ao jantar? Pergunto-te para deixal-o preparado.

— O preto, filha, o preto.

— E' muito antiquado, mamãe. Não achas que o azul é mais moderno?

— Não, filha, não. E' muito curto para minha edade. Deixa-me com minhas cousas velhas.

Lucia, sem responder, separou o vestido preto, que despedia um forte cheiro de naphtalina. Movendo a cabeça, pendurou-o na cabeceira da cama.

Bartholomeu Galindez

Nesse momento passou um jornaleiro annunciando os jornaes da tarde anterior.

Dona Mathilde tocou a campainha. Um menino do serviço do hotel appareceu.

— Vae buscar-me um jornal — disse a boa senhora, entregando-lhe uma moeda.

O pequeno desceu as escadas correndo. Em pouco, voltava com o jornal.

— Com toda a certeza — disse dona Mathilde — neste numero está a noticia de nossa chegada a Poços de Caldas. Como as Diogo vão ficar damnadas! Ellas, que se julgam tão superiores com seu dinheiro amontoado á força de vender feijão e arroz. Lê, filha, lê.

Lucia tomou o jornal, abriu-o ligeiramente, percorreu com certa ansiedade as columnas das *Sociaes*.

De repente, empallideceu. Suas mãos tremeram. Uma crise nervosa sacudiu-lhe o corpo. Seus olhos se arregalaram de surpresa e de dôr.

— Que tens, filha? — perguntou sua mãe, impaciente.

Lucia, rompendo em pranto, lhe estendeu o jornal.

Dona Mathilde tomou-o. Percorreu nervosamente as columnas. De repente, seus olhos se abriram de fórma desmesurada. Pareceu-lhe que havia lido mal e tornou a ler. Em uma das columnas resaltava claramente:

"Para São Lourenço, a senhora Joanna Debenedetti Diogo e suas filhas Joanna, Esther, Angela e Augusta."

"Para o mesmo ponto, o senhor Antonio Faria."

Dona Mathilde deixou cahir o jornal e desmaiou...

O Beijo Prohibido

O Homem, esse animal poderoso e intelligente, acostumado a vencer, acabou por se julgar capaz de, um dia, ser o unico dominador do Universo, o expoente maximo do poder e da força.

Esse animalzinho que perfura as entranhas da terra, que vasculha as profundezas dos oceanos, que varre com a vista curiosa os espaços interplanetarios, que pesa os astros, que mede os sóes; esse ser minusculo que furta e escraviza o fogo do céo, que acorrenta em turbinas as cataractas dos rios, que encurta distancias, que nada como os peixes e vôa como as aves; esse homem que já chega a corrigir a natureza, que decompõe os raios solares, zomba das ondas, serve-se do vento, escraviza o raio, guarda o fogo em caixinhas e transporta a sua voz aos seus antipodas; esse homem poderoso, sabio, batalhador, orgulhoso e voluntarioso, queda-se impotente, agachado e medroso deante do miseravelmente pequeno.

Sim; o homem que perfura com tunneis os colossos de granito, que domina com barragens a furia das aguas, que atravessa as nuvens, que avassala os animaes mais fortes, que aniquilla a baleia e doma o rhinoceronte, sente o sangue gelado deante de um simples micro-organismo, um miseravel bacillo, a quem chamam bacillo de Koch.

Durante annos e mais annos o terrivel bacillo vem ceifando vid... enlutando lares, dizimando, des... truindo, aniquillando o homem, sem que elle possa oppôr ao seu inimig... uma barreira intransponivel.

O infinitamente pequeno é o es... pantalho da sciencia, o bacillo de Koch traz o homem algemado a suas plantas, como um escravo.

Toda a vasta sciencia do hom... pára e genuflexeia deante do dom... nador.

Em vão os sabios encanecem es... tudando-o; em vão se sacrifica... aquelles que, como Gaspar Vian... pretendem atacar de frente o ter... vel inimigo.

Agora, na falta de outra cou... os grandes homens da sciencia la... çam sobre o beijo a maior culpa n... disseminação da tuberculose.

Pobre do beijo!

Para acatar a sciencia, a Huma... nidade deverá banir o beijo, es... contacto simples, prova vehemen... das affeições puras, do carinho e do amor.

Francamente, é de mais!

Como prova de desorientação scientifica, não ha nada melhor.

A Humanidade privar-se-á do beijo, esse transmissor do bacillo de Koch, e a tuberculose continua... rá, impiedosa e mathematicamente a abater diariamente milhares de pessoas no mundo.

Depois desse fracasso, os scien... tistas verificarão que o bacillo é transmittido pelo aperto de mão... depois ficará provado que os hote... cafés, casas de bebidas, etc., é que são vehiculos para a transmissão do mal.

Abolir-se-á o aperto de mão, fe... char-se-ão as casas onde todos co... mem e bebem, e a peste continuará.

A sciencia descobrirá que a lin... guagem falada é que semeia, com particulas de saliva, os terriveis micro-organismos, e decretará a mudez, obrigando a Humanidade a servir-se do invento do "Tab... de Mé'pée"!

Por ASTAROTH

Continuaremos a morrer de tuberculose.

Será o ar que respiramos, o conductor da poeira cheia de microbios os mais variados, o unico factor da disseminação. Construiremos mascaras providas de drogas bactericidas e as conservaremos dia e noite afivelladas ao rosto.

O infinitamente pequeno terá conseguido fazer da Humanidade uma cousa completamente differente do que ella é, e a tuberculose estará junto della, na sua faina sinistra de matar, de destruir.

Os indios, selvagens que não sabem o que é o beijo e têm nojo delle, conhecem sobejamente o effeito da tuberculose.

Ella vae á taba do selvagem que não beija, como vae ao lar civilizado do mais beijoqueiro que exista.

Culpar o beijo nesse caso é dar-se uma prova de que a sciencia dos homens se acha exhausta, se sente miseravelmente fraca para atacar directamente o inimigo e procura da cousa quem possa servir de "cabeça de turco".

Qual mãe poderá calcar dentro do coração a vontade indomavel de beijar os seus filhinhos? Para ellas, as mães, a abolição do beijo é uma cousa tão impossivel como para a sciencia o dominio da tuberculose.

Os sabios devem procurar outro caminho, porque, decretando a abolição do beijo, não chegarão á conclusão.

A Humanidade é fadada a soffrer sempre os golpes necessarios para que seja evitada a super-producção de gente.

Quando se conseguir dominar a tuberculose, o typho, a grippe e outras epidemias, o homem, por suas proprias mãos, em guerras truculentas e deshumanas, destruirá em alguns dias mais gente do que a tuberculose em um anno.

A natureza, que é muito mais sabia do que o Homem, envia as epidemias para ceifar da terra os elementos fracos, os organismos combalidos, os entes que só poderão se multiplicar dando ao mundo entes ainda mais fracos do que elles.

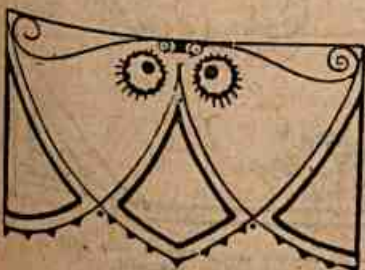
O Homem, julgando-se sabio, procura combater essas epidemias e na guerra atira uns contra os outros os homens fortes, os sadios, os moços cheios de vida!

No emtanto, seria muito mais facil enterrar-se tudo quanto é metralhadora e granada, afundar-se todos os "super-dreadnoughts", quebrar-se todos os fuzis e canhões, tratando-se depois de expurgar da face da terra as pandemias e molestias infecto-contagiosas que tanto medo fazem aos sabios.

O beijo? Mas o beijo é um contacto e a vida não é sinão contacto, attrito, calor.

Destruir o contacto, em electricidade, é parar o movimento; tudo é electricidade e calor na vida.

Si perguntarmos ás nossas gentis leitoras quaes as suas opiniões a respeito da abolição do beijo, ellas responderão que, antes da prohibição do beijo, deverá vir a da cachaça, a do fumo, a dos toxicos elegantes.

E eu direi que a cachaça, o fumo, a cocaina e o opio enriquecem a quem os vende e que o beijo puro, o que não contém microbios, nem bacterias, esse é justamente aquelle que não se vende nem se compra; é a suprema prova do Amor e do Carinho.

ESPIRITO ALHEIO

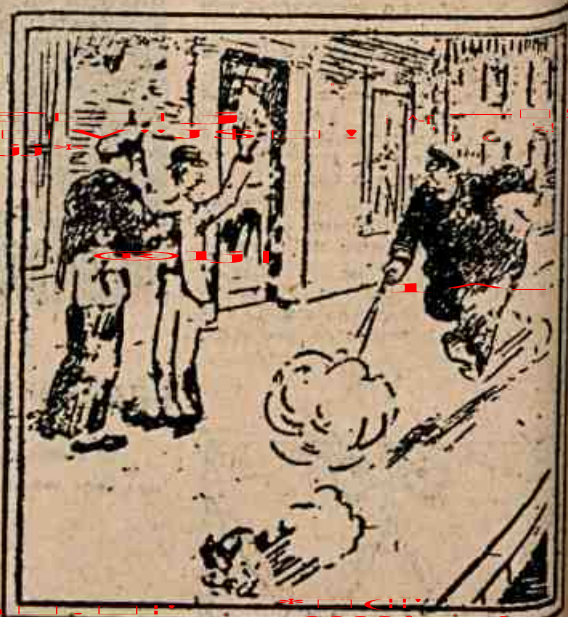
— E' um dos melhores cães policiaes do paiz.
— Pois não parece.
— E' porque é da policia secreta.

— Sou campeã de velocidade...
— Não é possivel!
— Com machina de escrever.

— Já que tem de pedir esmola, o senhor devia não mais se embriagar.
— E' impossivel, senhora. Quando estou bom, me envergonho de pedir esmola.

Ella. — Um telegramma, querido. Mamãe e titia estarão amanhã aqui. Vem passar uma temporada comnosco.
Elle. — Mas, si já aqui estiveram na semana passada!
Ella. — Deveras! mãe, como o tempo vôa!

LUTA DE BOX

— Hoje, não ha luta, senhores. A menos que algum de vós exija a devolução do dinheiro...

O guarda. — Desculpe amigo, mas agora não posso dal-o, proque ando atraz desse cão damnado.

A SCIENCIA ENALTECE AS QUALIDADES DA "ASTRÉA"

O preparado ASTRÉA é de perfeita indicação na hygiene feminina, empregado em lavagens vaginaes.

a) *Fernando Magalhães.*

O uso do preparado ASTRÉA recommenda-se por suas magnificas qualidades antisepticas e hygienicas.

a) *Augusto Brandão Filho.*

ASTRÉA é um preparado usado em lavagens vaginaes, que eu aconselho vivamente na hygiene da mulher.

a) *Oliveira Motta.*

ASTRÉA é um dos melhores preparados destinados á tolette das senhoras. Attestando a sua efficiencia subscrevo um acto de justiça.

a) *Fernando Vaz.*

Caixa Postal 2.477 — S. Paulo

A sua pelle está queimada pelo sol?

Sem cuidado immediato a sua pelle se enruga e envelhece. Mergulhe a ponta dos dedos em Creme Hinds e esfregue-o de leve onde se sentir queimada. A Sra. sentirá logo a agradavel frescura que acaba com todo o ardor. Continuando a usal-o a sua pelle voltará a ficar branca, macia, assetinada.

O Creme Hinds tem ainda outra vantagem: Evita as queimaduras do sol se, antes de saír, a Sra. o applicar, polvilhando-se em seguida. Isso protegerá a sua pelle, conservando-a sempre deliciosamente fresca, encantadoramente jovem.

CREME HINDS

LEIAM

Todas as Quartas-feiras

SELECTA

A RAINHA DA ARTE MUDA

Á VENDA EM TODOS OS PONTOS DE JORNAES

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA
AVENIDA RIO BRANCO, 134 1.º E R. 7 SETEMBRO 166

COIFFEUR POUR DAMES, ONDUlação com o RODAL ondulante e ELOSMENY) Marcel e Mise-en-plis (a LAÇÃO permanente (para sempre, agua), pintura de cabello desde 25$; córte de cabello de luxo, 4$; Sobrancelhas ou Manicure, 5$ Massagens de Grande Belleza contra rugas, cicatrizes de espinhas e de bexigas, manchas, sardas, verrugas, pontos pretos, Poros e capillares dilatados, pelle secca auguda. Tratamento de Seios, Ventre, Pellos, Varizes, engordar ou emmagrecer, enpeza d pellecmfpyk shrdlu etaoin rigecimento das carnes, MASCARA de lama com Limpeza de pelle para fechar os póros, e capillares, 12$. PEDICURE. Use diariamente em Massagem e na toilette Cremes, Agua, Rouge e Pó d'Arroz Rainha da Hungria. Peça catalogo grátis.

Peça catalogo grátis.

Um Casamento no Anno 2000

(Continuação)

tindo de homem. Chegou a época em que toda a população parecia ter um sexo só. Nasceu o sexo-unico apparente. Até as crianças confundiam o pae com a mãe, pois que até as crianças eram amamentadas por machinas e desconheciam os carinhos maternos.

— Já sei disso. Felizmente, succedeu a reacção, o que era de esperar. A natureza vez e outra restabelece o equilibrio. Lembras-te da historia do grande dictador Kramstarguen?

— Não sei onde li isso. Como sabes, a memoria não me ajuda. Conta-me: que é que elle fez?

— Quando ainda a nossa Terra era dividida em nações, surgiu um grande dictador em cada nação: Primo de Rivera na Hespanha, Mussolini na Italia, Mustafá Kemall na Turquia, e o exemplo se foi generalizando, até que surgiu um conquistador assombroso, que reuniu sob seu dominio todas as nações que já se haviam reunido sob um governo regido por um Conselho. Kramstarguen impoz a sua vontade ao mundo, mas não conseguiu impôl-a á propria mulher. E' preciso que te diga que nos tempos de Kramstarguen as mulheres se vestiam como os homens. Então elle decretou o serviço militar obrigatorio para todas as mulheres que fossem encontradas com trajes masculinos. E a propria mulher do dictador não escapou. Não houve mais mulher que se vestisse de homem. Esta loucura chamava-se *moda*.

— Tens uma cultura superior, Jaliska. Não ha duvida que estudaste muito.

— Estudar? Nem pense nisso. Não conheces a autoeducadora Noside? Esta machina portentosa poupa annos de estudos e qualquer esforço da intelligencia. O saber é directamente transmittido pela autoeducadora da mente do sabio para a do candidato. Uma sessão de duas horas é sufficiente para uma instrucção normal numa criança de 4 annos. Eu, na idade de 6 annos, nada mais tinha que aprender. E' por isso que me estou sahindo bem nos 18 exames que estou prestando para habilitar-me ao casamento.

— E ainda temos de prestar fiança reciproca, exame de clumoscopio, garantias e outras exigencias, de accordo com o regulamento da Commissão de Casamento. Estou certo de que no primeiro prazo, que é de um anno, nossos genios andem de accordo; no caso contrario, a lei nos separará por 10 annos.

— Pode ficar descansado, meu caro Bartal. Isso acontecia no tempo dos cinemas sonoros, si já ouviste falar nisso. Desde que os telecinemas sonoros foram supprimidos, a vida conjugal tornou-se ideal. Acabaram-se todos os motivos para discussões e rusgas. Não ha necessidade de sahir de casa e, por conseguinte, de voltar tarde. O empregado trabalha em casa, tem todos os apparelhos que o substituem no emprego, recebe as ordens e manda os apparelhos executal-as. Sem sahir de casa. Visitas? Não ha mais. Eu, quando quero ver mamãe, chego ao televisor, combino a chamada, vejo-a no quadro e falo á vontade, sem sahir do meu quarto.

— E' bastante commodo, não ha duvida. Comtanto que tua mãe não abuse do televisor para me aborrecer, mesmo estando á distancia de 4.000 milhas.

— Neste caso ligue com o "intermediario", que é um apparelho destinado a entreter os importunos.

— Ah! já sei: o que vi outro dia, que, de accordo com a interlocução, respondia: "sim, não, pois é, pois não, pois sim, não ha duvida, muito bem, é isso mesmo, sou da sua opinião, passar bem, até logo, lembranças á familia, um beijinho ás crianças, sim?"

— Então, meu caro noivo, até amanhã. Vou fazer meu somno synthetico.

— Até amanhã, minha futura *unidade*.

E nós trocamos o beijo a 10 c/m. de distancia, com os respectivos beijographos prophylacticos.

Era já noite. Um dedo no botão e a mesa transformou-se em cama. A minha mobilia reduz-se a uma peça só, contendo todo o necessario. Este anno, adquiri um *regulador do silencio*. Supprime qualquer ruido e proporciona todas as gradações de somno, desde o leve até o pesado, estabelecendo o tempo exacto do somno a fazer, com ou sem sonho.

Mas, ia me perdendo em divagações. Tenho de cogitar nos meus exames de casamento. Por emquanto vou dormir 6 horas e ... minutos. Dispo minha roupa de raios K em dois segundos e ... cama.

Muito ri quando me disseram que antigamente havia uns insectos chamados *mosquitos*, que chupavam o sangue e faziam "serenatas". E muitos outros, que nem os museus puderam conservar.

Serão parecidos com as pulgas que nós temos?

Como eram as pulgas antigamente? Enormes, creio... Vou perguntar a Jaliska, que é muito entendida na materia.

OS EXAMES DOS NOIVOS

A commissão de exame dos candidatos ao casamento está reunida.

Apresento-me: Candidato prenupcial.

O examinador-chefe pergunta-me:

— O senhor tem ainda 14 dias para se arrepender. Que diz a isso? Reflicta, pondere, calcule e considere.

— Reflecti. Pretendo mesmo casar-me.

— Depois de casado, que consideração fará o senhor sobre as outras mulheres?

— Que não me pertencem.

— Sabe que todos querem o que não lhes pertence. E' o que mais appetece.

— Mas eu calculo que minha esposa valerá tanto quanto as outras juntas.

— E' um calculo que nem sempre se mantém na altura; soffrerá reducções, modificar-se-á. Casar é sommar, ter filhos é multiplicar, o tempo subtrahirá a estima e tudo acaba em divisão. E' um facto mathematico.

Confesso que o juiz estava procurando perder-me, com argumentos baseados na mathematica, e por um momento considerei-me vencido.

O juiz, então, levantou-se e disse-me:

— O calculo é logico. Responda: Como fará para evital-o?

— Procurarei elevar á potencia a somma de nossas existencias.

— Muito bem. Pode casar-se. Todos os annos têm que renovar

Resultado obtido pelo uso das

PILULES ORIENTALES

Bemfazejas - Reconstituintes
(Appr. D.N.S.P. sob o Nº 87 em 26-6-1917.
Exigir o frasco de origem sobre o qual devem figurar o nome e o endereço de
J. RATIÉ, *Pharmaceutico*
45, Rue de l'Echiquier, PARIS

A venda em todas as pharmacias.

TEU É O MUNDO

INTELLIGENTE LEITOR OU ENCANTADORA LEITORA

Queres conhecer os meios que te guiarão a conseguir Fortuna, Amor, Felicidade, Exito em Negocios, Jogos e Loterias? Pede GRATIS meu livrinho «O MENSAGEIRO DA DITA»

Remette 800 rs. em sellos para resposta.

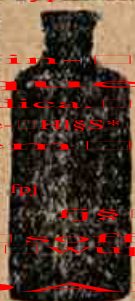
DIRECÇÃO: PROFA NILA MARA — Calle MATHEU 1924 — BUENOS AIRES (ARG.)

O ALCOOL EXAGERA, MULTIPLICA E INTENSIFICA OS MALEFICIOS DA SYPHILIS.

São palavras de um dos mais notaveis syphiligraphos que se conhece — o sabio Dr. Fournier. Ninguem ousará pôr em duvida o que diz uma tal summidade medica. Portanto, os syphiliticos não devem fazer uso do alcool, mesmo em pequena escala. Para combater tão poderoso mal deveis usar o melhor dos depurativos, o

LUESOL

de SOUZA SOARES

Que não contém alcool!
A' VENDA NAS DROGARIAS E PHARMACIAS

As Mães Previdentes
usam sempre
MENTHOLATUM
para evitar que os filhinhos soffram de brotoeja, herpes, erupções e outras molestias da pelle.

NOZES
AMENDOAS
CASTANHAS
FRUCTAS FRESCAS

Rua Assembléa, 95

CASA FERREIRA

contrato ou se separarem por dez annos.

Afinal! Sahi vencedor, depois de muitos annos de estudos da sciencia do casamento.

Immediatamente irradiei o resultado á minha noiva e combinámos o dia e a hora para ser realizado o nosso consorcio.

E o grande dia chegou.

Nossas fichas de identidade estavam promptas. Infalsificaveis. Não ha como escapar. Nosso nome está gravado com a reacção de Burpham no coração. Uma simples inspecção do coração pelos raios X 2 revela nosso nome, identidade, idade, etc. A projecção condensada do meu corpo produz um signal caracteristico que serve de assignatura. E não pode haver engano.

Como o nosso casamento não é civil nem religioso, mas um contrato publico, eu e Jaliska fomos sentar-nos ao pé de uma columna situada no 1.000.º andar do Tribunal das Uniões Problemáticas.

Um individuo aproximou-se de mim e entregou-me um cartão, murmurando:

— Quando quizer distratar-se, estou ás suas ordens. Não cobro commissão.

Mal este tinha desapparecido e vem outro:

— Eu posso reduzir os 10 annos a menos. Estou ás ordens, si precisar de mim. Percentagem minima.

Ainda um terceiro se aproxima, compungido:

— Sinceramente, sinto muito. Queira acceitar meus pezames.

Depois deste se apresenta um quarto. Eu estava já aborrecido e ia dar-lhe uma tapona, quando, olhando-o bem, vi que era o Fiscal dos Casamentos.

Muito amavel, nos cumprimentou, dizendo:

— Queiram ter a bondade de não esquecer de notificar no respectivo registo os impostos sobre as rusgas, atritos, despeitos, muchôchos, scenas de ciumes-torras, discussões, etc.

Por fim se apresentaram os paes de Jaliska.

Cumprimentaram-me e renovaram sua obrigação de nos deixar em paz durante o anno todo, isto é, no primeiro prazo do contrato.

E' lei que, findo este prazo, si nossas rusgas passarem do limite estabelecido, haverá uma separação de dez annos. Durante estes dez annos, a mulher irá para a casa dos paes do marido e este para a dos paes della, e se tiver creança, o governo tomará conta della, restituindo-a depois dos dez annos.

Tivemos que nos submetter a uma inquisição tremenda durante 5 horas a fio. Upa! *Não casarei uma segunda vez!*

Quando já estavamos esfalfados, avançou um personagem imponente, que, postando-se á nossa frente, disse, solennemente:

Um casamento no anno 2000

(Conclusão)

— Em nome da selecção natural legalizada, vos condemno ao casamento a prazo.

E, tomando de uma vara que lhe apresentaram, o Juiz das Uniões apontou o que estava gravado na columna:

Art. 14.976.671 — Nenhum conjuge deve seguir o "outro".

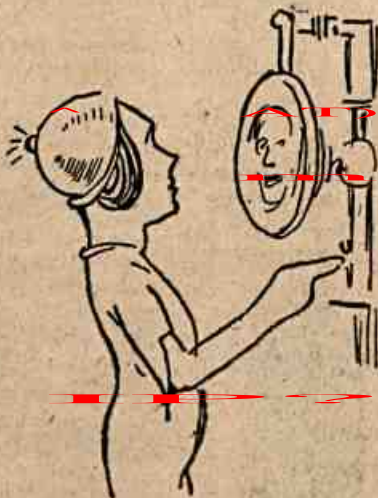
Art. 7.967.847 — São prohibidas a regra dos tres e as partidas dobradas.

§ 28 — Fica abolido o uso dos metaes e substituido por "unidades".

Revogam-se as disposições em contrario.

Ao cabo de alguns minutos, durante os quaes me arrependi, o Juiz das Uniões nos amarrou pelos pés, emquanto a multidão chorava. E nos deixou ao pé da columna, entregues ao nosso enlevo.

Retiraram-se todos.

Desatámos então o nó da corda

que unia nossos pés e suspirámos:

— Eis-nos livres!

— Afinal, acabou-se o grande problema. Agora vamos tratar da nossa lua de mel.

— Sim, Jaliska, já encommendei o expresso intraplanetario que nos levará á Lua em 3 horas, mas na face que nunca está virada para a Terra. São tão raros os casamentos!

PASSAM-SE 25 ANNOS

Não sei como consegui obter um apparelho engraçado, chamado: *A paz dos casados*. Imaginem uma minuscula chapinha, tão pequena que cabe dentro do nariz ou da orelha. Quem o possue fica isento de discussões, rusgas e outra qualquer diversão conjugal. O apparelho exerce a sua acção pacifica num raio de 100 metros. Uma maravi-
Mas minha mulher destruiu-a.

Estou casado ha 25 annos e agora, pela leitura dos classicos a-tiquissimos, pude fazer uma i- do que é o amôr. Que esquisit-

Mas... que é que estou senti- Um malestar... Jaliska... vir- botão das radio consultas á dis- cia... estou com a cabeça á roda. Passam uma porção de coisas de- te de mim, cidades, costumes, ruagens já velhas, uma porção coisas que não existem mais. O procissão vertiginosa! O tempo- sim, o tempo está indo para com assombrosa rapidez. Que re- espantoso!... Avizinha-se a dos tempos, o passado apparece estou perdendo a noção... estou ficando antigo...

A VOLTA AO PASSADO

— Então, senhor Bartel, que diz de novo? Eil-o de volta, fim!

Bartel estirou os membros, com difficuldade se punham movimento, e fixou o dr. Ne- com surpresa.

— Como o senhor está envel- cido, doutor Neblos! Quasi que o conhecia. Seus cabellos to- brancos!

— Pudera! Desde que o subm- á experiencia passaram-se 25 ann- O senhor viveu 25 annos na ép- do anno 2000, isto é, de 2000 a 20- Fez o relatorio do que lhe pedi?

— Aqui está.

Bartel tirou alguns folhetos baixo do braço e entregou-os dr. Neblos, que os apanhou c- soffreguidão, mas logo franz- sobrecenho, exclamando:

— Estão escriptos em outra lin- gua e com outro alphabeto!

— Deve ser uma lingua univer- Agora não me lembro de nada. rece um sonho. Perdi a memoria.

O dr. Neblos affligiu-se de fórma, que atirou os folhetos cima da mesa, se sentou e dei- cahir a fronte sobre os mesmos.

De repente, soltou uma excl- mação e saltou em pé, tomado alegria desenfreada, louca.

— Que coisa interessante! se traduz encostando-o á fronte- a reproducção directa do pen- mento. Eureka! A photographia pensamento!

No transporte da alegria, ag- as mãos no ar e com uma del- bateu tamanha pancada numa la- pada da machina condensadora quarta dimensão, que houve um touro formidavel.

Quando os bombeiros conseg- ram penetrar no gabinete do Neblos, só encontraram farrapos doupas, um sapato e um pince-n- de ouro...

Max Yanto

DESPENSA ALEXANDRE

MOVEL HYGIENICO PARA GUARDAR GENEROS ALIMENTICIOS. UTILISSIMO PORQUE EVITA DESPERDICIOS. SUBSTITUTO EFFICAZ DO GUARDA-COMIDAS.

Typo popular 220$000

MOVEIS E TAPEÇARIAS

MARTINS JUNIOR & CIA

RUA ANDRADAS, 51 TELEPHONE NORTE 6787

Depositarios: Bello Horizonte: R. Tupys, 21.
Juiz de Fora: Rua Halfeld, 597.
Bahia: Rua São Pedro, 34.

VIN DÉSILES

SOCIÉTÉ DU VIN DÉSILES
PARIS - LEVALLOIS

INSTITUTO HYGIENICO

— DE —

Mme. ELLA

Unica representante dos afamados productos da Academie Scientifique de Beauté de Paris, e da Marca registrada *Glicia* que são incomparaveis, para emmagrecer, o creme adstringente Lyaini N.º 15, faz o effeito espantoso, tratamento da cutis, massagens, Electraliso, galvanisação raio violeta, raio solar, raio azul, para acné e espinhas. Banho de Luz para emmagrecer o ventre. Manicure de primeira ordem, embellezamento das sobrancelhas.

. . . .

Becco Manoel de Carvalho n.º 16-1.º

Esquina da Rua 13 de Maio

Telephone 3091 Central

Pela sua inconfundivel perfeição, elegancia, durabilidade e bom gosto, FOI O UNICO que obteve a mais alta classificação na Exposição Internacional do Centenario da Independencia do Brasil em 1922: Hors Concours. A' venda em todas as bôas casas da Capital e dos Estados.

Fabrica — FERREIRA SOUTO & C.

Rua Fonseca Telles, 18 a 30 — RIO DE JANEIRO

UM "GENTLEMAN" PERFEIT

De SAMUEL DE MADRID

HAVIA-ME afastado alguns metros do meu escriptorio, quando tive a surpresa maior de todo aquelle anno. Em frente a mim, junto á calçada, desceu de um magnifico automovel, o meu antigo companheiro de vigilias, Frederico Sanjorge, rapaz sympathico, que sabia atravessar commigo, os bolsos exhaustos, as nossas noites interminaveis.

— Jorge! Felizes os olhos que te vêem.

— Fernandes! Meu admiravel Fernandes! E's tu? Estás mais gordo, mudaste muito... Quasi te desconheci.

— Ah! pensei eu. — Estes sete annos de separação, de continua luta... Em conflicto com a sorte... Procurando levantar alguns contos de réis... Advogado de pequenas causas... Comprador de terrenos e de propriedades... O diluvio, emfim...

— Como assim? Em que me vês mudado? Talvez a fadiga de viver nesta cidade sem diversões, sem alegria...

— Tens razão, querido. Mas tens que mudar de horizonte, mover as decorações... Ahi tens tantos Estados prosperos: S. Paulo, Paraná, Rio G. do Sul... A escolher.

Indubitavelmente, Frederico fazia pilheria! A escolher! Eu, que suava tinta para fazer jús a um modesto ordenado de quinhentos mil réis! Tantos Estados!

— Olha, entremos nessa confeitaria. Ahi conversaremos tranquillamente. Tu não tens pressa, não é verdade? Quanto a mim, não te preoccupes. Não ceio em casa. Esta noite Margara vae ao theatro com os seus paes. Assim é que...

— Estás casado?

— Não o sabias? Vamos! Entremos, que tenho mil coisas a contar-te, e o farei em homenagem á amizade que nos estreita.

E emquanto procuravamos uma mesa, não sabia do meu assombro. Frederico, com automovel luxuosissimo e casado! Mas, como? Com que? Havia herdado? Não sabia que tivesse algum parente fóra daquelles tios de S. Paulo, dono de alguns hectares de terra sem valor.

— Agora, conversemos á vontade! Casei-me com Margarida Rialto, a filha do fazendeiro Rialto. Dezoito fazendas... Oitenta mil cabeças de gado... Estás surpreso? Recordas-te daquellas angustiosas, mas pittorescas noites de farra? Lembras-te dos nossos ternos prehistoricos, fumando pontas de cigarros, restos da verba que terminava? Pois verás: Uma tarde, acabava de entregar as notas do expediente dos ministerios ao *Echo*, e seguia tranquillamente pela Avenida, pensando no carnaval triste que iria passar, á falta de dinheiro, quando passou uma formosa joven de dezoito annos. Linda, elegante, era acompanhada por um cidadão de certa edade, bastante descuidado no vestir, mas de aspecto respeitavel... Voltei e esperei-a á esquina proxima. A minha attenção não foi desdenhada pela moça, que me fitou com um sorriso encantador. Segui-a e acompanhei-a á porta do Grande Hotel. Durante o curto trajecto, trocámos uma infinidade de olhares e sorrisos... Era Margara... a que hoje é minha esposa...

— Mas, como te casaste, si não tinhas um vintem?

— Deixa-me continuar e já o saberás. Dizia, quando me interrompeste, que a acompanhei até á porta do hotel. Informei-me e soube que era filha daquelle potentado senhor.

— "Jorge! Jorge! — disse-me. — A occasião c... tumam pintal-a calva. Dá-lhe um laço e aperta-...

No dia seguinte e á mesma hora, depois de pre... rar-me como me permittiam os meus parcos m... fui postar-me no mesmo local da vespera. Conv... do meu futuro parentesco com o rico fazendeiro, ... bocei gestos de saudação expressivos, empreguei to... os meus dotes donjuanescos. Assim, tres dias mais... quarto, soube que no da moda se realizaria o pri... baile da temporada.

Nesse baile apresentei-me a ella. Estava eu co... frack de Pepe Burgos, que m'o emprestara.

Dancei com a joven. Perguntou-me si era jorna... Deus me livre! Disse-lhe que era director de u... companhia de seguros.

— Que audacia! ...

— Verás... Saudei o seu respeitavel progenitor. ... sympathico, mas lôrpa em tudo o que não se r... cione com a vida do campo.

Confiante e amavel, falou-me da companhia de ... guros e o velho foi conquistado por mim.

Dentro de tres mezes, eu me casava na maior int... dade, devido á morte de uma irmã de meu sogro. ... como eu, o misero repórter de ministerios, se enco... á porta de milhões... Mas o peor ainda estava por... fazer. Sem mentir, — eu o juro, — comecei a a... tura não sei como. A moça brilhava como um so... outro lado, a situação do pae era muito seductor... Sem embargo, algo me induzia a desapparecer ... sempre desse scenario, no qual representava eu ... cynico papel... Mas, ao mesmo tempo, uma voz ... forte me induzia a jogar a barra á parede. Com... dizia, o peor ainda estava por se fazer... Havi... apresentado como um homem de dinheiro. Era n... sario que a fortuna illusoria arribasse, definitivam... te, do contrario, eu desappareceria de repente, de ... maneira digna. Que fazer? Felizmente, a sorte c... tinuou a sorrir-me. Recordas-te daquella terrivel ... que arruinou meia duzia de casas bancarias e ou... tantas companhias de seguros? Pois ella veiu aju... os meus planos. Ao ter inicio a hecatombe finan... quinze ou vinte dias antes do meu enlace, torn... silencioso... A's perguntas de minha noiva negu... tal modo, que ella adivinhou a crise. Jurou-me q... casaria comvigo, fosse como fosse... Era millio... E isso bastava... Já vês que a não enganei. Ah... não me perdoaria nunca.

Uma tarde, trajando de negro, visitei o velho ... to. Disse-lhe que estava desfeito o noivado. O fa... deiro assombrou-se. Expliquei-lhe a minha situa... que me repugnava illudir a sua boa fé de pae am... e que não podia alimentar a idéa de que sua filh... unisse a um homem que nada possuia.

O velho, com lagrimas nos olhos, admirou o ... gesto e, commovido, assignou um cheque de cinc... contos, dizendo que tinha muita honra em casar a ... filha com uma pessoa digna como eu."

Preparei um luxuoso apartamento, com quinze ... tos, e devolvi o resto ao méu sogro, dizendo que ... o dote da minha noiva...

Frederico despediu-se de mim. Elle me havia ... fiado, como amigo intimo, um segredo que po... uma carta terrivel em outras mãos. Mas... co... tei-me em admiral-o.

Admirar o seu prodigioso cerebro, cuja imagin... posta a serviço da literatura, lhe teria dado o re... de um grande conteur...

A RAJADA

JA' não mais me ama. Confessou-m'o com a lealdade dolorosa dos instante pungentes.

E os olhos que boiavam, fascinados, dentro dos meus, jamais confortarão minha desesperadora angustia. As mãos tão carinhosamente prodigas cahirão desalentadas, esquivas, geladas. A bocca delirante e febril, murcha, murcha, sem o riso fresco e jovial, obstinada, obstinada...

Meu soffrimento não tem medida.

E sei que não voltará a illuminar-me a fé, a robustecer-me o animo.

Pediu-me, cheia de magoa, na decisiva vontade, o derradeiro encontro para que eu "a ouvisse com calma, com coragem, com superioridade, não pelo meu inexplicavel tormento ao seu opportuno abandono; o sentimento dorido, porém, pela quéda do que ingenuamente suppuzéra intremino, se revoltaria, talvez..."

E sei que não voltará, sei!

Não a comprehendi. Foi o grande erro para o qual, todavia, não encontro absolvição.

Sua doce melancolia, sua voz pausada e lenta, seus gestos languidos, esquecidos, esperaram dolorosamente em vão, longo tempo inutil e perdido. Não a comprehendi.

Generosa sempre, indulgente e piedosa para as minhas culpas de homem mundano, terna e confiante no destino que escolhêra de ser minha, tão minha, incondicionalmente minha...

E vae partir, em busca, certamente, da esperança radiosa, do futuro esplendente que não lhe dei porque nunca prometti... Egoista e brutal, deixei-a só, quando mais reclamava meu amparo, minha doçura, minha confiança...

Nos seus olhos erradios e tristonhos, na sua bocca fremente, que heroicamente suffocára o soluço afflicto e denunciador, conheci toda a revolta que a modestia orgulhosa procura occultar...

Hoje, tentei pedir que voltasse ao calor do velho affecto, e as mãos anniquiladas não souberam passar para o papel a miseria de meu coração vil e covarde.

Sua decisão é inabalavel.

Como viver, Senhor, no deserto de minha alma torva, na desesperança de meu espirito torturado e vencido?

Agora que sei que jamais voltará, subjugaria, voluptuosamente, meu destino incerto e, tremulo farrapo, atiraria a seus pés, humilhado, convertido, escravo...

E amanhã, o amigo piedoso, o amigo que sempre nos apparece nos momentos de extrema-uncção, virá dizer-me compungido e cheio da philosophia velhaca dos que não sentem, que a Vida é grande e bella, que a Vida é gloriosa e sã! E, depois, mais tarde, para surprehender na desillusão o gozo da angustia alheia, revelar-me-á que a viu pelo braço de um outro, que a viu, que a viu...

"Outro", Senhor! Senhor! Como si eu nunca suspeitasse, no meu egoismo carrasco, que "outro", cujo nome não sei, pudesse leval-a para longe, para outra ventura, para outros braços que não os meus! Que "outro" a conduzir[illegible] para o ninho calido e macio; que "outro" desvendaria seus olhos maravilhados e sem a melancolia dos dias incomprehendidos a novos astros de Belleza, de Triumpho, de Magia!

E, quando, occasionalmente, a encontrar pelas ruas ou á sahida do theatro, descuidada e sorridente, ao avistar no meu aspecto sinistro a sombra do que fui por sua graça e por seu favor, farrapo cançado e perdido nas sargetas da Vida, abrigar-se-á, medrosamente, amorosamente, ao calor do "outro" — Senhor! Senhor! — no horror instinctivo da defesa:

— Ah! um ebrio! Um ebrio, meu Amor!

Ebrio! Ebrio! mais vivo de que nunca! Mais consciente de que vibro, de que soffro, de que morro, de que... [illegible] adoro!

Ebrio! Ebrio! E as recordações a me impellirem ao delirio, á pratica de novo erro, de nova e abjecta covardia!

E sentil-a, e vel-a afastar-se lentamente, não só e desterrada, como [illegible] deixei, a sorrir gloriosamente como nunca a vi sorrir, cheia de mocidade triumphadora como não permitti que a contemplassem meus olhos cégos, esplendente de amor, de amor, de amor! ai de mim! Do amor de que serei o Lazaro eterno e vagabundo!

E verei desapparecer [illegible] seu vulto divino na distancia da noite espessa... E ouvirei, allucinado, o canto derradeiro, psalmo de Mysterio e de Belleza... E sentirei...

E, desamparado e faminto, abandonado e vencido, sem saude, sem fé, abrirei os braços para o vacuo, farrapo cansado e perdido nas sargetas da Vida...

NOEMI PITANGA.

(Do volume "Sangue", a sahir).

LENDA DO NATAL

I

Quando chega o Natal,
E sombria, espectral,
A noite envolve a terra
No seu manto de estrellas irisado,
Papae-Noel
Descerra a porta azul-ferrete da mansão
Do ceu,
E vem descendo
Pela serra,
No seu coxim de nuvens reclinado,
Trazendo,
Numa caixa de prata — o coração,
Como pequenos céos de anil,
Um theosuro de luz e pedrarias mil...

II

A noite já se occulta...
O clarim da alvorada
Vae, metallico, estrugir.
Do louro sol
— Fachos ardentes —
Os raios quentes
Despontam no arrebol.
E a meninada
Exulta
E contempla, a sorrir,
Embevecida,
Dos pedaços de céo,
Cheios de vida,
A pequenina torre de Babel...

JORGE DUARTE RIBEIRO.

AQUI ENCONTRAREIS A VOSSA SALVAÇÃO

com

os Suppositorios e a Pomada MIDY as

HEMORRHOIDAS

são rapidamente supprimidas.

As hemorrhoidas não são sómente terriveis pelos supplicios que occasionam nem pela desagradavel repercussão que teem sobre o temperamento das suas victimas : ellas são egualmente a origem de complicações de toda a especie, das quaes bastará simplesmente citar as menos graves taes como : as fendas, as fistulas, os abcessos, os phlegmões, que podem pela sua frequencia e conforme os casos, provocar accidentes mortaes.

LABORATORIOS MIDY FRÈRES, 4, Rue du Colonel Moll, PARIS

Agentes Geraes e exclusivos para todo o Brasil.

JULIEN & ROUSSEAU, 174, Rua General Camara — Caixa do Correio, 484, RIO DE JANEIRO